

REVISTA DA SEMANA

Nº 4

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

25 - 1 - 47





JOCKEY CLUB MUNDANO

Com o brilhantismo do costume, realizaram-se as carreiras de domingo no Hipódromo da Gávea em prosseguimento à temporada oficial do "turf" do Jockey Club Brasileiro. A reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA, durante essa tarde turfística colheu os instantâneos que aqui estampamos, na "pelouse" do elegante prado.





O MUNDO MARCHA e o Brasil também marcha, — e parece que marcha para uma era de melhor compreensão da democracia e de respeito à soberania popular. As eleições levadas a efeito em todo o país a 19 do corrente, segundo o depoimento do ministro da Justiça, Sr. Benedito Costa Neto, e dos líderes dos diversos partidos nacionais, decorreram em ambiente de completa calma, com o maior respeito e acatamento, desde os confins do Amazonas até as lindes do Rio Grande do Sul. Embora o ex-ditador Getúlio Vargas proclamasse que "voto não enche barriga", os brasileiros têm uma opinião diferente e estão aprendendo a votar... Sendo, no Rio de Janeiro, de caráter quase puramente municipal, — e acrescentando a circunstância de que o prefeito da cidade é nomeado, em vez de eleito, pois os pregoeiros da "autonomia" roeram a corda e faltaram aos seus compromissos, — houve relativamente pouca animação no pleito, havendo seções em que o número de abstenções foi de quarenta e até de cinquenta por cento... Isso ocorreu especialmente nos bairros granfinos da zona sul, pois muita gente está fora do Rio, nas montanhas, veraneando... Se todos os eleitores faltosos vão ser realmente multados, a renda federal tomará um grande impulso... Faleceu no Rio, no domingo passado, o senhor Fred Figner, o popularíssimo homem da Casa Edison, introdutor do fonógrafo no Brasil e pioneiro da fabricação de discos entre nós. Entre outras gravações de sucesso, ele lançou, há quarenta anos atrás, ou pouco menos, "Luar do Sertão", "Rato, rato, rato" (sem alusão ao Fluzza) e "Minha Caraboo", grandes êxitos do passado... Foi também o inventor da "Inana, a mulher voadora", que assombrou o Rio de Janeiro, mas que não passava de um truque de mágica, feito com espelhos, no qual a "mulher voadora" era um rapazinho travestido... Houve, nos cinemas do Rio, uma nova "reprise" da película "Favela dos meus amores", cujo negativo a produtora Carmen Santos vendeu por sessenta mil cruzeiros, depois de mais de dez anos de exploração. E "Favela" pegou mais uma linha de "obrigatoriedade"! Ainda dizem, apesar disso, que o cinema nacional não dá dinheiro... Por falar nisso, onde andam os filmes novos da Atlântida, "Luz dos meus olhos" e "O mundo é um pandeiro"? Um bom tema para uma fita de mocinho: "Zé da Ilha", o Robin Hood dos morros, o ladrão e assassino que foge quando quer e também se entrega quando quer. Posto em liberdade pelo delegado Dulcídio Gonçalves, cuja atitude foi muito reprovada, "Zé da Ilha" foi mandado buscar, outra vez, e está debaixo de chaves. O cronista Henrique Pongetti fez uma excelente página, no "O Globo", confrontando o "Zé da Ilha" com um certo coronel Kiss... Kiss, como se sabe, significa beijo, em inglês. Salu, afinal, a nota do Itamarati, sobre o incidente em que se envolveu, em Moscou, o Sr. Soares de Pina, secretário da Embaixada do Brasil. A nota, embora enérgica, reduziu o caso às proporções de um incidente pessoal. Mas o Brasil declarou que reduzirá o "status" da nossa representação em Moscou, se não encontrar facilidades, por parte do governo soviético, para a instalação da nossa Embaixada, que mora em quartos de hotel, sem conforto algum. O general George Marshall, antigo chefe do Estado Maior do Exército Norte-Americano, é o novo secretário de Estado do presidente Truman. Que virá aí? Continuação de Cordell Hull? Ou será uma volta à "big stick policy", que caracterizava a conduta dos Estados Unidos na era republicana, anterior a Roosevelt? Parece que a Europa está caminhando para uma política de bom entendimento. A Inglaterra está menos anti-russa (e a viagem do marechal Montgomery a Moscou, bem como o seu contacto direto com Stalin parecem ter influido nesse sentido), assim como os rumos políticos da França e da Itália estão se definindo num sentido de união continental. A propósito, teve grande significação a eleição do sr. Vincent Auriol para presidente da República Francesa, por se tratar de um socialista, membro dessa corrente de pensamento que os comunistas desdenhosamente chamam de "utópica". A utopia está triunfante na Inglaterra, na França e na Itália. Foi levantada, dentro da Academia Brasileira de Letras, a candidatura do Sr. Afonso Pena Junior à vaga aberta com a morte de Afrânio Peixoto. Mas, domingo, noticiava o "Diário Carioca", não sabemos ainda se com fundamento, ou não, que duas outras candidaturas haviam surgido: as dos deputados Gilberto Freyre, autor de "Casa Grande e Senzala", um dos livros famosos da nossa literatura, e Afonso de Carvalho, autor de "Caxias". O Sr. Afonso Pena Junior, que também faz política, foi ministro da Justiça. Se além do merecimento literário entrarem em linha de consideração os títulos políticos, o Sr. Afonso Pena Junior ganhará por cabeça... Por falar nisso, o ilustre mineiro foi galardoado, este ano, com o Prêmio da Fundação Felpe de Oliveira, agora dado, pela primeira vez, a um homem que tem mais de sessenta anos. O prêmio, que lhe foi conferido pelo livro "A Arte de furtar e seu autor", foi desdobrado em dois, cabendo a outra metade ao Sr. João Guimarães Rosa, jovem diplomata e autor do livro de contos "Sagarana". E como a coluna já está cheia, vamos ficar por aqui mesmo. Até o próximo sábado, que será, por sinal, o dia 31 de janeiro, a nos lembrar que já esgotamos a décima segunda parte deste ano da graça de 1947...

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

UM BOM COMPANHEIRO QUE PARTIU

O DESAPARECIMENTO DE OCTAVIO TAVARES

Um dos nossos melhores companheiros, pelo convívio encantador de sua inteligência, pelo brilho de sua cultura e pelas excelências do seu caráter, acaba de partir para a grande viagem de onde jamais se volta. Esse companheiro, que um grupo de amigos fiéis levou à última morada no sábado passado, se chamou Octavio Tavares e o seu nome é, decerto, familiar aos nossos leitores, pois inúmeras vezes assinou, em nossas páginas, crônicas, contos e comentários que se distinguiam pelas galas do estilo, como pela significação do seu conteúdo. Alto funcionário federal, Octavio Tavares era, porém, antes de tudo, um escritor e um jornalista. Autor dos romances "Mangue" e "Dona Bôa", páginas flagrantes e sugestivas da vida carioca contemporânea, e do livro intitulado "Do Amazonas à Guanabara", que escreveu para concorrer a um concurso do Touring Club do Brasil, Octavio Tavares era também um primoroso poeta, como servem de amostra os versos de François Coppée, por ele traduzidos para o "Almanaque do Eu Sei Tudo" de 1947, o último trabalho jornalístico a que se dedicou. Antigo secretário da REVISTA DA SEMANA, passara desse posto a redator-chefe do "Eu Sei Tudo", ao desaparecer nosso saudoso companheiro Renato de Castro, — emprestando a esta empresa uma colaboração feita de talento e de boa vontade. No cemitério de São João Batista, depois da encomendação do corpo do saudoso escritor e querido companheiro, falou em nome da REVISTA DA SEMANA, representada no ato pelo seu diretor-presidente, o nosso ilustre colaborador, o acadêmico João Luso, que em palavras comovidas apresentou a Otávio Tavares as despedidas de todos nós, ao mesmo tempo que fez o elogio da sua personalidade como homem e como intelectual, exaltando os seus valiosos serviços a esta organização. Sobre o túmulo de Octavio Tavares, o excelente, o boníssimo companheiro que partiu, aqui depositamos a corôa simbólica do nosso afeto e da nossa saudade.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES



JOCKEY CLUB MUNDANO

Com o brilhantismo do costume, realizaram-se as carreiras de domingo no Hipódromo da Gávea em prosseguimento à temporada oficial do "lurf" do Jockey Club Brasileiro. A reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA, durante essa tarde turfística colheu os instantâneos que aqui estampamos, na "pelouse" do elegante prado.





O MUNDO MARCHA e o Brasil também marcha, — e parece que marcha para uma era de melhor compreensão da democracia e de respeito à soberania popular. As eleições levadas a efeito em todo o país a 19 do corrente, segundo o depolimento do ministro da Justiça, Sr. Benedito Costa Neto, e dos líderes dos diversos partidos nacionais, decorreram em ambiente de completa calma, com o maior respeito e acatamento, desde os confins do Amazonas até as lindes do Rio Grande do Sul... Embora o ex-ditador Getúlio Vargas proclamasse que "voto não enche barriga", os brasileiros têm uma opinião diferente e estão aprendendo a votar... Sendo, no Rio de Janeiro, de caráter quase puramente municipal, — e acrescentando a circunstância de que o prefeito da cidade é nomeado, em vez de eleito, pois os pregoeiros da "autonomia" roeram a corda e faltaram aos seus compromissos, — houve relativamente pouca animação no pleito, havendo secções em que o número de abstenções foi de quarenta e até de cinquenta por cento... Isso ocorreu especialmente nos bairros granfinos da zona sul, pois muita gente está fora do Rio, nas montanhas, veraneando... Se todos os eleitores faltosos vão ser realmente multados, a renda federal tomará um grande impulso... Faleceu no Rio, no domingo passado, o senhor Fred Figner, o popularíssimo homem da Casa Edison, introdutor do fonógrafo no Brasil e pioneiro da fabricação de discos entre nós. Entre outras gravações de sucesso, ele lançou, há quarenta anos atrás, ou pouco menos, "Luar do Sertão", "Rato, rato, rato" (sem alusão ao Fluzza) e "Minha Caraboo", grandes êxitos do passado... Foi também o inventor da "Inana, a mulher voadora", que assombrou o Rio de Janeiro, mas que não passava de um truque de mágica, feito com espelhos, no qual a "mulher voadora" era um rapazinho travestido... Houve, nos cinemas do Rio, uma nova "reprise" da película "Favela dos meus amores", cujo negativo a produtora Carmen Santos vendeu por sessenta mil cruzeiros, depois de mais de dez anos de exploração. E "Favela" pegou mais uma linha de "obrigatoriedade"! Ainda dizem, apesar disso, que o cinema nacional não dá dinheiro... Por falar nisso, onde andam os filmes novos da Atlântida, "Luz dos meus olhos" e "O mundo é um pandeiro"? Um bom tema para uma fita de mocinho: "Zé da Ilha", o Robin Hood dos morros, o ladrão e assassino que foge quando quer e também se entrega quando quer. Posto em liberdade pelo delegado Dulcídio Gonçalves, cuja atitude foi muito reprovada, "Zé da Ilha" foi mandado buscar, outra vez, e está debaixo de chaves. O cronista Henrique Pongetti fez uma excelente página, no "O Globo", confrontando o "Zé da Ilha" com um certo coronel Kiss... Kiss, como se sabe, significa beijo, em inglês. Salu, afinal, a nota do Itamarati, sobre o incidente em que se envolveu, em Moscou, o Sr. Soares de Pina, secretário da Embaixada do Brasil. A nota, embora enérgica, reduziu o caso às proporções de um incidente pessoal. Mas o Brasil declarou que reduzirá o "status" da nossa representação em Moscou, se não encontrar facilidades, por parte do governo soviético, para a instalação da nossa Embaixada, que mora em quartos de hotel, sem conforto algum. O general George Marshall, antigo chefe do Estado Maior do Exército Norte-Americano, é o novo secretário de Estado do presidente Truman. Que virá aí? Continuação de Cordell Hull? Ou será uma volta à "big stick policy", que caracterizava a conduta dos Estados Unidos na era republicana, anterior a Roosevelt? Parece que a Europa está caminhando para uma política de bom entendimento. A Inglaterra está menos anti-russa (e a viagem do marechal Montgomery a Moscou, bem como o seu contacto direto com Stalin parecem ter influido nesse sentido), assim como os rumos políticos da França e da Itália estão se definindo num sentido de união continental. A propósito, teve grande significação a eleição do sr. Vincent Auriol para presidente da República Francesa, por se tratar de um socialista, membro dessa corrente de pensamento que os comunistas desdenhosamente chamam de "utópica". A utopia está triunfante na Inglaterra, na França e na Itália. Foi levantada, dentro da Academia Brasileira de Letras, a candidatura do Sr. Afonso Pena Junior à vaga aberta com a morte de Afrânio Peixoto. Mas, domingo, noticiava o "Diário Carioca", não sabemos ainda se com fundamento, ou não, que duas outras candidaturas haviam surgido: as dos deputados Gilberto Freyre, autor de "Casa Grande e Senzala", um dos livros famosos da nossa literatura, e Afonso de Carvalho, autor de "Caxias". O Sr. Afonso Pena Junior, que também faz política, foi ministro da Justiça. Se além do merecimento literário entrarem em linha de consideração os títulos políticos, o Sr. Afonso Pena Junior ganhará por cabeça... Por falar nisso, o ilustre mineiro foi galardoado, este ano, com o Prêmio da Fundação Felipe de Oliveira, agora dado, pela primeira vez, a um homem que tem mais de sessenta anos. O prêmio, que lhe foi conferido pelo livro "A Arte de furtar e seu autor", foi desdobrado em dois, cabendo a outra metade ao Sr. João Guimarães Rosa, jovem diplomata e autor do livro de contos "Sagarana". E como a coluna já está cheia, vamos ficar por aqui mesmo. Até o próximo sábado, que será, por sinal, o dia 31 de janeiro, a nos lembrar que já esgotamos a décima segunda parte deste ano da graça de 1947...

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

UM BOM COMPANHEIRO QUE PARTIU

O DESAPARECIMENTO DE OCTAVIO TAVARES

Um dos nossos melhores companheiros, pelo convívio encantador de sua inteligência, pelo brilho de sua cultura e pelas excelências do seu caráter, acaba de partir para a grande viagem de onde jamais se volta. Esse companheiro, que um grupo de amigos fiéis levou à última morada no sábado passado, se chamou Octavio Tavares e o seu nome é, decerto, familiar aos nossos leitores, pois inúmeras vezes assinou, em nossas páginas, crônicas, contos e comentários que se distinguiam pelas galas do estilo, como pela significação do seu conteúdo. Alto funcionário federal, Octavio Tavares era, porém, antes de tudo, um escritor e um jornalista. Autor dos romances "Mangue" e "Dona Bôa", páginas flagrantemente sugestivas da vida carioca contemporânea, e do livro intitulado "Do Amazonas à Guanabara", que escreveu para concorrer a um concurso do Touring Club do Brasil, Octavio Tavares era também um primoroso poeta, como servem de amostra os versos de François Coppée, por ele traduzidos para o "Almanaque do Eu Sei Tudo" de 1947, o último trabalho jornalístico a que se dedicou. Antigo secretário da REVISTA DA SEMANA, passara desse posto a redator-chefe do "Eu Sei Tudo", ao desaparecer nosso saudoso companheiro Renato de Castro, — emprestando a esta empresa uma colaboração feita de talento e de boa vontade. No cemitério de São João Batista, depois da encomendação do corpo do saudoso escritor e querido companheiro, falou em nome da REVISTA DA SEMANA, representada no ato pelo seu diretor-presidente, o nosso ilustre colaborador, o acadêmico João Luso, que em palavras comovidas apresentou a Otávio Tavares as despedidas de todos nós, ao mesmo tempo que fez o elogio da sua personalidade como homem e como intelectual, exaltando os seus valiosos serviços a esta organização. Sobre o túmulo de Octavio Tavares, o excelente, o boníssimo companheiro que partiu, aqui depositamos a corôa simbólica do nosso afeto e da nossa saudade.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS 1.ª E
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Olivia (Silvana Roth) e Eugênio (Francisco de Paula), em uma cena do filme argentino "Olhai os lírios do campo" (extraído do romance brasileiro de Erico Veríssimo).

UM ROMANCE BRASILEIRO NO CINEMA ARGENTINO

"Olhai os lírios do campo", a obra de Erico Veríssimo, interpretada por um grande elenco platino.

Por ODILON AZEVEDO

Especial para REVISTA DA SEMANA

BUENOS AIRES, janeiro — Aqui vão, para a REVISTA DA SEMANA, alguns flagrantes de um filme que podemos chamar de argentino-brasileiro. Ou brasileiro-argentino, se os leitores preferem. Na verdade, se o argumento é a matéria prima, o que há de essencial numa película, esta é, na verdade, brasileiro-argentina, pois o filme em questão nasceu de uma das obras mais populares da nossa literatura moderna: "Olhai os lírios do campo", o romance-coqueluche do brilhante escritor Erico Veríssimo. Na Argentina, o êxito de "Olhai os lírios do campo" como livro foi igual, sinão maior que no Brasil. E, por isso, o ambiente de interesse em torno do filme é muito grande. Uma

coisa que tem contribuído para aumentar ainda mais esse interesse é o excelente elenco que nele figura. O papel de Eugênio, do livro de Erico Veríssimo, é feito pelo ator Francisco de Paula, um dos mais apreciados galãs platino. O papel de Olivia, — de quem os leitores de Erico Veríssimo tanto se lembram, — é feito por Silvana Roth. O de Eunice, a rival de Olivia, é feito pela atriz Irma Córdoba. Cintra é interpretado por essa figura de talento e de tradição do teatro argentino, que se chama Enrique de Rosas. Seixas é desempenhado por José Olarra e Dora por Nelly Daren, completando o elenco Ricardo Castro Rics, Hugo Pimentel, Federico Mansilla, Mauricio Juvet e outros. O livro de

Erico Veríssimo foi adaptado ao cinema por Mariano Perla e teve os diálogos escritos por Túlio Demicheli. O produtor, Carlos Gallart, é um nome de muita experiência e aqui se atribui muito acerto à sua decisão, de convidar Ernesto Arancibia para dirigir a película. A equipe de técnicos que foi chamada a cooperar na película é excelente: Humberto Peruzzi, diretor de fotografia; Raul Soldi, cenógrafo; Ignacio Souto, "cameraman" e German Szulem, técnico de som. O filme tem o selo da produtora Sur Cinematográfica Argentina.



Ao alto, à esquerda: Nelly Daren, no papel de Dora, e Francisco de Paula, no papel de Eugenio, em "Olhai os lírios do campo". A direita: A atriz argentina Irma Cordoba, no papel de Eunice, a rival de Olivia, no livro "Olhai os lírios do campo", de Erico Veríssimo. Em baixo, à esquerda: Este é o Cintra, de "Olhai os lírios do campo", talvez um pouco diferente do que Erico Veríssimo imaginou, mas como o entendeu o diretor Arancibia e como o ator Enrique de Rosas o interpretou. A direita: Cena de "Olhai os lírios do campo", com Ricardo Castro Rios, Nelly Daren, Federico Mansilla e Irma Cordoba.





O ANO, O SÉCULO E O MUNDO

Por BERILO NEVES

Especial para REVISTA DA SEMANA

SENHORES! Estamos vivendo, talvez, o último século da História Universal. O ano de 1947 será como um dos que precederam a pavorosa destruição de Pompéia e Herculano. O novo ciclo da viagem terráquea encontra-nos com os tímpanos ressoantes dos estampidos destruidores de Hiroshima e Nagasaki. A campanha tradicional dos brindes augurais do Novo Ano tem o sabor das velhas tragédias gregas. Antígona passeia o seu desespero por entre filas silenciosas de bombas atômicas — alinhadas militarmente à espera de um sinal imprevisível... Os clangores dos instrumentos metálicos, que soam alto ao vencer da nova etapa, tiveram, sem dúvida, o acento duvidoso das protofonias anunciadoras dos máximos acontecimentos do palco... Esmorecem as

luzes da ribalta; passa, na espinha dorsal dos espectadores, o **frisson** dos grandes momentos musicais; e o choro levíssimo dos violinos é como o anúncio sonorizado de trechos que convidam as almas sensíveis à doce eflorescência das lágrimas...

Não nos iludamos, amigos. A Humanidade marcha ao encontro de um destino bíblico. Lemos, nas paredes simbólicas do Mundo, as mesmas palavras que perturbaram a alegria e glotonaria de Baltazar no último festim que o céu lhe permitiu — e aos seus amaldiçoados convivas. Vamos pagar pelos nossos crimes e os dos nossos antepassados, desde o patriarca Noé e os bichos da arca. Desta vez, não

temos ensejo de construir, aos olhos compassivos do Senhor, uma barcaça em que entremos todos, com rádio, vitrola e serpentinhas em barba. Não faremos, a bordo do instrumento náutico de salvação universal, a festa da passagem do Equador, com Netuno de tridente em punho e belas nereidas, de cabelo oxigenado e corpo à Hollywood. O banho que nos reservam as traças da Providência é ignívono e, como tal, sem remédio. Choraremos, em vão, pela água que matou os pecadores à época do grande Dilúvio. Estamos acendendo, em forma portátil, o fogo da grande catástrofe. O Átomo desintegrado é um veículo da cólera divina. Pecamos muito: vamos pagar, com uma fogueira imensurável, os pecados longos dos séculos que nos antecederam...

O Ano Novo é uma continuação de sustos e uma perpetuação de enganos. Os problemas sociais agravam-se à medida que se exacerba o egoísmo dos ricos e a impaciência dos pobres. De que serve adiantar de um segundo o relógio do Tempo? A Eternidade espera-nos, impassível e vingadora. Há fome e lágrimas em duas terças partes do mundo. Sobre o táfalo dos heróis ainda não endureceu de todo a terra, e já outras guerras se desenham, no horizonte das nações. Debalde os especialistas em energia nuclear advertem os povos quanto ao caráter calamitoso do conflito porvindo. A Humanidade prepara tranquilamente o suicídio, tal como a **cocotte** que dissolve, na última dose da bebida predileta, a primeira do veneno fatídico... Estamos em face de um ato de desespero da nossa malograda espécie. O homem, cansado de edificar civilizações deslumbrantes, volta à sombria animalidade dos primeiros tempos da sua crônica — e reentra, cabibaixo e vencido, na escura caverna das idades primárias...

Enquanto isso, a Natureza renova, cada dia, o programa festivo dos seus quadros prodigiosos. O trinado dos pássaros, a coloração das folhas, a variedade das flores, a graça e leveza dos ventos, a fácil mutabilidade das paisagens celestes — tudo é belo, e cada vez mais sugestivo e perfeito. Não há Ano Novo no calendário da Natureza — mas os dias novos são sempre férteis de surpresas para os olhos maravilhados dos estetas. Toda madrugada é uma revelação de cores e de formas. Não há crepúsculo vespertino que não tenha um tom inédito, um matiz indesejado. A sucessão dos dias e das noites é fonte perene de novidades. Mas o homem, desatento à música envolvente das cousas e dos seres, ocupa-se em fabricar bombas capazes de destruir cidades, impérios, civilizações...

As árvores possuem uma filosofia especial, que tem passado despercebida a Aristóteles, Platão, Demócrito, Tomas Bacon, Descartes, Spinoza e outros investigadores dos mistérios do Universo. Possuem a conformação essencial à sua qualidade, natureza e fins. Não se revoltam contra o decreto que as fixou perenemente ao solo. E a imobilidade de nascença não lhes veda o rumorejar dos ramos, nem o agitar das folhas à passagem regular dos favônios... Ainda quando solitárias, num ermo, ou numa eminência de terra, guardam a sua serenidade bíblica — e nunca levantam, para o céu, os braços angustiados, em protesto contra o Criador que as vestiu de folhas e de flores...

OPERA ATÉ DEBAIXO D'AGUA

O Carro de Tespis, entre o Teatro Municipal e a Esplanada do Castelo — Um cardume engarrafado — A concepção esportiva da arte lírica... — Gina Gigna e uma advertência aos jovens — Elizabetta Barbatto, inesquecível intérprete da "Tosca" — Rafaele de Falchi e um "Rigoletto" imprudente.

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

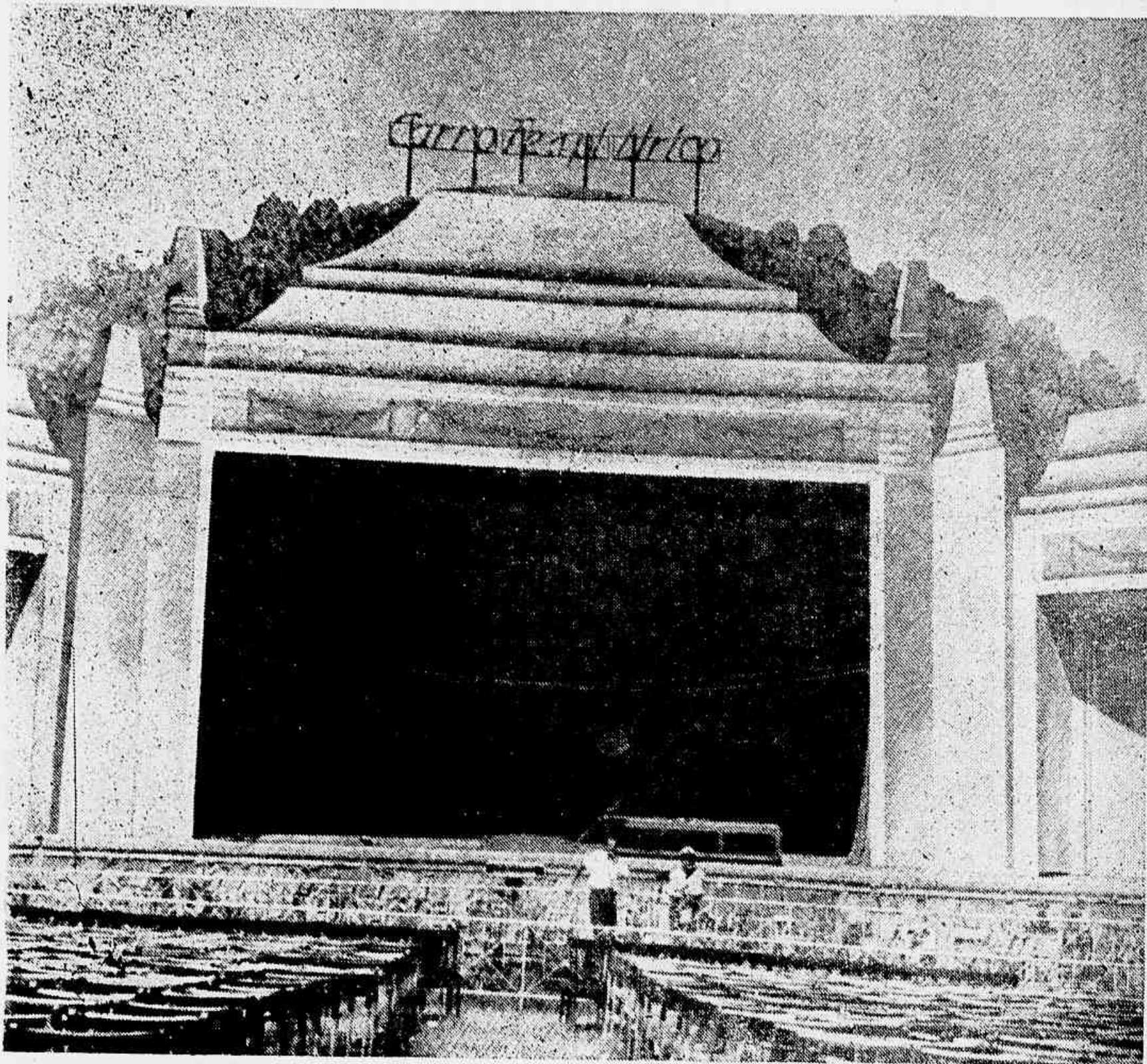
O ELENCO do "CARRO DE TESPIS", transportado para o Teatro Municipal, nos deu a impressão de um cardume bulhoso que é, súbitamente, encerrado numa garrafa de gargalo estreito. Sentia falta de ar. Tinha saudade do oceano, das ondas. Não vai nisso alusão às chuvas, que fez com que o plano inicial de apresentar as óperas ao ar livre fosse modificado às pressas. O fato é que os artistas do "Carro de Tespis" já se estavam habituando às montagens monumentais, aos "espetáculos" propriamente ditos. Vem o contratempo inevitável e eles são atraídos dentro de um recinto fechado. Encolhe o cenário. O público limita-se. Em compensação, a orquestra, mais apagada ao ar livre, cresce e afoga a voz dos menos vigorosos... A adaptação não se faz sem certo desequilíbrio, certos desajustamentos.

O que não sofre alteração e continua a encantar, é o entusiasmo com que eles se lançam aos dramas tremendos, às partituras que cobrem com opulenta melodia o esqueleto horripilante de mortes, assassinios, amor e dor, à melhor maneira romântica. São as mesmas óperas que vemos em desfile monótono todas as temporadas. Mas esse grupo moço, ainda um tanto ou quanto destreinado, sem maiores refinamentos, toma conta do público com suas vozes frescas, belas, quase todas anunciando futuros cantores no grande estilo italiano.

Descobre-se timbres de excepcional pureza, como o de Anna Faraone, extensão e volume é que não faltam a um Rafaele de Falchi, por exemplo.

Encontra-se, até, perdida no seio daquela turma chela de vitalidade, uma artista completa, com voz e escola, que

...e o Teatro Municipal, onde foram se abrigar os artistas, nos dias chuvosos, como pelxes de alto mar em minúsculo aquário...



O "Carro de Tespis", onde começou a temporada lírica extra-oficial...

um ligeiro retoque na parte cênica, a cargo da experiência teatral, levará a culminâncias raramente atingidas num início de carreira: Elizabetta Barbatto. Uma ou outra veterana: Maria Benedetti, sempre em forma; Gina Cigna, que já avonçou muito na estrada do declínio.

"BOEMIA", UM AGUDO E UM "BRAVO"

Os frequentadores habituais do Municipal viram, com surpresa, uma invasão das galerias por uma série de amantes da ópera italiana que há muito tempo não compareciam à temporada lírica. Os heróis dos "bravos" repetidos e estrepitosos, os famosos "torcidas" do canto, de que é espécimen típico aquele veterano que, da última

fila tonitroava fulminante; confundindo ópera com futebol:

— Entra, Schippa! Ai, Schippa!

Não estava ali Schippa, mas compareceram os torcedores para degustar fartas doses de "tenutas", sustentadas esportivamente pelo tenor Mario Filipeschi, agudos que o barítono de Falchi galgava com tal agilidade e despreocupação que, caso ele continuasse a se entregar às mesmas extravagâncias, estragar-lhe-ão, muito cedo, a belíssima voz, que ele prodigaliza sem maiores cuidados aos ouvidos delicados do público.

A "Beêmla", que nos apresentou Anna Faraone e Mario Filipeschi foi encenada com uma vivacidade extraordinária.

Anna Faraone, apesar da dificuldade no fraseado, do registro médio velado, sobressai na emissão segura e puríssima dos agudos, onde tantos cantores de arte mais trabalhada fracassam.

Mario Filipeschi, tenor lírico de timbre agradabilíssimo, também se especializa em matéria de agudos, conseguindo, por intermédio destes, ovação delirante. O "Che Gelida Mantina" terminou numa consagração e num pedido de bis.

De Falchi, depois da estréia auspiciosa, na Aida, tratou de cobrir no final do segundo ato, a orquestra, o coro e os outros solistas, lembrando o célebre Tamagno que, dizem, quando cantava arrebatava as vidraças... Voltaremos a comentar as possibilidades desse jovem barítono a respeito de sua performance no "Rigoletto".

Lucia Mero foi uma Musetta medíocre, ao passo que a voz generosa e redonda de Giulio Neri arrancou, com o "Vecchia Zimarra", os habituais aplausos.

"TRAVIATA" E O FIM DE UMA CANTORA

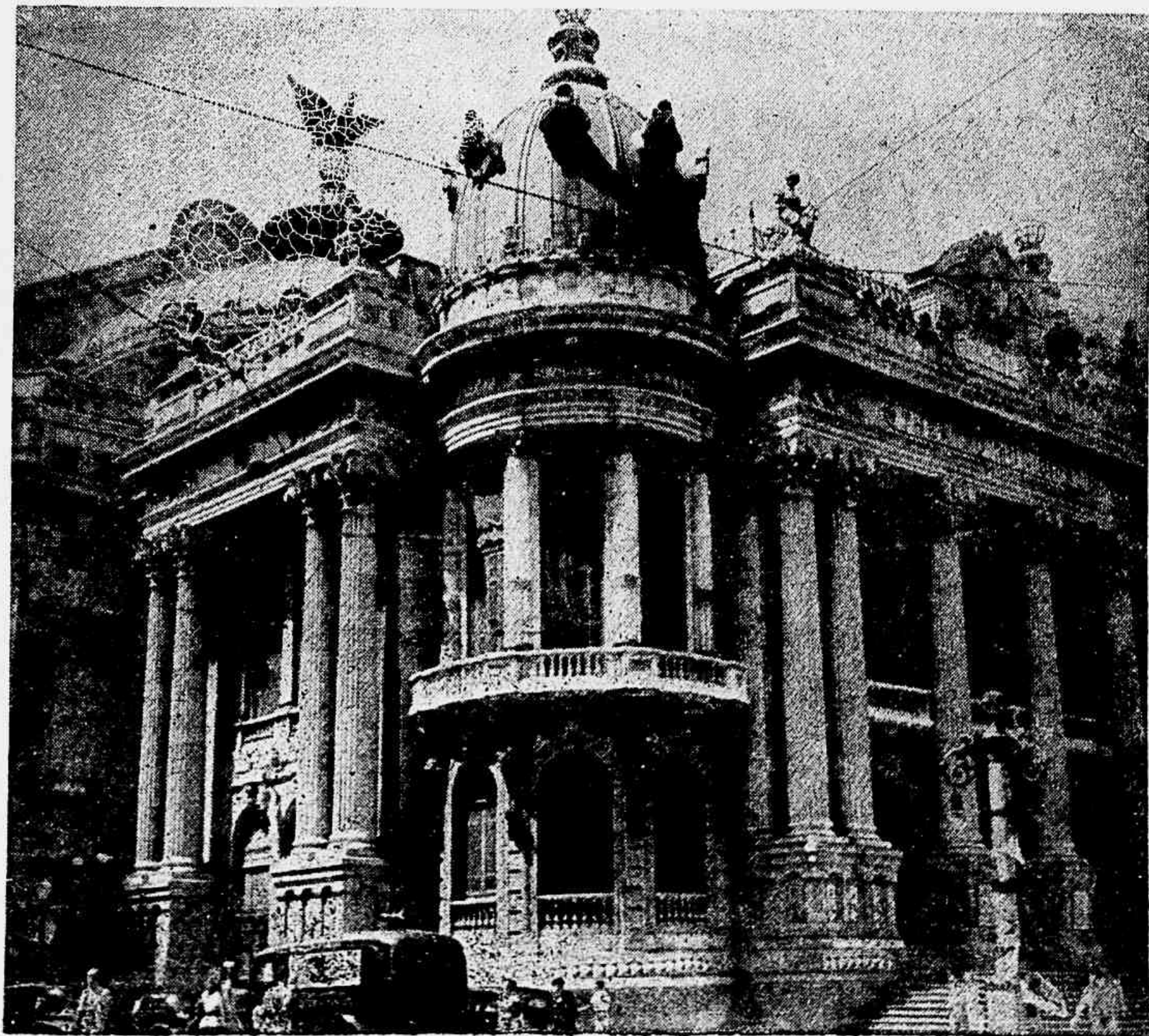
A "Traviata", normalmente, põe cabelos brancos nos sopranos, pois a diferença entre exigências vocais tremendas do primeiro ato e as dificuldades dos atos subsequentes estavam a reclamar um soprano absoluto. Para quem, como Gina Cigna, sempre se valeu dos recursos mais compatíveis com o registro do soprano dramático, a parte de coloratura apresentava obstáculos que teriam que ser vencidos, mantendo a maior discrição possível na primeira parte do espetáculo para tirar proveito, então, de trechos do segundo, terceiro e quarto atos.

Em Gina Cigna vê-se, perfeitamente, como desaparecem rapidamente essas vozes demasiado generosas, gastas num canto irregular, sempre dando o máximo volume, sem o cuidadoso domínio que caracteriza uma arte mais racional, menos instintiva. Ela empolgava, na "Norma", na "Gloconda", em "Turandot", pelo brilho de uma voz que perdeu o colorido, as sonoridades quentes, a segurança e a extensão. Agora, vai catando quantas cintilações esparsas ainda lhe restam e, uma nota aqui, outra além, lembram a grande e belíssima voz de há alguns anos, a voz perdida.

E' essa imprudência, que verificamos em muitos cantores, como Rafaele de Falchi, por exemplo, que nos põe apreensivos.

Lotti Camici, que cantou com Gina Cigna a "Traviata", é uma mediocridade semelhante a tantas que têm visitado

(Continua na pág. 56)



e que resistem à água e ao fogo, que permitiram à "L'IPC" de Appleton (Wisconsin) construir uma casa de 3 metros por 6 que há dois anos se mantém de pé, desafiando os elementos atmosféricos, em um clima assaz rude.

ALGAS INDUSTRIAIS

As algas marinhas — sargaços e lichens e outros — não eram utilizadas quase até agora, sinão como adubos ou para fazer colchões ou para delas se extraírem certos produtos químicos. Mas a guerra e a necessidade tornam a gente engenhosa... Os ingleses tiraram partido das algas, que o mar lhes fornecia abundantemente. Tornaram-se elas enorme indústria, que fornecia alimentos, artigos têxteis, matérias plásticas, tinturas, produtos farmacêuticos. Com efeito, conseguiram os ingleses até tirar das algas o alinható de cálcio, substância aparentada com a celulose. Foi um belo êxito, tanto maior quanto a matéria prima, as algas, é inexgotável.

A PLÁSTICA DOMINADORA

Todos os dias surge uma nova realização no domínio das matérias plásticas. Um exemplo: acaba-se de idear a utilização da matéria plástica transparente de que são feitos os "vitrais" de aviões para a fabricação de berços... Sabe-se, com efeito, como é difícil, sobretudo nas "creches", vigiar os bebês dentro de seus berços. O novo berço transparente tem a forma de uma banheira de ferro esmaltado. É levíssimo, munido de buracos para ventilação e de sólidas massas de cobre.

O "STROBOSCOPIO"

Conhecem-se os males das lampadas de magnésio usadas pelos "reporters" fotográficos para tirarem chapas à luz artificial.

Não somente o barulho da deflagração assusta a assistência e a deflagração espalha uma nuvem incômoda de fumaça, como a viva e cegante luz faz com que as pessoas instantaneamente se metam a fazer caretas, algumas fechando os olhos, o que prejudica a nitidez da fotografia. Para evitar todos esses inconvenientes, fez-se um novo aparelho chamado "stroboscópio". Permite esse aparelho tirar fotos de interior em 1/30.000 do segundo. O resultado é que as reações das pessoas a fotografar não se adaptam a essa rapidez extrema, e os "pacientes" nem sequer tem tempo para caretear ou fechar os olhos, sinão depois da foto já tirada...

PARA VER NO ECURO

Num céu sem visibilidade, o navegador pode, futuramente, "ver" a sua posição em 60 segundos. Os técnicos ingleses acabam, efetivamente, de por em prática um posto reduzido chamado "Consol", em nítido progresso sobre o "Sonno" da aviação alemã. O serviço é automático e disponível 24 horas por dia para os aviões e navios que operem ao raio alcançado pelos emissores, que é, para cada um, de 1.600 quilômetros no ar e 2.500 quilômetros no mar. Basta regular em 1.140 metros para ouvir, após o indicativo "7H 7", os traços e pontos cujo número por minuto dão, depois de um simples gráfico, e posição pedida. Se vem que se constate um ligeiro desvio à noite, trata-se de um progresso sobre o "radar" pela simplicidade e automatismo.

INVENÇÕES JAPONESAS

Os nipônicos não se contentam em imitar os ocidentais, também sabem inventar. Assim é que entre os engenhos de guerra japoneses expostos em Anacostia (D.C.), vemos, entre outros, uma vela geradora de oxigênio para vôos de grande altitude, de concepção bastante original, um dinamo de magneto permanente em aligação nova, e asas de avião de um metal de composição indeterminada. Há também um "radar" que parece irmão de um aparelho americano, cujo fabricante pediu para estudar a "cópia" japonesa. A conclusão a que chegou é que o aparelho japonês pesa duas vezes menos e é duas vezes mais eficaz do que o original americano! Cópia ou inspiração?

CONTRA A DROGA

O número de pessoas que tentam suicidar-se ingerindo grandes doses de narcótico cresce tão inquietantemente, que esforços vem sendo feitos para descobrir antídotos satisfatórios. A última aquisição da terapêutica é de uma eficácia aparentemente completa: um farmacêutico de Lynbrook (L.Y.) surge com a benzedrina (sulfato de anfetamina). Este produto provoca no organismo uma série de reações diretamente opostas às provocadas pelos "barbitúricos" que compõem a maior parte dos narcóticos. Ministrado em injeções intravenosas, abrevia o período da inconsciência e evita a pneumonia. Os desesperados, portanto, vão passar a ser contrariados.

FILMES HIPERSENSÍVEIS

O fabrico das películas aperfeiçoadas é um dos males delicados que se conhecem. A operação, que consiste em impregnar de produtos químicos as grandes fitas de celuloide de 300 metros de comprimento, deve ser feita sob vidro, a uma temperatura invariável, num ambiente húmido e cuidadosamente purificado da poeira. Quanto ao pessoal, deve sujeitar-se todos os dias a uma visita médica e acusar a menor ranhadura. Antes de aproximar das fitas, o operador toma um banho, veste roupa interior fresca e sem fiapos e batas engomadas. Porque a película tem as suas "alergias" características, que a tornam sensível até aos micro-organismos.

GÁS NATURAL LÍQUIDO

O emprego de gás natural está se desenvolvendo, graças à sua abundância e baixo custo. Nas cidades onde ele é utilizado o consumo varia de acordo com as disponibilidades dos poços. Para reforçar as disponibilidades nas horas de maior consumo, a usina central que regula a saída do gás organiza reservas. O gás excedente é comprimido e depois liquefeito sob a ação do frio mais intenso que se possa conseguir. Para dispor de gás, basta suspender a refrigeração. (World copyright 1946 — A.F.P.).



O Sr. Warneit Kennedy, cientista inglês, estuda através deste complicado aparelho a possibilidade de serem feitas viagens à lua de dois a cinco dias, com o uso da energia atômica. Esse "navio do espaço" de forma cilíndrica esteve em exibição na exposição industrial "Britain can make it" (A Inglaterra pode fazê-lo), realizada no Victoria and Albert Museum, de Londres. — (Foto da Tropical Press).

MARAVILHAS DA CIÊNCIA APLICADA

NOVOS INVENTOS E ÚLTIMAS NOVIDADES

Por JEAN ST. CLAIR ★ (Da France-Presse — Especial para REVISTA DA SEMANA)

PAPEL QUE NÃO SE GASTA

CONHECEM-SE bem os progressos que os japoneses e os alemães realizaram na indústria do papel. Os americanos, de seu lado, fabricaram também papéis de valor notável. Por exemplo, os das cartas topográficas usados durante as operações de desembarque e que, quando submetidos a experiências, resistiram perfeitamente às provas seguintes: dobrados e dobrados mil vezes, metidos na água, enrolados vinte vezes, pisados sob os pés de uma porção de gente, isto é, de todo um regimento, esmagados por um "tank", amebidos em petróleo e lavados, escoovados, continuavam sempre o mesmo, a tudo resistiam. O segredo desse papel que não se gastava nunca não esteve no emprego, na sua fabricação, de fibras ve-

getais ou animais, mas na polpa de madeira comum, com fibras amalgamadas por um pouco de resina sintética.

CASAS DE PAPEL...

Os papéis assim tratados com resinas ou matérias plásticas se apresentam sob cem aspectos diferentes: papel ultra-fino, amolgável como a seda e com o qual se fazem roupas; papel-espuma hidrófilo e que não rasga nunca, para fazerem-se toalhas, guardanapos, lenços, etc., papel impermeável, mas muito fino, não-rasgável mesmo sob a água e empregado para se fazerem roupas para resistir à chuva, sacos de toilette, sacos para carregar frutos e frutas, papel espesso, com o qual se fazem canecas, recipientes, caixas para guardar mel ou creme. Enfim, o papel trabalhado em grandes painéis rígidos ou ondulados

A VIDA DE WILLIAM JAMES

(1842 - 1910)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA

com o Livraria do Globo, de Porto Alegre).

SEU avô, imigrante irlandês, era um homem prático do mundo. Seu pai, amigo de Emerson, um livre pensador místico. Tome-se o senso prático do avô e o misticismo do pai, adicione-lhes uma pitada de humor irlandês e uma dose generosa de sinceridade americana, e ter-se-á a combinação exata para a personalidade de William James.

Nasceu (no dia 9 de janeiro de 1842) em Astor House na cidade de Nova York, e viveu dentro ou perto de grandes cidades durante a maior parte de sua vida. A sua atitude em relação ao mundo, portanto, era colorida pela sua concepção da terra como "pedaço de natureza cheio de gente".

Apreciou a companhia alheia desde a infância. E, apesar das circunstâncias fáceis de sua família, não era "snob", em relação aos companheiros. A um rapazinho que se gloriava da seleção dos companheiros de jogos, declarou, "Eu brinco com meninos que xingam e dizem palavrões!"

— Era um jovem ativo — em flagrante contraste com seu irmão Henry, sujeitinho sossegado e contemplativo. Como demonstraram, ambos, precoce aptidão para a literatura, predisseram, os amigos da família, que William se dedicaria à ficção e Henry à filosofia. Ora, sucedeu exatamente o contrário. Até um certo ponto, contudo acertaram os profetas. William James transformou-se num filósofo que escrevia como romancista, e Henry James, num romancista que escrevia como um filósofo.

E ambos, assim, William e Henry, consideraram a sua preparação para as respectivas carreiras como um gasto de tempo. Em seu esforço para proporcionar às crianças a melhor educação possível levaram-nos, os pais, para a Europa e matricularam-nos numa escola após outra — em Londres, Paris, Boulogne-sur-Mer, Genebra, Bonn. Buscavam sempre "o canal perfeito da verdade" no qual pudessem banhar os espíritos precoces dos dois meninos. O resultado dessa educação eclética foi aprenderem eles "um pouco de tudo e não muito de coisa alguma".

Adquiriu, todavia, uma facilidade de linguagem que lhes permitiu devorarem todas as espécies de livros sobre todos os assuntos imagináveis. Exercitou-se-lhes, assim, o espírito, a semelhança nadadores de grandes distâncias em vez de habilidosos mergulhadores. Eram capazes de cobrir dilatados horizontes de experiência, embora incapazes de mergulhar nas profundezas dos mistérios do mundo.

O espírito de William James, especialmente, era sempre irrequieto, sempre ansioso de aventuras, sempre curioso de novos panoramas antes de se familiarizar completamente com os velhos. Eram tão variados os seus interesses que encontrou dificuldade em fazer uma escolha entre eles. Provou, assim, de todos os pratos intelectuais e artísticos que se lhe apresentavam ao sadio apetite, interessando-se por biologia, anatomia, filosofia, química, física, história natural e até pintura. E apesar de suas pesquisas intelectuais — ou melhor, por causa de sua curiosidade intelectual — conseguia encontrar tempo suficiente para as suas atividades sociais. Em 1860, entrou para o clube dos estudantes suíços, Société de Zoffingue, por cujos debates demonstrou ativo entusiasmo e por cujas devassidões manifestou interesse, sem bem menos ativo, não menos fascinado. Na linguagem social do tempo, era William James "um amigo", jovem espécime do dinâmico século dezenove.

Seu dinamismo multiforme, porém, precisava, como quer que fosse, coordenar-se numa profissão unificada. Não era de sua natureza, vagar sem rumo pela vida, e sentia a necessidade de eleger, definitivamente, entre a arte e a ciência. Optou pela ciência, entrando para a Escola Científica Lawrence (Universidade de Harvard) em 1861.

Renunciara, porém, ao pincel somente para transformar-se num pintor munido de uma pena, pois poucos escritores, na história da filosofia, tiveram estilo mais colorido.

James, no tocante ao ramo particular da ciência que adotaria como tarefa de sua vida. Pensou, por algum tempo, na química. Depois, seu interesse voltou-se para a medicina. Entrou para a Escola Médica de Harvard, doutorou-se e desistiu da medicina pela história natural, ingressando na expedição brasileira do professor Luis Agassiz, homem que admirava mais do que qualquer outro de seus mestres. "Desde Benjamin Franklin", escreveu muitos anos depois, "não tivemos entre nós uma personalidade que tanto impressionasse o homem comum".

Em companhia de Agassiz estudou os peixes do Amazonas. E, debaixo da influência de Agassiz, aprendeu a considerar os objetos da história natural como "tradução para a linguagem humana dos pensamentos do Criador. "O cientista filósofo de Harvard transformara, o jovem naturalista, nu filósofo científico.

Ao regressar aos Estados Unidos trazia, William James, uma idéia bem clara do futuro curso de sua vida. Escreveria e, se possível, ensinaria filosofia. Assistiu a uma conferência filosófica de Carlos S. Peirce, homem que procurava introduzir um novo sistema de pensamento denominado "pragmatismo". "Não consegui entender uma única palavra da conferência, disse James, "mas senti que ela encerrava, para mim, u'a mensagem definitiva". Passaria o resto da vida a trabalhar por compreender e interpretar essa "mensagem definitiva" de pragmatismo.

Antes, contudo, de encetar esse traba-

lho, experimentou um debilitamento físico e uma crise de depressão mental. Durante algum tempo pensou em suicidar-se. "Nenhum homem", disse, mais tarde, "é psicologicamente completo se não tiver, uma vez ao menos, na vida, meditado sobre sua auto-destruição". Fez uma viagem à Europa por amor da saúde, física e mental, e, dentro de poucos meses, restabeleceu-se tão completamente, que foi capaz de namorar a filha da senhoria, falando-lhe em língua checa. Levava consigo a sua democracia americana — ou seria, acaso, o seu senso de humor irlandês? — pois aceitou um convite "social" para jantar com a família de um estalajeiro. A conversa, disse ele, era assaz salgada, mas a sopa sabia a "suor de porcos".

Ao recolher-se à América foi nomeado instrutor de fisiologia no Colégio Harvard. Da fisiologia passou à psicologia e da psicologia à filosofia. Esses passos sucessivos de uma secção acadêmica para outra, estavam perfeitamente conformes com os passos de seu próprio desenvolvimento mental. Porque o seu progresso intelectual não era "do céu para a terra, mas desta para o alto". Como Sócrates, interessavam-lhe mais os problemas dos homens que a Providência de Deus. Não que fosse cético em relação a Deus. Pelo contrário, sentia-se cada vez menos capaz, como escreveu ao seu amigo, Tomaz Davidson, "de prosseguir sem ele". A sua preocupação principal, todavia, dirigia-se mais a este mundo do que ao que

pudesse vir depois. Nasceu-lhe a filosofia das próprias necessidades. Fora acometido de séria enfermidade e "empurrara-se de volta" à saúde. A salvação do homem depende de sua própria vontade. No decurso das leituras feitas por ocasião da sua doença, topara com os "Ensaíos" de Renouvier, e impressionara-o a definição do livre arbítrio, dada pelo pensador francês — "escolha ativa" de uma determinada idéia, quando poderíamos ter escolhido outras". William James decidiu sustentar a idéia de sarar. Quisera livrar-se da doença. "De ora em diante abster-me-ei da especulação e basear-me-ei na ação". Pois a ação é a vontade humana transformada em vida.

Isto era, apenas, uma continuação da filosofia do otimismo de Emerson. James, no entanto, acrescentou-lhe algo. Ou melhor, modificou-a. Substituiu a idéia pouco prática do otimismo, a teoria de que tudo está bem no mundo, pela idéia mais prática do "meliorismo", a teoria de que "tudo não está bem no mundo, mas podemos tornar melhores as coisas se quisermos". Era uma excelente filosofia para a América, naquele tempo, (1872), pois o país acabava de entrar em seu período áureo de expansão. Era a época industrial de Rockefeller, Carnegie, Gould, Harriman, Drew, Cook e J.P. Morgan. William James foi um desses filhos afortunados do destino — apropriado para a época em que nascera. Surgiu como o profeta do livre arbítrio para uma nação livre.

Até então, entretanto, a sua filosofia estava ainda em sua fase inicial. Falceu-lhe a oportunidade para desenvolver-la mais nessa ocasião por ter sido convidado a escrever um manual de psicologia para a "Série Científica Americana" de Henriques Holt. Esperava apresentar o livro dentro de dois anos. Só doze anos mais tarde logrou terminar o manuscrito.

Neste entretanto conheceu e fez a corte à senhorita Alice Gibbens casando-se com ela. Refere a lenda que seu pai, o velho Henry James, vira-a primeiro no Clube Radical de Boston e dissera ao tornar a casa, "William, acabei de encontrar a mulher com quem você vai casar!" Ao que o jovem filósofo, ressentindo-se da interferência do pai em seus negócios particulares, redarguiu, "Recuso-me a ver essa mulher". "Pouco me importa que você a veja" ou não", replicou o pai. "O que quero é que você se case" com ela".

Mau grado a sua réplica rebelde à sugestão paterna, James veio a conhecer a senhorita Gibbens. E transformou-se em presa consciente dos "grandes olhos escuros e luminosos, o suave cabelo castanho, a tez de rosa silvestre... e, especialmente, o sorriso que lhe iluminava o rosto e parecia alumiar o mundo".

O casamento operou um milagre em sua saúde — e em seus hábitos. "Ela salvou-me de minha "Zerrissenheit" (despedaçamento) e devolveu-me inteirinho a mim mesmo". Encontrara, agora, a companheira e a profissão. Estabeleceu-se em Cambridge e passou o resto da vida a cultivar sua filosofia.

★

Seu primeiro livro, "Os Principios de Psicologia", marca a transição formal de William James, o cientista, para William James, o filósofo. Porque esse livro tem mais valor como obra-prima de abstrações literárias do que como repositório de fatos concretos. James, preocupava-se, pouquíssimo com os fenômenos objetivos do espírito, mas muitíssimo com a personalidade subjetiva a que pertencia o espírito. E, portanto, a sua psicologia, um estudo de pessoas e não de dados. O pensamento humano, para William James, não era uma série, mecanicamente ligada, de idéias separadas — doutrina dos psicologistas europeus — mas uma corrente contínua de consciência semelhante à corrente sanguínea que flui continuamente, através do corpo.

De mais, dizia James, deve o estudo da consciência humana subordinar-se ao estudo do procedimento humano. A Psicologia é um prefácio da Moral. "O estudo fisiológico das condições mentais é... o mais poderoso aliado da ética hortativa".

O espírito, em suma, não é instrumento material, mas um instrumento espiri-

(Continua na pág. 55)

WILLIAM JAMES



Embora optasse por uma carreira científica, não se decidira, ainda, William

UM ENCONTRO DO PAS- SADO COM O PRESENTE

Nas telas de José Pancetti conciliam-se e harmonizam-se a tradição e a pintura moderna — Os monumentos do nosso passado vistos através de uma sensibilidade artística livre de preconceitos.

Por MARCELLO TORRES

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A pintura moderna não é boa porque não tem sucesso de venda, — costumavam dizer os pintores decadentes, os profissionais da cromolitografia, os pinceladores de cartões postais. Mas mesmo esse argumento contra a arte moderna, que prevaleceu durante algum tempo, já se tornou absoleto, em face da valorização comercial dos trabalhos de nossos pintores modernos de real merecimento. Um quadro de Candido Portinari vale, hoje, uma pequena fortuna, no Brasil ou no estrangeiro. E esse outro grande pintor moderno que é José Pancetti, talento privilegiado, está vendendo cada vez maior número de trabalhos, à medida que veio se ampliando o círculo dos "pancettistas". Esses "pancettis-

bom gosto, de prestígio social e literário, que se orgulham de possuir obras de José Pancetti. São, também, uma espécie de membros de uma fraternidade, de um clube sem estatutos, interessados em ampliar cada vez mais o número dos "associados". Interessados apenas por um motivo: o apreço que votam ao artista, a simpatia que dedicam ao talento de José Pancetti. Entre os "pancettistas" mais ardorosos figuram Roberto Marinho, diretor de "O Globo"; o Dr. Aloysio de Paula, fisiólogo de reputação firmada; o Dr. David Adler, mestre da cirurgia plástica; o escritor Henrique Pongetti, diretor da revista "Rio"; o jornalista Francisco de Assis Barbosa; o escritor Marques Rebello; o arquiteto Cesar de Melo e Cunha e vários outros. A pin-

Ao alto, a igreja de São Francisco de Assis, uma das relíquias arquitetônicas do Aleijadinho em São João d'El-Rey, vista através da arte de José Pancetti. Uma das singularidades desse monumento histórico e artístico está em que a igreja não possui um único ângulo reto. Em baixo: A rua da Prata e o largo de São Francisco, em São João d'El-Rey, onde existe o Grupo Escolar Barbara Heliodora, numa casa histórica, em que morou o poeta Alvarenga Peixoto.



tura de Pancetti é moderna, na sua fatura, mas não é excêntrica, nem destinada ao escândalo. Talvez não exista, no Brasil, um pintor mais devotado à sua arte do que esse ex-marinheiro, que começou a pintar por força de uma vocação verdadeiramente irresistível. José Pancetti é, praticamente, um auto-didata. E' verdade que frequentou o antigo núcleo Bernardelli, mas o que de melhor tem aprendido é à sua própria custa, pelo exercício quotidiano dos seus dons e pela continuada pesquisa de segredos técnicos. Admirador de Van Gogh, o conhecimento dos quadros do mestre holandês exerceu uma influência poderosíssima na sua mentalidade e modificou por inteiro o seu conceito de arte, sem, todavia, despersonalizá-lo.

— Antes de conhecer Van Gogh, — explica o pintor José Pancetti, — eu era inteiramente errado em matéria de pintura... Para exemplificar bem, basta dizer que eu admirava essa pintura bem-feitinha, do gênero Osvaldo Teixeira... Só depois foi que eu compreendi que não adianta fazer nada daquilo, mesmo porque pintura não é cópia fotográfica. E' preciso juntar-lhe alguma coisa mais, isto é, fazer com que ela seja uma expressão do temperamento do artista...

A carreira de José Pancetti na Marinha de Guerra foi curiosa. Começou como praça, subiu a primeiro sargento e hoje é tenente reformado. Foi como sargento que começou a frequentar o Núcleo Bernardelli. Mas quando ali apareceu já sabia pintar, intuitivamente. Na Marinha, também lidava com tintas e também pintava. Só que, em vez de pintar com um pincel, pintava com uma brocha. Não pintava telas, mas navios e lanchas. Um dia, depois de feito notáveis progressos, José Pancetti tirou, em plena guerra, o prêmio de viagem ao estrangeiro, — prêmio que este ano não foi distribuído, por culpa do sr. Osvaldo Teixeira, diretor do Museu de Belas Artes, e do desastrosos ministro da Educação, sr. Ernesto de Souza Campos. Dias depois, encontrava um almirante no Arsenal de Marinha.

— Sargento Pancetti, — disse o oficial superior, — felicito-o sinceramente pela sua pintura. E', na verdade, excelente...

— Muito obrigado, senhor almirante, — respondeu o pintor. — Mas acho que o juri de Belas-Artes foi muito indulgente ao me dar o prêmio...

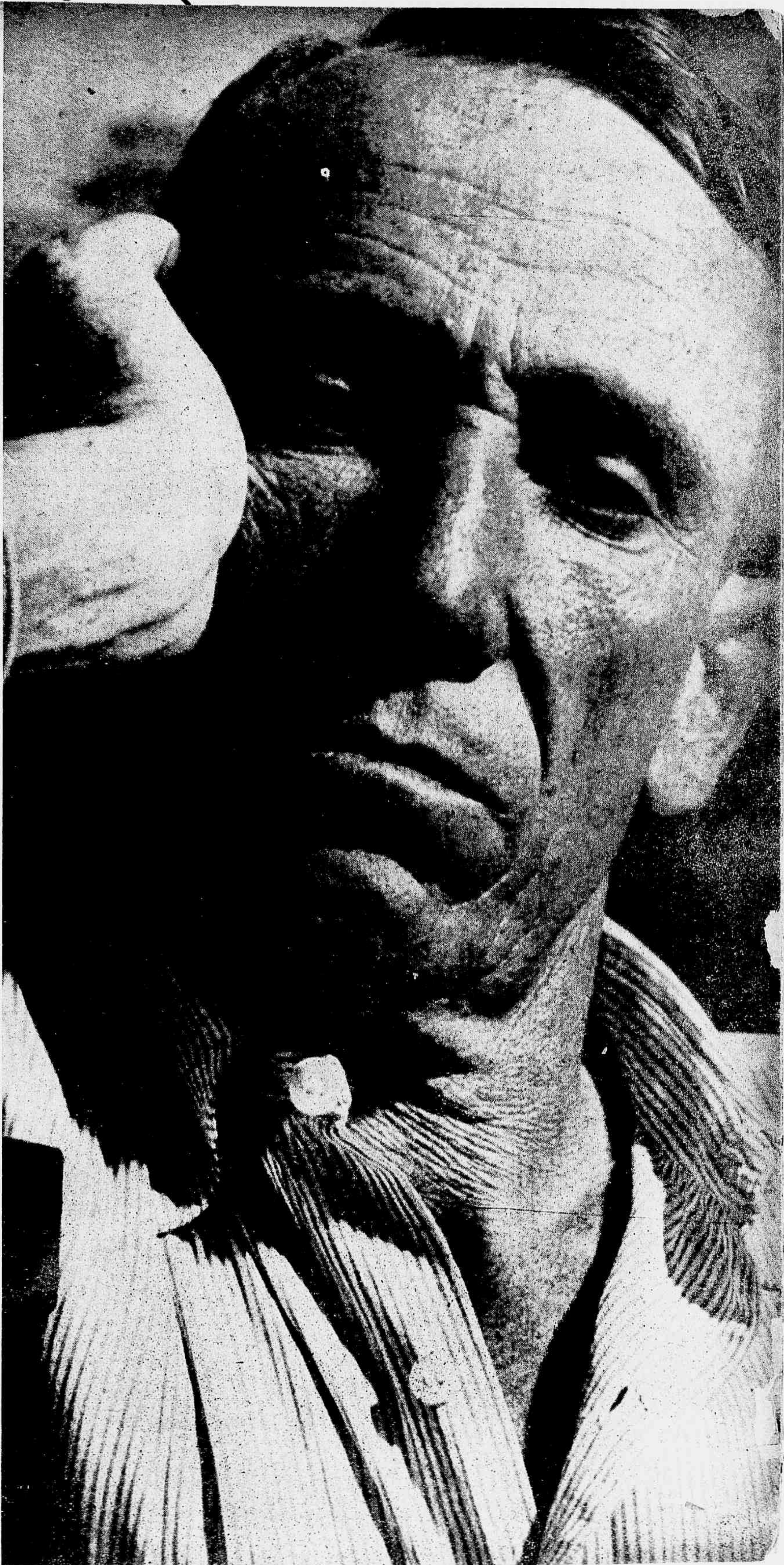
— Que prêmio?

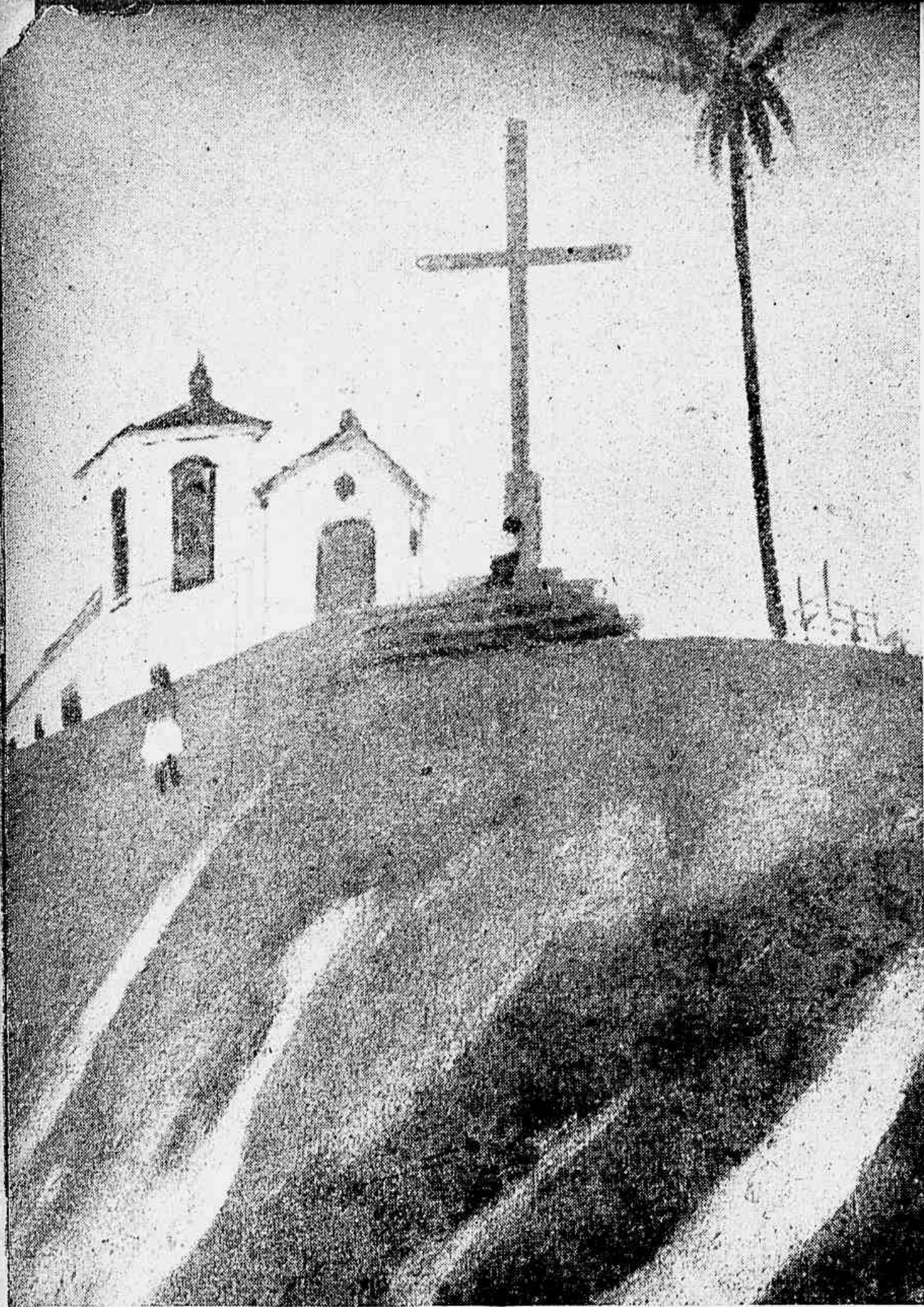
— O prêmio de viagem...

— Prêmio de viagem?

— Sim. Não era disso que o senhor almirante estava falando?

O tenente reformado da Marinha de Guerra José Pancetti é, também, um dos nossos maiores pintores modernos. E' um dos que mais vendem os seus quadros, — geralmente a pessoas de bom gosto e de cultura. O número dos "pancestistas" está crescendo e um dos grandes entusiastas de Pancetti é o escritor Henrique Pongetti.





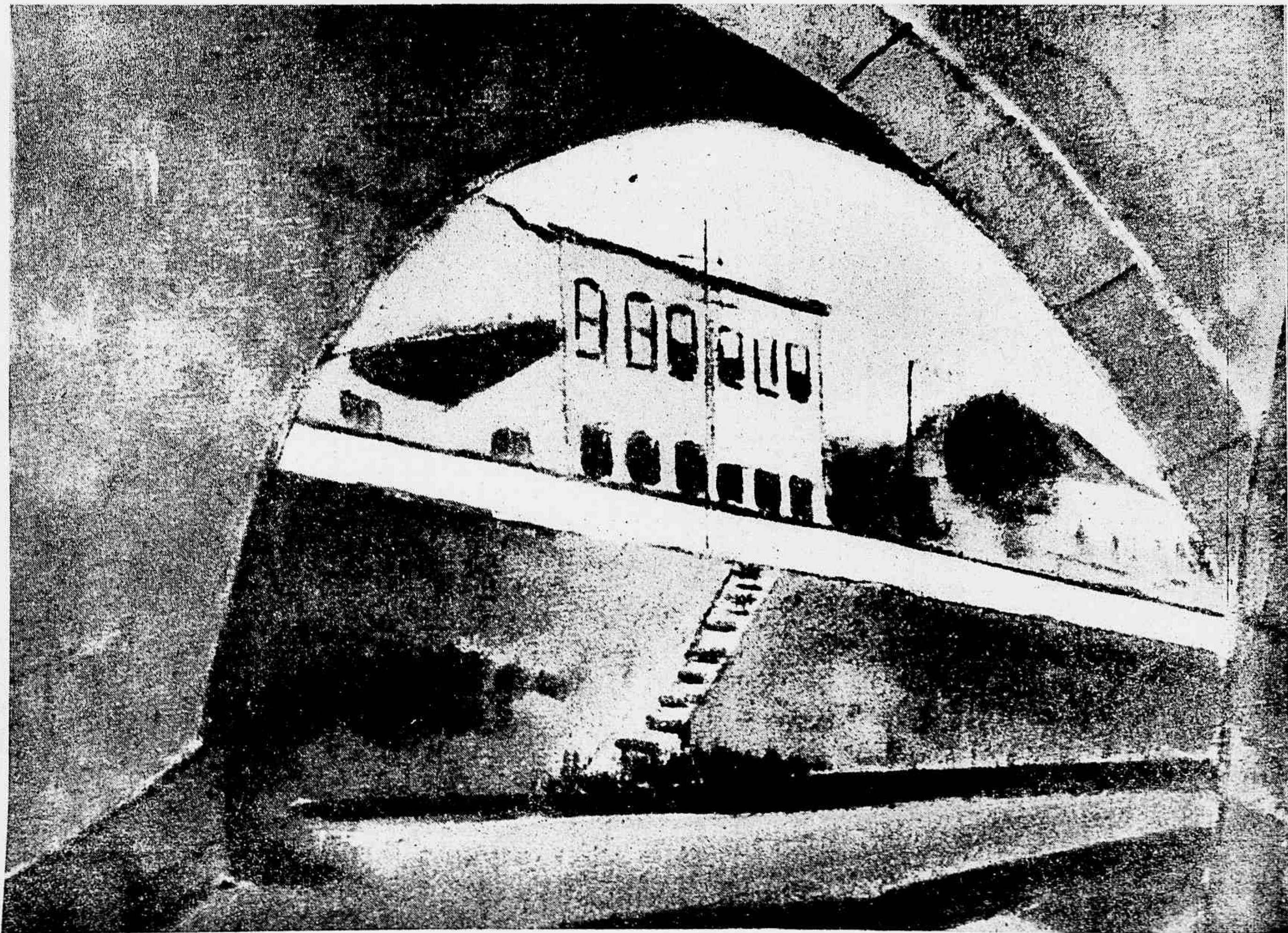
— Não estou falando de prêmio nenhum. A pintura de que eu gostei foi a da minha lancha... Aquela que eu mandei pintar de amarelo...

Hoje, José Pancetti pode se consagrar inteiramente à verdadeira pintura, não à das lanchas e convés de navios mas à das paisagens e figuras que impressionam a sua sensibilidade. O prêmio de viagem, conquistado em plena guerra, não lhe ofereceu a desejada oportunidade de visitar países estrangeiros, de entrar em contacto com novos ambientes artísticos, frequentar museus e galerias. Adoecendo gravemente, Pancetti obteve que o Ministério da Educação lhe fizesse pagar o prêmio afim de que, com esses recursos, custeasse o seu tratamento. Pode-se afirmar, por isso, que a pintura não somente lhe deu um grande renome artístico, como ainda lhe salvou a vida. Se não tivesse seguido o seu impulso, seria hoje apenas um obscuro segundo tenente da Marinha ou, talvez, um simples número sobre uma sepultura. Ao lado de Portinari, de Da Veiga Guinard, de Di Cavalcanti e de Santa Rosa, Pancetti faz parte

dos "cinco grandes" da pintura moderna no Brasil.

Suas séries de quadros da ilha do Cajú, de Campos do Jordão, de Mangaratiba, etc., constituem documentos magníficos do talento do ex-marinheiro. A essas séries, Pancetti acaba de juntar uma nova, depois de uma proveitosa visita a São João d'El-Rey e a outras velhas cidades históricas de Minas Gerais. José Pancetti soube sentir, à sua maneira, aquelas relíquias do nosso passado e da nossa tradição, interpretando-as em alguns dos seus quadros. E', talvez, esta a primeira vez que um dos nossos pintores modernos se volta para temas dessa natureza, num interessante e sugestivo encontro do presente com o passado. José Pancetti, o ex-marinheiro, homem do povo e voltado para os temas do povo, os morros, os casbres, as bicas d'água, as filas das latas, deu agora uma nota inédita à sua obra, já tão considerável e tão valiosa, com a fixação dos aspectos mais sugestivos da velha cidade mineira. Pancetti, que já tem quadros em sete museus, do Brasil e do estrangeiro, conquistou com essa série de excelentes trabalhos mais um expressivo triunfo.

Em cima: A igreja do Bomfim, em São João d'El-Rey, num quadro de Pancetti, um dos nossos grandes pintores modernos. Em baixo: A ponte da Cadeia, — um dos monumentos históricos de São João d'El-Rey, — vista por José Pancetti.



UM FATIDICO 25 DE MARÇO

ESCRAGNOLE DORIA

A 25 de março de 1824 era jurada no Rio de Janeiro a Constituição do Império do Brasil, depois jurada nas províncias e em nossas legações no estrangeiro, elas por fiação território pátrio.

A data de março ficou no rol dos dias de grande gala e dos feriados, palavras estas sempre gratas aos ouvidos nacionais.

Bastantes 25 de março decorreram de 1824 a 1889, a princípio o dia de festa e entusiasmo patriótico aos poucos arretecido a medida do afastar de primeira celebração.

De sétima celebração foi 25 de março de 1831 no periclitar do Primeiro Reinado, ao crescer de sua impopularidade. Aquele 25 de março passou a sucesso cuja importância nenhuma obra e até compêndios de história pátria jamais deixariam de mencionar com especial relevo.

Um pouco fora do comum registremos a data de 1831. A notícia das suas vinte e quatro horas vai ser dada por testemunha ocular, ela um estrangeiro em posição de bem observar.

Pertence o testemunho a Eduardo Pontois, encarregado de negócios da legação de França, dirigindo-se ao seu governo e informando-o do que viu e ouviu seis dias antes dos acontecimentos que narrava.

Por seu contexto, por suas minúcias, o ofício do encarregado de negócios imprimia vida a quanto secamente dizem obras e compêndios de História do Brasil.

Tem a pena Eduardo Pontois:

"A 25 de março, pela manhã, havia 'Te Deum' na Capela Imperial, beija-mão e recepção do corpo diplomático em Palácio, à tarde revista das tropas da guarnição no Campo da Aclamação; às 7 da noite segundo 'Te Deum' na Igreja de São Francisco de Paula celebrado por cidadãos brasileiros; enfim às 10 da noite num fogo de artifício oferecido ao Imperador por pessoas da Casa Imperial, fogo aquele que devia ter sido atacado na volta do Príncipe de Minas, o fogo adiado por ordem e pressa do Imperador para o aniversário do juramento da Constituição, tuco na presença da imensa maioria da População, pelas providências das autoridades o dia a decorrer sem incidentes graves.

Desde manhã viam-se nas ruas muitos mulatos e até negros trazendo em sinal de consenso chapéus de palha amarelos com fitas verdes, o tope Brasileiro verde amarelo e outros emblemas da Independência Nacional, bem como emblemas do partido da Federação.

Na revista as tropas mostraram muito pouco entusiasmo pelo Imperador, dizendo-se mesmo que um Batalhão desfilando diante dele vozeou com 'Viva o nosso General', isto se voltando para o general Lima que se mostrava embaraçado por tais honras na presença de seu soberano, honras de algum modo ofensivas ao Imperador.

A noite multidão muito considerável de brasileiros de toda casta e cor, brancos mulatos e negros, ajuntou-se na Igreja e no largo de São Francisco de Paula para a celebração do 'Te Deum'. O Imperador, não convidado para a cerimônia, apareceu no local, a conselho do general Moraes. D. Pedro chegou a cavalo, seguido de ajudantes de ordens e de pequena escolta, atravessando a multidão de gente de cor que obstruía o largo.

Chegado ao coto da Igreja, D. Pedro disse que embora não convidado, quisera vir e ao lhe ser observado haverem sido convidados cidadãos brasileiros, D. Pedro retorquiu — também o sou. Pediu uma tocha, que não lhe fora oferecida, e com ela assistiu a toda a cerimônia.

Várias interpelações mais ou menos inconvenientes foram dirigidas a D. Pedro pelo povo a cercá-lo na entrada e na saída da Igreja, aos gritos lançados em rosto de 'Viva o Imperador enquanto constitucional' ao que D. Pedro respondeu: sempre fui e serei tal.

Em seguida o Príncipe dirigiu-se ao 'Palacete', Pavilhão situado na praça onde devia ser queimado o fogo de artifício; no pavilhão a Imperatriz, as jovens Princesas e a marquesa de Loulé e os comandantes das estações navais francesa e inglesa, a convite.

As fadigas do dia e sobretudo as cruéis provações pelas quais passara tinham deixado vestígio no rosto do Imperador. Estava pálido, desfeito, tendo por vezes o olhar esgazeado, mostrando uma alegria bem longe do seu coração.

Não nos falou, como de costume, senão de coisas insignificantes, sem achar ensejo de colocar algumas palavras relativas à situação do momento. A Imperatriz acolheu-nos com a sua graça, o seu tato, a sua benevolência de sempre. Mostrou atenções especiais para com o almirante Grivel que, assim como o seu colega almirante Inglês, tendo pouco a louvar-se da polidez da Corte, tinha se absteído de comparecer, só comparecendo na ocasião, embora convidado pelo Imperador, atendendo a solicitação minha e sobretudo à vista das circunstâncias do momento no qual o infeliz monarca se encontrou.

O fogo de artifício foi presenciado por muito poucos espectadores não obstante o povo do Rio de Janeiro ter paixão por tal espécie de divertimento e apenas, raras e fracas, alguns gritos de 'Viva o Imperador Constitucional' ecoaram sob as janelas do 'Palacete'.

Não deixei, como V. Exa. pode acreditar, de recomendar com empenho e de mandar recomendar aos nossos compatriotas de reprimirem no dia a sua natural curiosidade, não participando de ajuntamento algum, quanto possível ficando em casa.

Comportaram-se em geral com toda a prudência e sua atitude não foi comprometedora. Um só de nossos compatriotas

escapou de ser vítima de fatal engano.

Dois outros alemães há pouco despedidos do serviço militar brasileiro acharam-se nas circunvizinhanças de S. Francisco de Paula, no meio do povo, a ouvir os gritos de 'Viva a Constituição'. Proferiram palavras injuriosas e grosseiras. O povo precipitou-se sobre eles que, felizmente, acharam meios de eclipsar-se.

Os senhores Gargot e Tanières, franceses estabelecidos nesta cidade, achavam-se perto do local do incidente. O povo julgou-os pertencentes ao grupo dos alemães e aos gritos de mata, mata os agridiu e feriu muito. Teriam sido assassinados sem a intervenção do coronel Bellard.

O ofício do Pontois, a 31 de março de 1831, alude a várias pessoas de figura no dia 24 de março. Assim o general Lima vivado por um batalhão a desfilhar diante do Imperador, com dupla infração do respeito e da disciplina, era o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, comandante das armas, que pouco depois a Abdicação transformaria em regente do Império de 1831 a 1837 para curtir não poucos desgostos e ser atassalhado em pasquins.

Na sua narrativa refere-se Pontois ao general Moraes que a 25 de março de 1831 era ministro da Guerra, desde 19 daquele mês.

O brigadeiro José Manoel de Moraes segundo Pontois, fora quem aconselhara D. Pedro I a comparecer ao 'Te Deum' de São Francisco de Paula numa situação tensa que o ministro brigadeiro de certo não desconhecia e de avisos sismicos, que os têm os movimentos políticos.

Refere-se Pontois ao coronel Bellard cuja intervenção poupou vida aos seus compatriotas Gargot e Tanières. O coronel era um dos muitos oficiais estrangeiros então ao serviço do Brasil.

A 'Te Deum' não costumam faltar palavras gratulatórias de sermão. Tive este a ação das graças de 25 de março de 1831, subindo a púlpito, lado do Evangelho, um frade franciscano, na época o clero regular e secular muito e por várias formas a politizar.

O sermão da noite de 25 de março em São Francisco de Paula chamou-se frei Francisco de Monte Alverne, do Monte Averno dizia os pasquins do tempo aludindo ao Averno, lago mitologicamente de entrada aos infernos.

O sermão de 21 de março, tratando das causas das revoluções, respirava política e política do dia.

Dizia um dos trechos da veemente oração:

É uma injustiça reconhecer nas revoluções políticas dos povos a influência exclusiva das paixões e dos crimes individuais. É um absurdo pretender que as nações se deixam arrastar por uma cega fatalidade sobre abismos onde vão perder a sua grandeza e a sua glória.

Noutro trecho do sermão o orador exclamou aos raptos de eloquência:

"O sábio já tinha dito que as revoluções dos povos eram cansadas por a perfídia, os ultrajes, as violências, as injustiças que se lhes fazem sofrer. Ele tinha visto as cadeiras dos orgulhosos da terra engolidas no meio desses terremotos políticos que seus excessos tinham provocado.

E' nessas barreiras formidáveis que se despedaçam todos esses opressores que fundam sua grandeza nas lágrimas, nos gemidos e na miséria dos povos".

Verificada a presença de D. Pedro I no 'Te Deum' de 25 de março, do princípio ao fim da cerimônia, as palavras do pregador soaram aos ouvidos do imperador. Compreende-se pois a conturbação de D. Pedro ao chegar ao 'Palacete', conforme atestou Pontois.

Uma vez maior, teria D. Pedro II lido o sermão oblungatório de 25 de março? D. Pedro II lia tanto! Mas em compensação, entre louvores, ouvia do pregador de 1831 o sermão de 19 de outubro de 1854 na Capela Imperial, o sermão de S. Pedro de Alcântara, que se tornando clássico coroou os adeuses da palavra de Monte Alverne ao púlpito no serviço e aos avisos de Deus.

Frei Francisco Monte Alverne, o pregador do 'Te Deum' de 25 de março de 1831 (Rio de Janeiro 1784 - 1858)





— Bem, creio que ficarei aqui algum tempo, até ficar apto para voar...



— Ei, Malaquias! Você já chegou em casa, homem!



— Acho bom o senhor não insistir... O senhor Dias é um tanto difícil de atender...

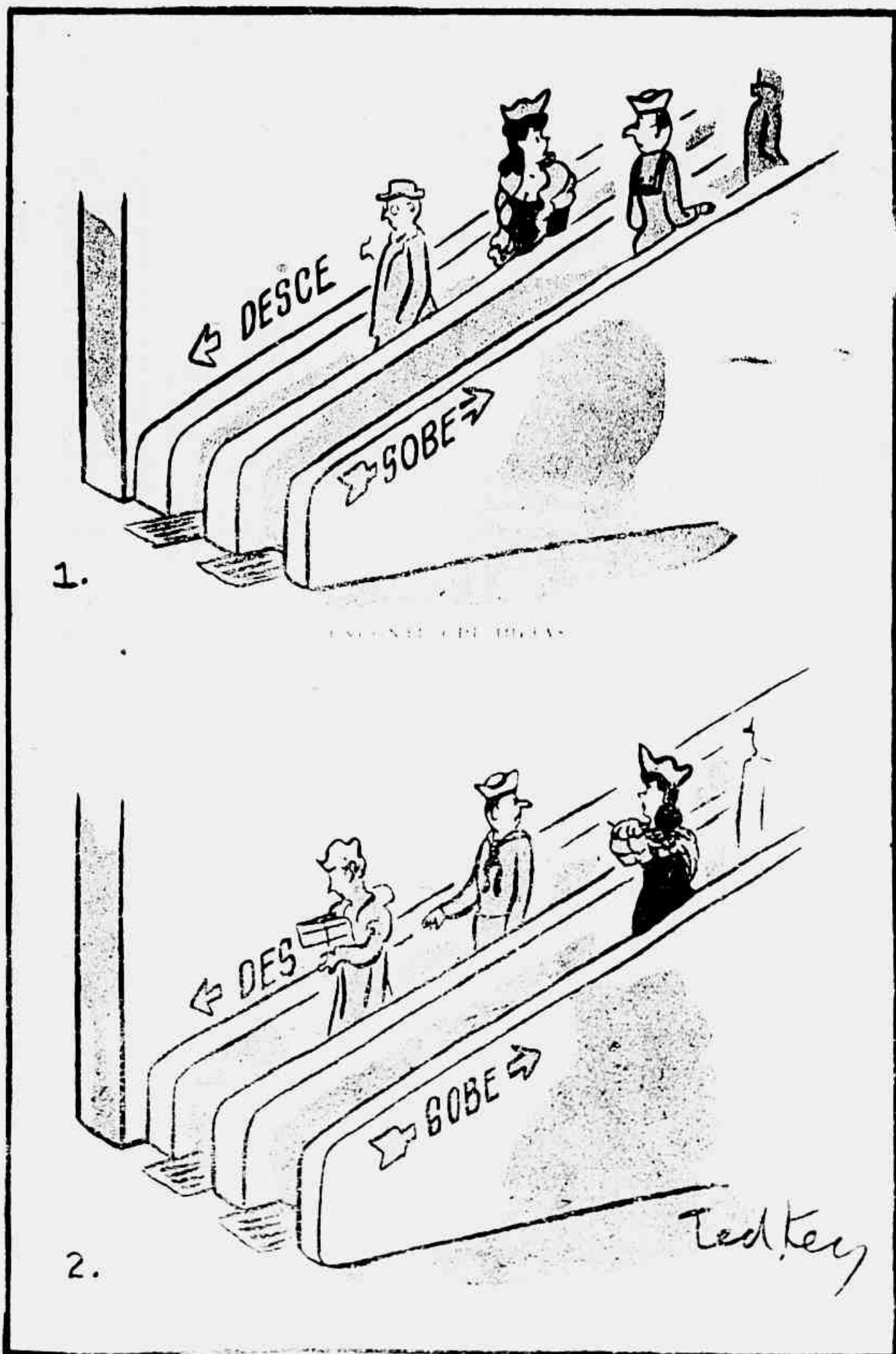


Ato, companheiro! Vai para os meus lados?

BOM HUMOR



— Escute, Polibio... Finja que não temos nenhuma pressa em fazer a compra...



Seu primeiro VESTIDO

FOI numa segunda-feira muito bonita de setembro. O céu despido estava lindo e azul. Os meninos brincavam alegres pelas calçadas e de quando em vez um carro passava silenciosamente. Zulmira espichava os olhos para dentro deles e via-os vazios. Porque era que os "chauffeurs" não os paravam e lhe ofereciam um lugarzinho? Não incomodaria nada. Ficaria encolhida num canto e quando chegasse na Rua Nova saltaria e agradeceria: — "O senhor foi tão gentil. Existe tão pouca cortezia hoje em dia". Já fazia meia hora que esperava um bonde e nada. Provavelmente vinha muito chelo e se arrastava lentamente lutando com a carga do peso humano. Apertou contra os selos pequenos a bolsinha vermelha que trazia na mão e sorriu. Ali estava toda a sua economia que conseguira fazer a custa de muitos sacrifícios. Sessenta cruzelros. Sim. Era isso mesmo. Compraria um vestido de seda a vinte cruzelros o metro e usaria no primeiro domingo que viesse. Não teria mais inveja das filhas de seu Joca, dono da padaria Central, que todos os domingos iam a missa com uma roupa diferentes. Quantas vezes tivera vontade de pegar naquelas sedas, de alisá-las, para sentir a sensação de que fossem suas? Era um pensamento tolo, mas ela queria. Agora estava ali com suas economias de três meses e compraria também um vestido novo. E de seda. Quem sabe se no domingo as filhas de seu Joca não olhariam para ela? Isso não podia afirmar, mas tinha a certeza de que Joana, a embaixada, quando menina sabia de uma pregada da casa vizinha ficaria com muita história muito triste que sua tia contava. Uma fada má transformara uma princezinha numa menina pobre e a mandara esmolar. Porém sua madrinha que era uma fada boa, de noite lhe dava os vestidos mais belos do mundo para ela ir ao baile que o príncipe oferecia aos nobres da corte. Eram vestidos lindos com todos os peixinhos do mar e as estrelas do céu. E como se emocionava ao ouvir essa história. A noite tinha sonhos loucos. Via-se metida num traje muito negro, chelo de estrelas douradas,

com uma cauda arrastando pela grama de um jardim onde brincavam anjinhos muito brancos. Nunca tivera outros vestidos a não ser aquele de chita grosseira que com duas lavagens ficava desbotado cheirando a coisa velha. Abriu a bolsinha e contou o dinheiro. Os 60 cruzelros estavam ali certinhos, bem contados, e só sairiam de suas mãos quando tivesse o objeto com que sonhava há tanto tempo. Como deveria ser bom a gente se meter numa roupa bem fininha, com o vento agitando de leve. Seu coração dava pitões ao se lembrar dessas coisas. Os carros continuavam a passar vazios e ela os olhava agora com raiva. Se ao menos fosse u'a mocinha bonita, talvez que algum "chauffeur" se engraçasse dela e se oferecesse para levá-la sem que fosse necessário pedir. Mas era tão franzina e morena que ninguém olhava para ela. O bonde custava. A rua muito comprida, se espregulçava até longe e dava uma volta para a esquerda. O sol muito alto já, se desliza jogando sua roupa quente sobre a terra. Zulmira descansou o corpo numa perna. Pelo tempo que estava ali, devia fazer uma hora que esperava a condução. Finalmente apareceu o bonde resfolegando como se estivesse cansado. Vinha gente até pela frente do motornelro, dificultando-lhe a visão. Chegou no ponto onde ela estava e chlou nos freios.

— O salão está vazio — gritou um engraçado lá de dentro.

— Espera que vai entrar um saco de ossos — atalhou outro.

Zulmira ficou vermelha e procurou romper os passageiros que se comprimiam como se quisessem entrar um no outro.

— Com licença — dizia numa voz tímida.

— Não empurra! — explodiu um velhote na sua cara. — Entra com calma ou desce.

Ela acomodou-se perto do motornelro, espremendo-se bem para ocupar o menor espaço possível. Ali ia bem apesar do chelo terrível que desprendia dos corpos sujos. O bonde pôs-se em movimento e os passageiros foram impelidos para trás esmagando-se uns nos outros. Houve gri-

(Continua na pág. 57)

Conto de **ALVARUS COELHO**
Ilustração de **ARMANDO MOURA**
Premiado no Concurso Permanente da
REVISTA DA SEMANA





"Irei brevemente ao Rio de Janeiro com Bing Crosby e Dorothy Lamour!", diz Bob Hope a Luis Serrano. Mas logo se apressa a declarar ao nosso representante especial em Hollywood que não fará a viagem em pessoa, mas no seu novo filme, "The Road To Rio". Em baixo, Bob Hope na sua imponente caracterização de Sherlock Holmes...

"IREI AO RIO COM BING CROSBY!"

Declarações de Bob Hope à REVISTA DA SEMANA em Hollywood — O famoso comediante diz, em breve entrevista, que não tem a pretensão de querer fazer sombra a Rodolfo Valentino como galã romântico, mas sabe que a nova versão de "Monsieur Beaucaire" é muito mais engraçada, mesmo porque quase nada tem que ver com a primeira.

Por **LUIS SERRANO** ★ (Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

HOLLYWOOD, janeiro (Por via aérea) — Comecei o ano novo me encontrando com Bob Hope, no estúdio da Paramount. E isso quer dizer que comecei o ano de uma forma muito divertida, porque Bob Hope, em pessoas é tão ou mais engraçado do que nos filmes. Começou negando que fosse candidato à sucessão de James Byrnes no Departamento do Estado e disse que suas viagens ao estrangeiro não têm nenhuma finalidade diplomá-

tica. Muito ao contrário, mesmo porque, em vez de provocar incidentes, ele o que tem feito é procurar divertir e aproximar os povos, eliminando maus pensamentos através de boas gargalhadas.

— Agora, irei ao Rio com Dorothy Lamour e Bing Crosby! — exclamou o famoso comediante.

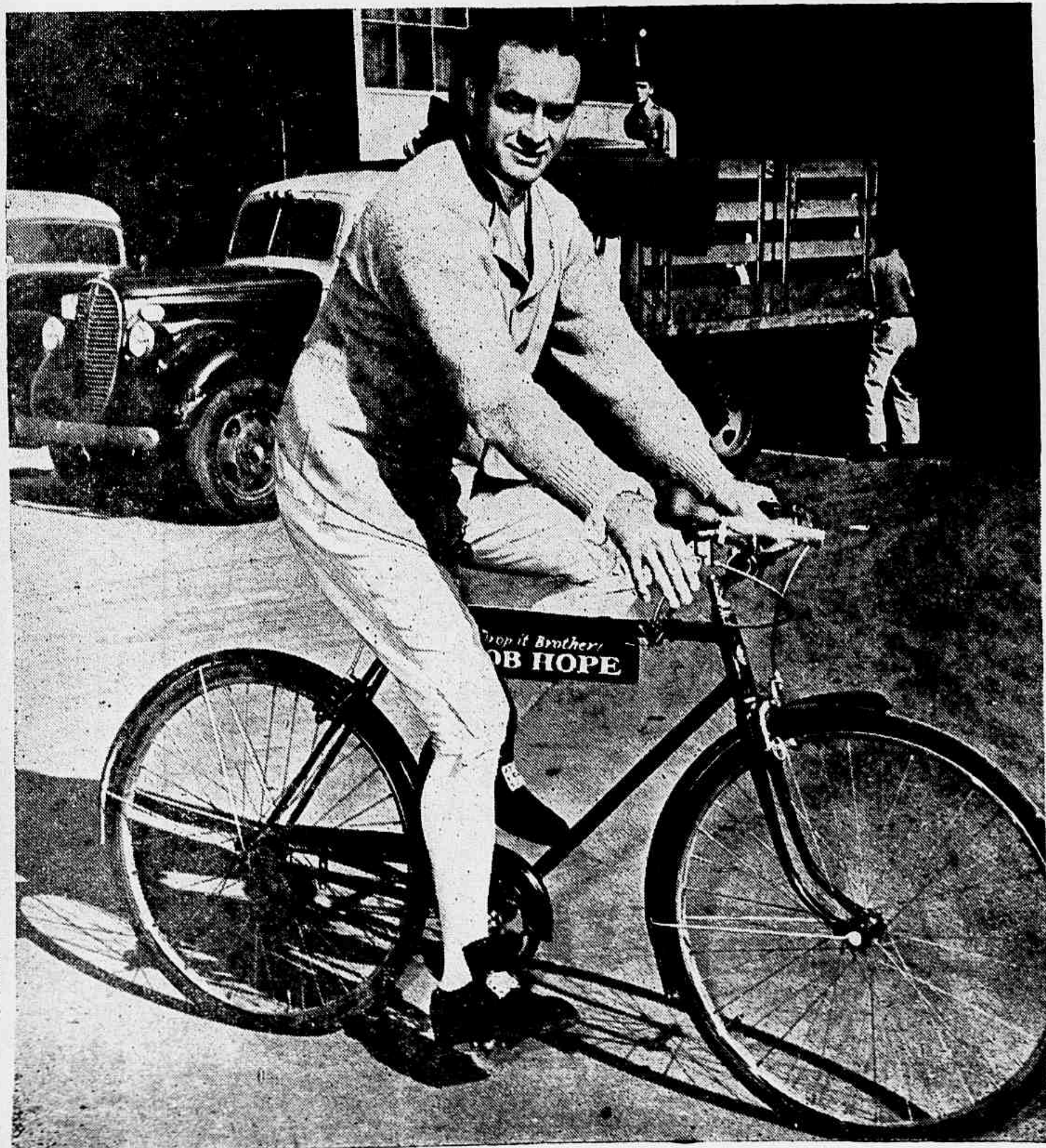
— Deveras?

— Sim. Tenho que ir. Bing Crosby, aliás, me disse





Em cima: Joseph Schildkraut e Charles Coleman põem um elegante espartilho no falso duque de "Monsieur Beaucaire", interpretado pelo irresistível comediante Bob Hope.



que já passou pelo Rio e ficou encantado. Agora, vamos nós dois. Não em pessoa, mas num novo filme cômico-musical, "The Road To Rio". Assevero-lhe desde já que não só serei muito mais engraçado nesse filme do que o velhote cantor dos "bu-bu-bus" mas ainda que cantarei uns sambas-le-lês melhor do que ele! Vou já procurar a Carmen Miranda para aprender os temperos com ela. Sim, porque eu não sou bobo. E' com essa técnica que eu tenho derrotado o velho Bing em todos os nossos filmes...

Claro que Bob Hope diz tudo isso de brincadeira. Ele e Bing são os melhores amigos do mundo. São unha-com-carne. Verdadeiramente inseparáveis. Mas uma das graças deles é fingir em público uma terrível rivalidade...

Bob Hope está deliciado com o seu novo filme, — e com o fato de fazê-lo com seus bons amigos, Dorothy Lamour e Bing Crosby, ainda, com Russo do Pandeiro, que executará músicas do Brasil com outros executantes, como Zezinho, Nestor Amaral e outros. Bob está também muito contente por ter aparecido como principal figura de "Monsieur Beaucaire".

— Vou fazer sucesso de verdade, sem Bing Crosby ter nada que ver com isso! — declarou-me Bob.

E, em seguida, discorreu longamente sobre esse novo filme, para deixar bem claro que ele não terá sinão vagas semelhanças com o antigo filme silencioso de Rodolfo Valentino.

— Não tenho a pretensão de ser um galã romântico como Rodolfo Valentino, — declarou-nos, — mas sei que sou muito mais engraçado do que ele... Não pretendo competir com meu ilustre antecessor e, aliás, a história do meu filme é quase totalmente outra. Vou lhe explicar como é o novo "Monsieur Beaucaire". Neste novo filme, a Paramount manteve o título e a época em que a história de Booth Tarkington se desenvolveu. Quando a referida história foi filmada em 1924, Rodolfo Valentino estava no apogeu de sua carreira artística e ao seu lado apareceram, então, no elenco de "Monsieur Beaucaire" os seguintes artistas: Bebe Daniels, Lois Wilson, Doris Kenyon e Lowell Sherman, tendo sido dirigida por Sidney Olcott que se tornou famoso no tempo do cinema silencioso e que hoje vive retirado da cinematografia. Na primeira versão Beaucaire era um esgrimista de sangue real, que se fez barbeiro de um embaixador francês, a fim de se conseguir para a Inglaterra e evitar um casamento dinástico que lhe queriam impor. Paul Jones, que já produziu para a Paramount cinco dos meus filmes anteriores, foi o produtor da nova versão cinematográfica de "Monsieur Beaucaire", na qual faço um tipo de comédia, como um barbeiro de Luis XV da França, que, condenado à morte depois de haver incorrido

Bob Hope tem uma bicicleta, que costuma usar para ir do seu camarim ao "set" de filmagem e de um palco a outro. Na bicicleta há um letreiro: "Largue isso, irmão."

Bob Hope

a ira do rei, consegue fugir para a Espanha e lá passa a dizer-se duque... George Marshall, veterano que há 23 anos que trabalha no cinema é o diretor. Devo acrescentar que Jones e Marshall são o meu produtor e o meu diretor favoritos.

Além das informações de Bob, quero acrescentar que a loura Joan Caulfield, que estreou no cinema em "A vida é uma só" (Miss Susie Sagle's e que fez grande sucesso em "Blue skies" (Romance inacabado), ao lado de Bing Crosby, Fred Astaire e Billy de Wolfe, foi escolhida para ser a "leading lady" de "Monsieur Beaucaire". Os outros artistas do elenco: Patric Knowles no papel do Duque de Chandre, que era um hábil esgrimista francês; Marjorie Reynolds, no papel de Maria, princesa da Espanha; Hillary Brooke, no papel de Madame Pampadour; Cecil Kellaway, que desempenha o papel de embaixador francês; Joseph Schildkraut, artista que ganhou um "Oscar" pela sua atuação no filme "A vida de Emile Zola", no papel de Dreyfus, faz o papel de outro destre esgrimista; Reginald Owen faz o papel de Luis XV, sendo esta a terceira vez que ele aparece em filmes como o monarca francês; Constance Collier, no papel de Rainha da França; Fortunio Bonanova, no papel de valete; Howard Freeman, interpretando o Rei da Espanha; Helen Freeman, fazendo o papel de rainha da Espanha; Charles Coleman, que tem a particularidade interessante de ser o único ator que autou nas duas versões de "Monsieur Beaucaire", tendo feito no tempo de Rodolfo Valentino o papel de um criado e agora com Bob Hope o de chefe de mordomos; e outros que não me sobra espaço para citar.

"Monsieur Beaucaire" será o filme de após-queria mais rico em relação aos seus cenários e aquele cujo guarda-roupa é mais dispendioso. Uma das peças de vestuário feminino mais caras do século dezoito é o vestido de casamento de veludo e arminho usado agora por Marjorie Reynolds no papel da princesa Maria da Espanha.

Seis palcos sonoros se fizeram necessários para a reprodução do interior e exterior do Palácio de Versalhes. Uma das cenas mais dispendiosas exigiu uma decoração interna da corte da Espanha, onde se realiza um banquete de núpcias, comparecendo à mesa 35 comensais. As iguarias eram leitões, faisões e outras peças que no século dezoito constituíam os manjares mais delicados e gratos ao paladar dos reis e cortesões... Iluminavam a sala nada menos de 130 castiçais tendo sido queimadas durante as sequências da filmagem nada menos de 1.500 velas de 18 polegadas cada uma. Num ingente esforço de autenticidade histórica das cortes francesa e espanhola do tempo de Luis XV, a Paramount contratou o francês Charles Hofbauer, que é uma autoridade em usos e costumes europeus no século dezoito, como consultor técnico de "Monsieur Beaucaire".

(Continua na pág. 54)



Bob Hope, numa atitude característica de quem gosta de pontificar... Ele se finge de iniciante de Bing Crosby, mas a verdade é que os dois são unha-com-carne. Em baixo, uma cena cômica em que Bob Hope, no papel do barbeiro que finge ser conde, contracenava com os consumados artistas Fortunio Bonanova e Joseph Schildkraut.



ASSALTO AO POMAR DE DONA QUITÉRIA

PARA os alunos do velho professor Malaquias, o pomar de dona Quitéria constituía uma tentação irresistível demais. Ficava bem próximo à escola, à beira do caminho. De maneira que tinhamos pela frente, enquanto dávamos as lições, a visão constante, policrômica, de uma variedade infinita de frutas as mais saborosas.

Contra a sedução, porém, antepunha-se o muro, muito alto e liso, a extremidade erizada de cacos de vidro, espetados no rebôco. Uma ameaça muda às nossas mãos. Muda, mas capaz de arrefecer os nossos ímpetos rocambolescos.

— Escuta, pessoal — disse um dia Zé Vicente, filho de um pedreiro. O pai tem uma escada baita. Se a gente arranja um jeito de tirar a bicha de casa, tá tudo feito.

— Isso não é nada difícil — acudiu Antenor, negrinho vivo como o diabo. A gente joga um bocado de lama no muro e diz que foi o Zé. O pai dele, então, trás a escada, p'ra dar outra caiação. A gente fica na tocaia, e, quando ele fôr almoçar, é só subir e saltar o muro.

— E'... mas, antes pe fazer a limpeza, o velho me corta de chicote, seu bestinha —

retrucou Zé Vicente, não achando graça nenhuma no alvitre do moleque.

— Bem... então tá sem jeito mesmo. A gente tem é que ficar espiando as "frutas" e fazendo cruz na bôca...

Mas chegou novembro. Na chácara de d. Quitéria, as jaboticabeiras negrejavam. Zé Vicente era louco por jaboticabas. Para conseguí-las, não havia obstáculo que o detivesse. Resolveu, portanto, jogar com a sorte e pôr em prática a solução sugerida pelo negrinho. E foi feliz, porque "seu" Onofre apenas lhe puxou as duas orelhas, embora o muro ficasse enlameado. Levou, pois, a escada, e deu início à limpeza. Antes que dona Quitéria tivesse conhecimento da maroteira. Se a velha visse aquilo, deitaria a bôca no mundo: que estavam furtando o ganha-pão de uma pobre viúva desamparada. Moleques mal educados, cachorros sem dono. Mais isso e mais aquilo. E lá vai praga. O pai de Zé Vicente tinha um medo danado de pragas. "Praga de padre e de viúva — repetia sempre — faz parar até a chuva".

A hora do almoço, "seu" Onofre tocou para casa, deixando a escada encostada ao muro. Saimos então do esconderijo, olhando para todos os lados. Eu estava assustado, apreensivo. Tremendo como se fosse praticar um crime monstruoso. Parecia-me que, em toda parte, milhões de olhos nos espiavam. E, assim que galgássemos o muro, romperiam gritos de todos os cantos: "Ladrões! Ladrões! Pega!"

Como me parecia difícil a empresa! Era a primeira vez que entrava em um quintal alheio. E prometia a mim mesmo que seria a última. No entanto, havia gente que roubava com tanto sangue-frio!... E até matava para roubar! Com a maior tranquilidade. Como se fosse a coisa mais natural do mundo. Lembrei-me de João Grande, que assassinara "seu" Ambrosio, compadre de meu pai, por causa de cem mil réis. Enterrou a "piaba" friamente, no lombo do velho. Pegou onze anos de cadeia. E foi bem feito!

— Anda! — gritou Zé Vicente, chamando-me, imperioso.

Obedeci sem vontade. Subi ao muro, pisando, hesitante, os degraus da escada de "seu" Onofre. Caí no chão fofo e úmido do pomar. Tudo como previra o Antenor. Diabo de moleque!

— Será que aqui não tem cachorro? — perguntou Antenor, os olhos medrosos passeando em derredor.

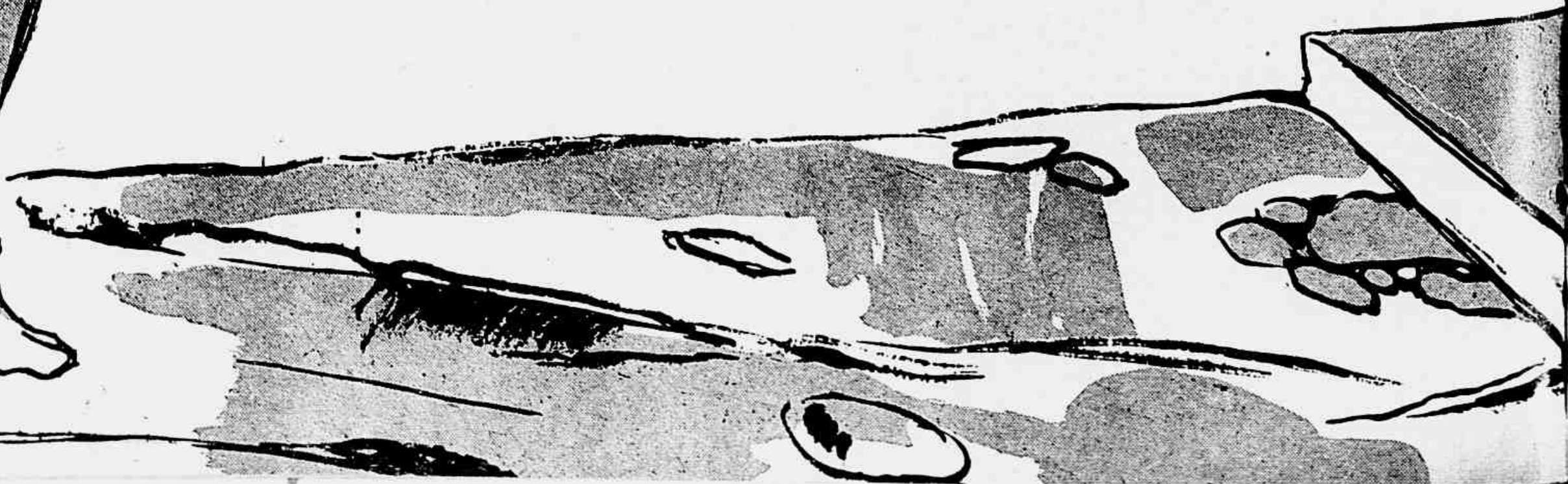
Só então nos ocorreu que poderia, com efeito, haver um cão de guarda. Sim, devia haver um daqueles dogues de carranca terrível. Um tesouro como aquele tinha, por força, que ser muito bem guardado. Dona Quitéria já era bem velha, vivendo apenas com

uma preta, mais velha ainda. Não havia homem na casa. Teria, portanto, um cão, para lhe guardar aquela imensidade de frutas. Podia até ter mais de um. E' mesmo: talvez dois. Um não bastaria. O pomar perdia de vista. Quem sabe se não estariam os dois, agora mesmo, rondando o quintal, e não tardassem em passar por onde estávamos? Esse pensamento veio-me com um calafrio. E aquele muro tão alto! Do lado de dentro, parecia ainda mais alto, por causa da terra macia, que parecia afundar. Como haveríamos de voltar? Nem havíamos pensado nisso. A gente nunca pensa na volta, nessas ocasiões. Zé Vicente nem se preocupava. Lá estava ele, bem na grimpada de uma jaboticabeira, engulindo, engulindo. Sem tomar fôlego. Gluc! Gluc! Depois, desceria, os bolsos cheios. E o chapéu também. Chapéu curioso aquele. Sem fita nem carneira, parecia uma cuia. Quando conheci Zé Vicente, (havia dois anos) seu chapéu já era aquilo mesmo. Já nem tinha mais cor. Também, servia para tudo. Era "pau p'ra toda obra", como se costuma dizer. Quando Zé tinha sede, mergulhava o chapéu no córrego, como se fosse uma caçambinha. Uma feita, brigou por causa dele. Estava deitado na grama, no adro, o chapéu ao lado, redondinho. Um moleque passou e teve vontade de chutá-lo. Chutou. Zé deu-lhe o braço. Depois, apanhou a cuia, bateu-a no joelho, para sacudir a poeira, enterrando-a na cabeça, até cobrir as orelhas enormes e moles como asa de morcego. Agora mesmo, estaria cheio de jaboticabas, fazendo de cesta.

Corri os olhos em torno, procurando Antenor. O negrinho se confundira com as jaboticabas. Só pelos dentes, muito brancos, era possível distingui-lo. Resolvi também trepar numa jaboticabeira. Nesse momento, descobri uns pêssegos tão lindos, que optei por estes. Apanhei um. Nunca vira coisa igual. Rosado e liso como assento de menino novo. Dei uma dentada. Nem mel. Não trocava um pêssego daqueles por todas as jaboticabas do pomar. Zé Vicente e Antenor não sabiam o que estavam perdendo! Que ficassem com as jaboticabas. Eu ficaria com os pêssegos todos. Melhor para mim. Levava um ou dois para minha mãe. Ela gostava tanto de pêssegos... Mas... haveria de querer saber aonde os fora eu buscar. Diabo! Que haveria de responder? Que dona Quitéria me dera? Não acreditaria. Ninguém acreditaria. Dona Quitéria tinha fama de sovina. Chegavam a chamar-lhe mãe de São Pedro. "Aquilo é pior do que a mãe de São Pedro" — diziam, com desprezo. Com desprezo ou inveja, não sei. Dona Quitéria era incapaz de dar uma laranja daquelas "rabo-de-gato", quanto mais um pêssego daqueles!

De repente, ouvi um baque no chão. An-

Conto de JOSÉ LARA * Ilustração de ABELARDO ZALUAR
Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA



tenor saltara da jaboticabeira, os bolsos cheios.

— Gente, não deve tá longe de “seu” Onofre voltar do almoço. “Vamo” dar o fora?

— De veras — apoiou Zé Vicente, do alto. O velho não deve tardar. Se volta antes da gente sair, vai ser o diabo...

Desceu, com pesar, as algibeiras estufadas e o chapéu também.

— Eu queria saber é como vamos pular o muro, sem escada — eu disse.

— Verdade — secundou Zé. Como há de ser?

Com o olhar aflito, interrogamos Antenor, como a pedir auxílio à sua sagacidade. O negrinho estava silencioso, os olhos esper-tos procurando alguma coisa, que eu não sabia o que fosse. Já me sentia nervoso. Se Antenor não descobrisse uma saída para aquela situação aflitiva, não sei o que poderia acontecer. Dentro em pouco, “seu” Onofre estaria de volta. Treparia ao muro, para continuar a caiação. Olharia para o pomar e daria com a gente. Haveria de nos tirar dali, não havia dúvida. Mas, depois... nos pegaria peia mão e levaria cada um para a sua casa. Contaria tudo. Eu entraria na chinela. Antenor também. Zé Vicente ficaria sem o couro. Se ficaria! “Seu” Onofre costumava dar-lhe surras de tirar bicho. Depois da sova, um banho em água com sal. Coitado do Zé. Mas de nada adiantava, porque ele não se emendava. “Siá” Rita é que sofria, coitada. Estimava de-veras o filho. Cada lambada que ele levava doía-lhe fundo no coração. Saía para o quintal, chorando abafada, para o marido não ouvir. Se ouvisse, descompunha-a: “Por causa sua mesmo é que este pestinha está deste jeito”. Mas Zé sabia retribuir. Adorava a velha. Não entrava em casa de mãos abanando. Sempre com uma coisa qualquer para a mãe. Um dia, o farmacêutico pediu a Zé Vicente que lhe levasse uns vidros. Deu-lhe iotocentos réis. Zé comprou um lenço de chita, muito vistoso, e levou para “siá” Rita. A velha punha o lenço na cabeça, aos domingos para ir à missa. Se alguém o achava bonito, dizia, impando de orgulho: “Foi presente de meu Zé”.

De repente, os olhos de Antenor brilharam de alegria.

— Ei, pessoal, olha lá naquele canto! — gritou, apontando numa direção.

Olhámos, descobrindo, num canto, um monte de pedras e tijolos, mais ou menos encoberto pelo musgo.

— Nem de encomenda — comentou Zé Vicente, satisfeito.

(Continua na pág. 54)



Salvar 947



COLAÇÃO DE GRAU NO INSTITUTO

NO dia 8 do corrente mês realizou-se, no Teatro Municipal, a solenidade de colação de grau da turma de contadorandos de 1946, do Instituto Brasileiro de Contabilidade, do Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro, única entidade de classe que mantém uma escola técnica para formação de profissionais.

A sessão foi presidida pelo dr. Paulo Lyra, que foi alvo de uma homenagem especial por parte dos con-

tadores cuja turma recebeu o seu nome. Após a chamada nominal dos novos contadores, foi procedido o juramento e a entrega dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano. Em seguida teve a palavra o orador da turma, contadorando J. G. de Oliveira Ruben, que, depois de proferida a sua alocução, apresentou o paraninfo dos recém-formados, professor Iberê Gilson, o qual fez um discurso de despedida aos que acabavam de colar grau.



Ao alto da página: — Parte da turma de contadorandos que colou grau. Ao centro, o senhor J. G. de Oliveira Ruben, orador da turma de contadorandos, quando fazia o seu discurso. Ao lado: Aspecto parcial da assistência à missa em ação de graças, mandada rezar na Igreja da Candelária pelos alunos recém-formados, no mesmo dia da formatura.



BRASILEIRO DE CONTABILIDADE

A cerimônia, que teve a presença de numerosa assistência, foi encerrada ao som do Hino Nacional, executado pela banda do Corpo de Bombeiros.

Tomaram parte na mesa que dirigiu os trabalhos os senhores conselheiro Helio Burgos Cabral, representante do Presidente da República, dr. Walter Bello, representante do professor José Pereira Lira, dr. Aristoteles Pech, fiscal do Ensino Federal, dr. Paulo Lyra, diretor do I.B.C., dr.

João Ferreira de Morais Junior, presidente do Sindicato dos Contabilistas, cel. João Rocha Vieira, representante do Cinto do Corpo de Bombeiros, Ovidio Paulo de Menozes Gil, Contador Geral da República, prof. Ciribelli Alves, vice-diretor do I.B.C., e professores Soares Pessoa, Mario Miranda Muniz, Luis Sette Barreto e Newton Duarte de Almeida, do I.B.C.



Ao alto da página: — Aspecto da mesa que presidiu a solenidade de colação de grau dos contadores do I.B.C. Ao centro: O parâmetro da turma, prof. Iberê Gils quando proferia sua oração. A esquerda: O dr. João Ferreira Morais Junior entrega ao contador Paulo Mazzini um dos presentes destinados aos alunos que mais se destacaram.



O BAILE DE GALA DOS CONTADORANDOS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE

No dia 15 do mês corrente, realizou-se nos salões do Club Gymnastico Português o grande baile de gala com o qual os contadorandos de 1946, do Instituto Brasileiro de Contabilidade, encerraram as brilhantes festas de sua formatura, de cuja solenidade principal, levada a efeito no Teatro Municipal, damos pormenorizada reportagem nas duas páginas anteriores.

Da encantadora festa, que foi animada pelo esplêndido conjunto da Orquestra Tabajara, e que transcorreu em meio da maior alegria e cordialidade, a REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes que ilustram este registro, vendo-se no primeiro, ao alto, os novos contadores em pôse especial para a nossa câmara, e no segundo, à esquerda, um animado flagrante do baile.

EDUCANDARIO

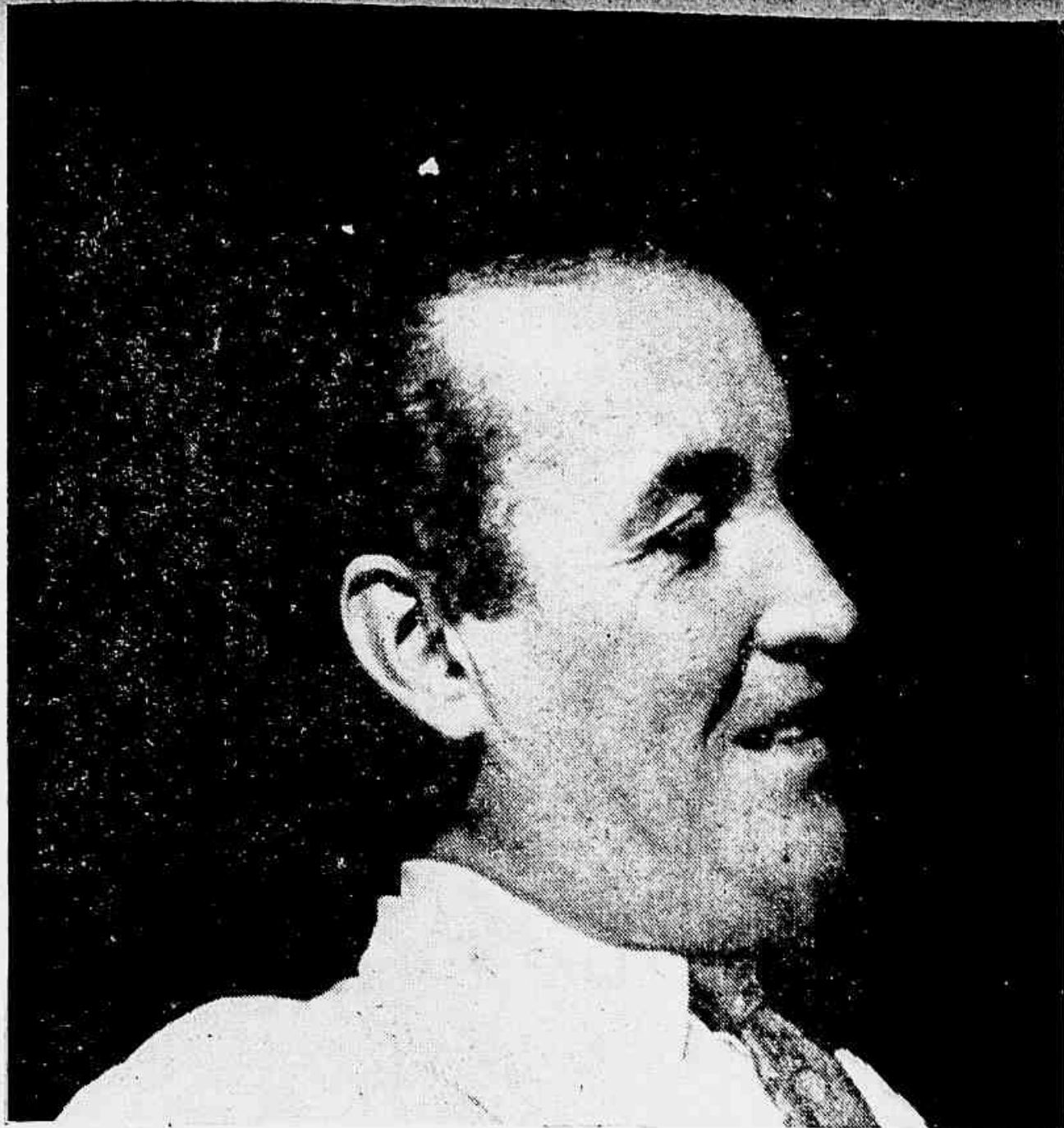
RUY

BARBOSA



ASPECTOS da colação de grau dos contadores de 1946 e da entrega de diploma aos auxiliares de escritório, em solenidades realizadas no auditorium do Ministério da Educação.





NA cidade de Maceió, nasceu José Luis Calasans, a quem um sujeito apelidou de "Jararaca", dado seu espírito venenoso. Demonstrando vocação para a música, passou a estudá-la com afinco, ate que em 1922, devido à dissolução do conjunto "Oito Batutas", a que pertencia, ingressou no "Turunas de Pernambuco", com o qual excursionou a Buenos Aires, tendo como companheiro Severino Rangel, mais conhecido como "Ratinho". Em 1927, dispersando-se os componentes dos "Turunas de Pernambuco", formou dupla com Ratinho, ingressando no rádio através da PRA-2. Dai, se transferiu para a Mayrink Veiga, trabalhando nesse prefixo durante três anos, findos os quais ingressou na PRE-8, de onde saiu, recentemente para assinar contrato com a Tupi. Jararaca, além de violonista, é também compositor popular de renome. Sua marchinha "Mamãe, eu quero", escrita com Vicente Paiva, tornou-se um dos maiores sucessos populares nos Estados Unidos, a ponto de ser gravada por várias fábricas e incluída em algumas revistas da Broadway. Sua primeira composição, porém, foi "Espingarda, pá, faca de ponta, tá" embolada ainda hoje muito ouvida. No teatro, fez sua estreia na Companhia Margarida Max, na peça "Guerra ao mosquito". Fez parte de outras companhias, inclusive a de Alda Garrido, no ano de 1945, trabalhou ao lado dela e de Ercília Costa, na revista "De pernas para o ar". Quanto ao cinema, sua presença se tem feito sentir em vários filmes, como "Romance proibido" e no "Trampolim da vida". Afora essas atividades, ele trabalhou em algumas "boites", inclusive no Cassino da Urea. José Luis Calasans, ou melhor, Jararaca, foi candidato a vereador nas eleições de 19 de janeiro.



NO índice do agrado popular, onde os "craques" da pelota emparelham-se com os astros do rádio, o nome de Sagramor de Seuvero desfruta de invejável colocação, tal o sentido educativo e social de seus programas. E' de abismar a correspondência diária da orientadora dos programas femininos da Rádio Globo, que foi candidata à vereança pelo Partido Republicano. Nascida e criada em São Paulo, tendo cursado os melhores estabelecimentos de ensino da capital bandeirante, cedo deixou-se empolgar pelo rádio, ingressando no "cast" de uma das principais emissoras paulistas. Seu primeiro cuidado foi fazer "broadcasts" para o sexo frágil, como "Problemas de sua vida", em que passou a aconselhar e dar lições úteis, mostrando a realidade da vida nos seus diversos ângulos. Mais tarde interessou-se pelo rádio-teatro, traduzindo algumas peças de Pirandello para a Record. A seguir, convidada pela Rádio Club do Brasil, transferiu-se para o Rio. Sua presença ao microfone PRA-3, foi curta, uma vez que a Mayrink Veiga lhe proporcionou maiores recursos para trabalhar. Na PRA-9, Sagramor de Seuvero lançou "Marcha Nupcial", "Cozinhando pelo Rádio", "Para você, maciezinha", "Problemas de sua vida", "O mundo não vale o seu lar" e "Adolescência". Também tomou parte em diversas apresentações de "Cine-Rádio-Teatro", fazendo a figura central de "Flores do pó". Com a aquisição da PRE-3 pelo jornal "O Globo", integrou-se no elenco dessa estação, onde veio a encontrar aquele que se tornaria seu esposo, Miguel Gustavo. Nessa estação, além de manter os mesmos programas, Sagramor toma parte em "Conversa em família", ao lado de Urbano Loes, Rubens Amaral e Raul Brunini. No ano passado, visitou os Estados Unidos, atuando ao microfone da N.E.C.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

A música popular brasileira é rica em intérpretes. E uma das mais festejadas é a jovem cantora da Rádio Tamoio, Aldée Miranda. Ingressando no rádio para melhor expandir suas qualidades vocais, a atual artista exclusiva da PRE-7, conseguiu prender a atenção de milhares de ouvintes. Com sua voz educada sua dicção perfeita, seu ritmo certo e uma figura encantadora, que lhe daria um lugar no nosso cinema, foi escolhida para animar os programas de estúdio da Tupi. Logo no início de sua carreira artística, teve como colegas e competidoras nesse estúdio, Ivonete Miranda, Ademilde Fonseca, Linda e Dircinha Batista. Triunfou, portanto, em meio de séria competição. Aldée Miranda é uma figura graciosa, olhos vivos, dentes alvos e perfeitos a par de um sorriso franco e espontâneo, denunciador de um espírito despreocupado. Frequenta com assiduidade as nossas casas de espetáculos, sendo "fan" de Errol Flynn, Clark Gable, Gary Cooper e vários outros astros do cinema. No teatro, não perde as temporadas de procópio, nem as de Mesquitinha. Ouve novelas, como qualquer senfilista, preferindo, porém, silenciar sobre seus astros radiofônicos preferidos, para não desgostar os oturos. Adora os passeios, gosta muito da cor branca, não é supersticiosa, "isolando", entretanto, quando vê um gato preto... Em matéria de quitutes, não tem preferência. Basta um prato ser gostoso para que ela o aprecie. Lê muito, admirando os romances de Erico Verissimo e Machado de Assis, mas detestando Suzana Flagg. Seu esporte favorito é a natação, praticando-o quando possível.

JORGE MURAD SALLIM LASMAR é como foi registrado em cartório o cozinheiro da "Pensão do Salomão", a reaparecer, por estes dias, na Rádio Club do Brasil, com novos e piramidais cardápios. Nascido no Rio de Janeiro, na rua da Alfandega duzentos e trinta e cinco, a 13 de abril de 1910, o nosso biografado se deixou empolgar pelo teatro de amadores, tomando parte em vários espetáculos, em que não só contava anedotas, como também sapateava. Assim, conseguiu ingressar no rádio, tendo atuado na maioria das emissoras cariocas, nas quais sempre realizou humorismo limpo e sadio. Nessa passagem pelo microfone, fez inúmeros programas, destacando-se entre eles "Pensão do Salomão", "Na loja do Salomão", "Anedotas confusas", "Fala, meu louro", "Salomão a varejo" e "Ensaio Carnavalesco". No cinema, trabalhou em "Alô, alô Brasil", "Estudantes", "Alô, alô carnaval", "Grito da mocidade", "Futebol em família", "Pega ladrão", "Banana da terra", "Vamos cantar". Como compositor, seus sucessos foram "Alô papai", "Quem nunca comeu melado", "Mamãe, eu vi o touro". Escreveu diversos livros de anedotas, como "Arak-said", "Salomão a varejo", "Anedotas de guerra" e "Anedotas de papagaio". Foi figura destacada no futebol, jogando ao lado de Leonidas, no Sirio Libanês. E' torcedor do Fluminense, pratica a natação, gosta de soda gelada, tem diploma de contador, é solteiro, aprecia um prato de kibe, toma parte em quase todas as festas de caridade e lê tudo quanto é biografia de homens célebres.



PREFEITURA MUNICIPAL



Conto de PEREGRINO JUNIOR

Ilustração de ARMANDO PACHECO

A FRENTE UNICA

A terra mole, atolada dentro da água suja do igarapé, é anêmica e triste.

A sombra húmida daquelas árvores sem medida, o caboclo modorra à toa, a barriga no chão, os olhos na distancia, numa economia subconsciente de energias.

Trabalha o menos que pode, porque dentro dele não há entusiasmo nem ambição. A astênia das mazelas que o devoram — aquela moleza incurável do impaludismo e da verminose — explica a voluptuosa inércia em que ele apodrece.

As suas necessidades são exiguas: contenta-se com uma tijela de assai, um pedaço de caça ou de peixe, um gole quente de cachaça. A terra é farta: dá-lhe tudo o que ele quer. O peixe encontra-o na porta da barraca: basta atirar a linha no igarapé. A mandioca nasce no terreiro: é só plantar. O assai esse brota à toa, em toda parte, e faz mata junto na barraca. Só a cachaça é que é preciso comprar. Mas levando à cidade um paneiro de farinha d'água e um paneiro de assai, ele trás cachaça para uma semana. E isto basta à sua ambição miserável de doente.

— Pra que se matar? Caboclo não vive tão bem assim?...

Ali bem perto daqueles seringais hidrópicos e abandonados, onde cochilam de papo no chão, sem ter o que fazer, dezenas de desgraçados, é o vilorio triste, que os "do sítio" convencionaram chamar — "a cidade".

Meia dúzia de casas miseráveis: uma rua. No fim da rua, num largo iluminado de sol, a capela. E eis tudo. O resto são becos de palhoças, diluindo-se na anasarca dos paúes de tijuco.

E', em todo caso, uma cidade histórica: foi monarquista com D. Pedro, foi lealista com o velho Lemos, foi Laurista com o Dr. Lauro. Tem evoluído... A República tirou-lhe o juiz de paz, mas botou-lhe mais asseio nas ruas. E conservou-lhe dois autênticos chefões políticos. Em lugar dos Partidos Conservador e Liberal, deu-lhe uma Loja Maçônica.

— Ordem e progresso! como exclamava, impando de orgulho cívico, o coronel Antunes.

Os tucháus do lugar são dois: o coronel Antunes, prefeito municipal, e o coronel Anastácio, coletor federal. Inimigos até à medula. Combatendo-se reciprocamente, a ferro e a fogo, sem escolher meios nem processos. Mas no paralelismo da sua carreira política que medrava adubada no humus podre de um ódio miúdo e triste, eles afinal acabavam se encon-

trando num ponto: na solidariedade entusiástica com que apoiavam ambos o governo estadual. Só para contrariar a geometria e atrapalhar os amadores de psicologia política... No município, o Anastácio e o Antunes eram adversários irreconciliáveis; eram correligionários na capital. Eis ao que leva, no Brasil, o fetichismo do governo e o amor dos cargos públicos.

O pessoal do sítio estava arrancando pelas eleições. Para votar? Qual o quê: para ganhar roupa e calçado...

Na bodega do Zé Senamby os caboclos tinham já trocado suas peles de borracha e seus paneiros de farinha e castanha, por sal, querosene e cachaça, e enganavam o tempo "matando o bicho". A conversa se arrastava mole que nem sucuri de barriga cheia, sobre coisas sem importância: borracha, cacau, roçado, pescaria, sorteio militar, eleição...

— André do Furo Grande foi sorteado?

— Disque...

— Mas ele não se apresenta não.

— Delegado manda buscar ele na embira.

— Achi! Era preciso que ele fosse besta!... Então pra que é que existe esse mundão de gato?

— Caboclo cala aí, é que nem agulha em paneiro... Ninguém mais ajunta ele!

— Paresque...

— Dispois, há pagé que sabe fazer resa forte pra esconder o cristão dos olhos dos policia.

Chico Tuira, homem de fiança e compadre do coronel Anastácio, de repente, eirrigando a água parada da conversa, alvoroça a tropa com uma novidade da praça:

— Vocês sabem de umia coisa? Compadre Anastácio leu na "Folha" notícias importantes sobre as coisas da côrte. Coisa que vai virar...

— E as "inleição"?... Me diga quando é as "inleição"? indaga, interessado, Manduca Sacristão.

— P'ru que pr'gunta, home de Deus?

— Minhas botas já roeram a sola, e os fundos das minhas calças não aguenta mais remendo não...

— Pois, tem muito que esperar... A coisa anda feia. Disque. Compadre Anastácio leu na "Folha" que há dois candidatos: seu Prestes e seu Getúlio. Mas ninguém sabe ainda em quem vai votar, porque o Dr. Eurico Valle não deu as ordens, até esta data...

— Tá bom. Eu quero é que a inleição venha logo. Preciso de uns sapatos e umas calças novas...

— Deixa de galizia, homem, que caboclo nasceu foi nú...

— E eu que não tenho mais chapéu!

— Chapéu de caboclo é paneiro...

A rodada de cachaça esquentou o estômago da tropa, e a conversa se apagou no silêncio torporoso da bebedeira coletiva. Todos estavam com a cabeça zozna — e saíram da bodega de Zé Senamby, cosendo bainha, a caminho do porto, onde as montarias amarradas os esperavam no sossego da água mansa.

Tendo recebido instruções do Dr. Eurico, os dois chefões trataram de arregimentar o eleitorado. As ordens eram categóricas: dar a maior votação possível ao candidato nacional, Dr. Julio Prestes, cujo programa de governo etc. etc.

Começou então o campeonato de dedicação política dos dois chefes adversários: cada qual reviu, com cuidado minucioso, a sua lista de eleitores, organizadas ambas, diga-se de passagem, com a colaboração de mortos e vivos. O coronel Antunes levava uma vantagem: sendo prefeito, dispunha do obtuário do município para enriquecer o seu eleitorado. Mas o coronel Anastácio não era besta não: amigo do vigário, copiou na sacristia a lista do batistério. Crianças e mortos formavam, assim, o grosso do eleitorado do município — e eram os eleitores melhores, mais disciplinados e mais econômicos: votavam tranquilamente, e não reclamavam, nem pediam nada. Para os outros, que felizmente eram poucos, tinham os chefes que comprar chapéus, roupas e sapatos. Além disto, no dia do pleito, era preciso matar dois bois e comprar uma frascuelra de cachaça... Era nesse dia que eles tiravam a barriga da miséria!

A eleição correu em paz. Brigar em Tijucupaua, só se brigava era quando havia eleição municipal para vereadores. Eleição de Presidente, de Governador, de Deputados, não tinha importância: ambos os chefes estavam de acordo. A luta era para ver dos dois qual era aquele que dava maior número de votos aos candidatos do governo. Como havia duas seções eleitorais na cidade, o Dr. Eurico, homem prudente e justiceiro, para evitar desaguisados e complicações, deliberou que cada chefe ficasse com uma: a 1ª seção, era do Coronel Antunes; a 2ª do Coronel Anastácio. Ficavam, assim, além do mais, definidas as responsabilidades.

Na seção do Cel. Antunes houve um fato muito desagradável: ao fazer-se a

apuração, havia um voto para o Dr. Getúlio!

— Um voto para o Dr. Getúlio!

— Sim, Coronel, um voto para o Dr. Getúlio!

— Que desaforo! Era só o que faltava! E o senhor, seu Escrivão, não viu quem foi o bandido que deu esse voto?

— Não senhor, Coronel. Como todos os

(Continua na pág. 50)



Antologia Brasileira do Conto

PEREGRINO JUNIOR, o membro da Academia Brasileira de Letras de mais recente eleição, é, sobretudo, um excelente contista. Como a Gastão Cruls, Alberto Rangel, Carlos de Vasconcelos, José Veríssimo, Euclides da Cunha e tantos outros escritores da atualidade e do passado, a Amazônia fascinou-o e forneceu-lhe motivos para magníficas páginas literárias. Conhecendo não apenas a natureza amazônica e as figuras que se agitam naquele cenário, mas igualmente o vocabulário regional rico, saboroso e pitoresco, Peregrino Junior deliciau milhares de leitores em "Pussanga", "Matupá" e "Histórias da Amazônia", este último volume uma verdadeira antologia dos seus melhores contos. "A Frente Unica" é verdadeiramente delicioso e merece uma referência especial do acadêmico Manuel Bandeira, no discurso com que recebeu Peregrino Junior na Academia Brasileira de Letras.



Ruth Guimarães em companhia do reporter.

UMA ESCRITORA NEGRA QUE TRIUNFA

RUTH GUIMARÃES, A AUTORA DE "ÁGUA FUNDA", CONSIDERADO UM DOS MELHORES LIVROS DE 1946, FALA A "REVISTA DA SEMANA"

Infância e juventude — De menina mentirosa e arteira a uma das maiores escritoras da literatura brasileira — Como se tornou escritora — A vida íntima da jovem literata — Viver de escrever mata o escritor — Conceitos sobre arte, poesia e literatura — A emancipação da mulher brasileira depende dela própria — O divórcio é absolutamente necessário — Outras notas.

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Reportagem de NELSON VAINER

TIVEMOS um Luis Gama. Tivemos um José do Patrocínio. Tivemos um Cruz e Souza. Tivemos um Lima Barreto. Tivemos um Theodoro Sampaio. Temos um Lauro Palhano. Mas só agora surgiu uma grande escritora da raça negra no Brasil. Ruth Guimarães é, sem dúvida, a grande descoberta literária de 1946. Simultaneamente com o aparecimento do seu livro de estreia, "Água Funda", surgiram na imprensa vários artigos favoráveis à sua obra. Mas, em geral, os elogios em coro despertam sérias suspeitas.

Aquilo cheirava a propaganda, a "onda" editorial. Mais tarde, porém, quando "Água Funda" se tornou o assunto do dia, isto é, quando o público, que é, indubitavelmente, o melhor dos críticos, começou a citar esse livro como uma das maiores obras da literatura brasileira aparecidas em 1946, resolvemos verificar o que havia de verdade em tudo isso. E, foi depois de ler o livro em questão, que deliberamos entrevistar a sua autora. E se o fizemos foi porque "Água Funda" nos pareceu realmente, além de todos aqueles elogios.

A língua escrita e a língua falada

Poucos são os escritores que falam tão bem como escrevem. Os homens de letras possuem, geralmente, dois idiomas — um para falar e outro para escrever. Ruth Guimarães, porém, figura entre os privilegiados: fala exatamente como escreve, o que torna extremamente agradável a conversa que se mantém com ela, mesmo quando se prolonga por algumas horas. — "Sou neta de contadeira de

A REVISTA DA SEMANA, através de uma crônica de Lúcia Benedetti, a romancista de "Entrada de serviço", foi a primeira publicação brasileira a apresentar ao público Ruth Guimarães, jovem escritora de S. Paulo, cujo livro de estréia, "Água Funda", repleto de interessantes anotações e vasado numa saborosa linguagem regional, foi saudado como uma verdadeira revelação. Ainda há pouco, "Água Funda" era apresentada como uma das grandes obras literárias de 1946, em diversos inquéritos realizados por jornais diários sobre o movimento editorial do ano passado. Alvaro Lins, no seu reputado redapé do "Correio da Manhã", se ocupou do livro de Ruth Guimarães com grande simpatia. A autora paulista vai, assim, se impondo à consideração dos nossos círculos literários, que são, graças a Deus, isentos de preconceitos de raça predominantes em outros meios. REVISTA DA SEMANA confiou a Nelson Vainer a tarefa de entrevistar Ruth Guimarães em São Paulo e o resultado aqui está, nestas páginas, que revelam detalhes da carreira e da vida da primeira grande escritora negra do Brasil.

casos", — disse-nos sorrindo — "daí a minha facilidade para contar histórias. Para contar e escrever..."

A infância e a juventude de Ruth Guimarães

Ruth Boelho Guimarães nasceu em 1920, numa velha cidade decadente de uma zona morta: Cachoeira, no vale do Paraíba. Ainda menininha, como se pressentisse que aquela região era condenada a nunca mais despertar do seu sono letárgico, Ruth se sentia possuída pela vontade de fugir. — "Oh! como eu queria fugir!" — conta a escritora — "Lembro-me como se fosse hoje. E eu ainda era tão criança... Tinha apanhado umas chineladas e saí andando atoa pelo caminho, uma das muitas trilhas da fazenda, sempre para a frente. Depois senti frio e voltei, mas estava demorando para chegar, e escureceu; fiquei com medo e com fome e bolei a boca no mundo. Um agregado da fazenda me levou para casa onde cheguei chorando com quanta força tinha, mas isso não me livrou de apanhar outra vez. Um completo fracasso".

— Serviu de lição?

— Que nada. Tornei a fugir, mas dessa vez com uma finalidade premeditada: ir para a escola. E francamente, não foi tão ruim assim... E agora ando com uma vontade danada de viajar. Quisera eu possuir um tapete mágico. Até mesmo uma vassoura de bruxa serviria...

— E como se portou na escola?

— Mais ou menos... Engraçado, não tinha vontade para escrever quando era menina... só se me amarrassem na cadeira, porque era muito sem modos. As tarefas da escola mesmo, fazia às vezes. Só no quarto ano do Grupo Escolar é que comeci a fazer composições. Algumas saíram muito compridas, cheias de adjetivos, mas saíam naturalmente, sem outro objetivo que o de tirar boa nota. Isto para que me deixassem brincar em paz, depois.

— E ninguém reparou algo de excepcional no seu modo de escrever?

— Sim, houve quem reparasse. Quando o percebi, comeci a escrever com cuidado, adquirindo logo reputação de menina inteligente.

— Gostava de recitar?

— Às vezes. Um dia, numa festa escolar, tinha declamado uns versos de Olegário Mariano:

"Nasci numa velha casa solarenga e bela
e nessa casa branca havia
um pé não me lembro do que
e ao fundo dela
um rio d'água clara que corria..."

Ruth Guimarães, uma das grandes revelações literárias de 1946, mora num quatinho pouco maior que um bocejo... Ei-la sorridente, na sacada do prédio no qual mora.





Nas horas vagas gosta de distrair-se com leitura banal: "Seleções" e "X-9"...

e por aí agora, em versos muito sonoros. A música dos versos ficou na minha cabeça uma porção de tempo e um dia, lembrando-me mais particularmente da casa grande da fazenda onde passei a primeira infância — de 3 aos 8 anos — escrevi também uns versinhos muito sentidos e muito chorados sobre a minha casa.

A revelação da vocação literária

- Foi então que se revelou o seu talento literário?
- Acho que sim. Se não, eu não teria tido coragem de levar esses versos à redação do jornalzinho local.
- E foram aceitos?
- Tive que esperar toda uma semana para sabê-lo. Durante esse tempo andei tão ressabiada e tão excitada que meu avô dizia a todo instante: — "Essa rapariguinha está tramando alguma"...
- Por que dizia isso?
- Porque eu era muito mentirosa e arteira. Ele sempre desconfiava de mim, porque não era raro que se queixassem de mim para ele.

— E depois?

— Chegou o domingo. Milagre dos milagres: os meus versinhos de pé quebrado estavam na primeira página, com umas vinhetas torcidas em volta. E na outra página vinha a história da minha ida à redação e grandes cumprimentos "à inteligente menina do nosso grupo escolar" e outras coisas mais, das quais não me lembro.

— Que disse o seu avô?

— Quase teve um ataque.

— E você?

— Eu também...

— Continuou versificando?

— Se continuei! Era de ver a minha atividade...

Não sei donde saiu um exemplar de "Água Corrente", do Olegário, e durante uns seis meses fui um verdadeiro papel carbono dele...

Imitando Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida

— A que mais se dedicava, então: à "literatura" ou à leitura?

— Lia muito. Com nove anos de idade, li a coleção inteira de Machado de Assis, sem entender patavina do sentido. Os anos foram passando, "como canôa em água funda". Aos doze anos imitava Cassiano Ricardo. Escrevia estas coisas com a mais absoluta inconsciência:

"... o mar subiu aos céus, dando boléus de ondas verdes e o céu, dando risadas de sol, entrou no mar..."

e até hoje não sei se esses versos são do Cassiano ou meus. Aos 15 tinha Guilherme de Almeida em baixo do travesseiro. Namorava, amava, suspirava, tudo em termos guilherminos... Sonhava com pianos onde agonizavam rosas vermelhas, com "a rua que eu imagino desde menino, para o meu destino pequenino". Tinha um primo, não podia deixar de acontecer, e liamos o mesmo livro, marcado com folhas de malva cheirosa, e com as passagens mais açucaradas com traços pouco firmes de lapis. Nesse tempo eu escrevia:

"Que de saudade pelas tardes quietas!

Que de tristezas sob o luar de arminho!"

O que também não sei se é de Guilherme de Almeida ou se é meu... Imaginei balcões floridos, pensava em aventuras, sonhava com renúncias e uma vez quis ser freira, como nos romances de Delly. Acontece, porém, que cresci e mudei. A vida obrigou-me a mudar... Ia começar uma nova fase na minha vida.

— E onde estudou? Qual o curso que completou?

— A minha vida sempre foi um tanto desgovernada. Estudei em Cachoeira, em Lorena, em Guaratinguetá, até em colégio de freiras e, finalmente, na Escola Normal Anchieta, de São Paulo. Mas sou formada pela Escola Normal de Guaratinguetá. Agora, estou me preparando para entrar para a Faculdade de Filosofia desta Capital. Quero estudar letras clássicas.

Neta de uma contadeira de histórias...

Ruth acredita no atavismo. Sua avó, que conta atualmente 94 anos de idade, é uma grande contadeira de casos. Conta cada coisa que dá prazer de ouvir. Ora, sendo neta de tão grande prosadora, nada mais natural que também ela o faça, por escrito. Herdou um talento. Falta apenas explorar esse talento. Nada mais... E é o que está fazendo. Chegando a São Paulo, desdobrou sua atividade. Trabalhou como não sei que. Trouxe com ela dois irmãos menores, cuja educação dependia do seu trabalho. Ruth, para manter essa pequena família — perdeu o pai aos 9 anos e a mãe aos 17 — experimentou vários empregos. Durante esse tempo, apesar de lutar com tremendas dificuldades, ainda teve tempo para dedicar algumas horas às letras diariamente. Tinha "água funda" na cabeça, água que exigia uma saída, liberdade para correr, bastante terreno para expandir-se...

Um dia, a água funda jorrou. Saiu em edição da Globo, causando celeuma nos meios literários de norte a sul do país. De menina mentirosa e arteira a uma das mais notáveis escritoras da literatura brasileira contemporânea — essa a incrível história de Ruth Botelho Guimarães...

A vida íntima da jovem escritora

Ruth é solteira. Vive só, num quatinho pouco maior que um bocejo. É um larzinho pobre, limpo, pitresco, enfeitado com quadros e flores. Levanta-se às 6 horas. Não toma café. Prefere chá, que ela mesma prepara. Depois de um passeio pela várzea, volta ao quatinho, onde escreve das 7 às 10 horas. Funcionária autárquica, entra às 12 no serviço, saindo às 18. Uma vez por semana vai ao cinema, mas prefere o teatro, "porque tem um sentido mais humano e mais próximo e é mais arte do que o cinema". Gosta da melhor música, mas prefere a pior do mundo.

Esta, deixa-a anulada, anestesiada, por assim dizer. — "Qual delas?" — indagamos. — "A de Schuman, por exemplo, os cantos gregorianos, algumas de Chopin, as populares, de caráter folclórico, como a Cobra Grande, e as músicas que falam em mar do Dorival Caym, as "Horas Tristes", de Chopin, a "Sonata Patética" de Beethoven, algumas canções italianas, o "Bolero", de Ravel, um "blue" meio arrastado, chamado "São Luis, — não sei o que".

— E que nos diz da pintura?

— A pintura está mais do que qualquer outra arte, numa fase de procura. Tenho a minha maneira particular de senti-la, e não entendo de pintura absolutamente. Apenas gosto da maneira como alguns artistas encontram soluções, seja nas cores, seja no sentido de mensagem dos seus trabalhos, seja na questão de ângulos e perspectivas. Apenas o que penso é que há genialidades demais, se complicando e complicando os outros. O artista, seja qual for a modalidade de arte, tem que arranjar um jeito de se fazer entendido em sua mensagem de beleza. Se ele não encontrar esse meio de comunicação, estará perdida a finalidade da arte.

Não pretende viver de escrever

Falando sobre os seus planos do futuro, disse-nos Ruth que ela pretende continuar a trabalhar como funcionária e jamais pensou em viver de escrever.

— Por que? — indagamos.

— Porque viver de escrever mata o escritor, tornando-o apenas uma máquina produtora de literatura.

— Mesmo sendo muito bem pago?

— Mesmo assim.

— Bem, já que estamos com as mãos na massa, quanto tirou a Globo de "Água Funda"?

— 3.000 exemplares.

— E quanto você ganhou nessa edição?

— 5.400 Cruzeiros. Daí você pode ver se vale a pena viver de escrever...

— Tem algum livro em preparo?

— Tenho muita coisa em preparo, mas o que vou publicar, dentro de muito breve, é um livro de poesias, "Poesmas". Concorrerei ao Prêmio Fábio Prado com um ensaio sobre os espíritos do mal. O resto vou guardar ainda. Futuramente, depois de viver mais alguns anos e tendo mais experiência da vida, hei de escrever um romance.

Conceito sobre a literatura brasileira

— Que pensa sobre a nossa literatura? Quais os escritores e poetas que mais admira?



Ruth Guimarães é funcionária autárquica, trabalhando das 12 às 18 horas. Na parte da manhã escreve para a Editora, revistas e jornais.

— A literatura brasileira está evoluindo e isto é uma coisa maravilhosa. Estamos crescendo e amadurecendo. Como todos os povos novos, civilização nova, a poesia cresceu primeiro. Nossos maiores valores são poetas.

— Pode citar os que mais admira?

— Admiro muita gente. Muita, muita, principalmente dos mortos: Machado de Assis, Mario de Andrade, Vicente de Carvalho.

— E dos vivos?

— Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt. Vou abrir parêntesis para um dos nossos poetas que mais admiro — esse inimitável Judas Iscariotes. Poesia alguma emociona tanto quanto a dele. "O Pedido", que ele publicou há dias nas colunas de "A Gazeta", é uma maravilha, tão grande, tão estupenda como a sua famosa "A Notícia".

O Prêmio Nobel de Literatura para o Brasil

— Desejamos saber o que Ruth pensa sobre a possibilidade da candidatura de escritor brasileiro ao Prêmio Nobel de Literatura. A jovem escritora se mostra pessimista:

— Creio que não temos um escritor vivo que, com

obra de conjunto, de sentido universal, possa concorrer seriamente ao famoso prêmio da Academia de Estocolmo. Se fosse possível voltar em defunto, eu estaria com Machado de Assis.

A emancipação da mulher e o divórcio no Brasil

Falamos em seguida sobre a situação atual da mulher brasileiro, sobre o que ela já conquistou até agora e sobre o que ainda lhe resta para conseguir, principalmente no domínio da sua emancipação.

— A emancipação da mulher brasileira — pondera Ruth — é uma questão de tempo. E depende mais dela própria do que dos homens.

— E que pensa sobre o divórcio? Deve ser adotado no Brasil?

— Sou solteira, mas acho o divórcio absolutamente necessário. Está acima de qualquer um de nós temer um compromisso para toda a vida. Demais, o casamento não passa de um contrato e é um contrato sem um contrato sem uma cláusula de rescisão, — finalizou a entrevistada. E com isso demos por encerrada esta nossa já longa entrevista.

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

EÇA DE QUEIROZ, "o romance da sua vida e da sua obra", por Gentil Marques — Edição Romano Torres. — Lisboa, 1946.

Ainda outra maneira de tratar a individualidade do romancista, agora, após as celebrações do cent nário do seu nascimento, definitivamente glorioso...

De tantos panegíricos e tantas críticas, tantos medos de agradecer ou discutir o legado do seu gênio, resultou uma consagração verdadeiramente excepcional. Sobre tudo se verificou este aspecto eloquentíssimo nos cinquenta anos decorridos após o dia em que ele deixou de escrever, não se encontrou motivo de louvor, razão, ensejo ou pretexto de censura que, enquanto ele vivo, se não houvessem asinalado. Nada se descobriu em seu desaberto ou suscetível de se lhe tornar pejorativo além dos galicismos do princípio da carreira; as citadas imitações de tipos de Balzac e Flaubert — como, se em todos os países, não houvesse objectos de estudo semelhantes, à disposição de todos os observadores, todos os escritores; repetição, dentro da própria obra, de figuras análogas, como a do Conselheiro Acácio que, na concepção absurdamente invejosa de Fialho, acabou sendo Fradique Mendes; a espantosa falta de patriotismo, acusação de que ele, mais de uma vez, se defendeu irremediavelmente e que ainda hoje tem quem a formule como bem fácil, bem comodo meio de ataque, pois que basta reproduzi-lo... Mas, realmente, não só as condenações, também os possíveis elogios estavam organizados, fixados antes da comemoração do ano passado, criadora de uma estante algumas vezes maior, numericamente, que toda a obra "queiroseana". O que, portanto, restava aos apologistas como aos pretensos demolidores era tentar variantes de exposição, cuidando cada qual de fazer valer a sua técnica, o seu estilo.

O Sr. Gentil Marques procurou romancear, a trajetória que dos folhetins da *Gazeta de Portugal* e veio até à *Cidade e as serras*, sem falar das etapas ou episódios que foram conhecidos pela publicação póstuma. O presente livro divide em capítulos a existência do personagem, desde o berço na Póvoa de Varzim até ao leito de morte, em Paris. Em cenas vivas, generosas de detalhes, com diálogos e piadas, tudo como se o autor o houvesse presenciado, ele nos conta, depois da infância e da adolescência de José Maria; as passeatas e as ceias noturnas de Coimbra, as recitas do Teatro Académico, as cavaqueiras de quarto de estudante; depois, em Lisboa, as projectos e as frases do Cenáculo; a organização, o desfecho e os ecos das conferências do Cassino; a génese do *Mistério da Estrada de Sintra*; a primeira causa do advogado, a primeira nomeação do funcionário; e daí por diante cada livro, cada viagem, cada empreendimento como o dessa *Revista de Portugal*, tão surpreendente na época e até hoje tão singular entre as publicações portuguesas. Tudo o Sr. Gentil Marques nos apresenta com desenvoltura e segurança de narrador que, sentindo-se senhor da verdade, se considera capaz de bem a interpretar. E este volume de quatrocentos e cinquenta páginas é dos que se leem de princípio a fim, sem perda de uma passagem e sem pressa de terminar.

DISCURSO E CONFERENCIAS RURALISTAS de Sud Mennucci — São Paulo, 1946.

Já nestas notícias nos referimos aos valiosos trabalhos do Sr. Sud Mennucci, propagandista ardoroso, deveras infatigável, da vida campestre, do amanho praticamente bem orientado e sentimentalmente carinhoso da terra. Por toda parte onde a sua convicção e a sua solicitude se possam exercer; em cerimônias inaugurativas e outras celebrações oficiais; em conferências educativas, em artigos de jornal e revista, e-lo ensinando, combatendo, escrevendo, como aquele que por todos os meios dignos procurar leva avante a sua missão. E muita coisa, sem dúvida terá conseguido, porque a sua palavra, impregnada e fremente de sinceridade, realmente se faz escutar, se transmite em plena eloquência persuasiva.

O capítulo *Saudação ao sertanejo* fala solenemente da injustiça que os homens da cidade tradicionalmente fazem aos seus irmãos rústicos, considerando o trabalho destes de menor importância para o engrandecimento da pátria comum. E' um erro contra o qual o paladino por si mesmo se insurge e ao mesmo tempo se arrepende em nome dos literatos que em tal iniquidade persistiram. E o capítulo assim termina:

"Bem compreendemos hoje o erro que fizemos e o crime perpetrado. O verdadeiro Brasil és tu, homem incomparável! A verdadeira Pátria és tu, homem anônimo, que tiveste a sublime loucura de substituir o sangue generoso de tuas veias ricas e turgidas pela terra vermelha da gleba, áspera e inóspita, domando essa madrasta inconciliável para transformá-la em mãe de uma civilização em marcha!

Nós te seguiremos agora, homem maravilhoso! E no esforço que faremos pela compreensão do teu ideal sagrado fique a remissão do ominoso pecado e fique a redenção do erro secular!"

Outros períodos que particularmente chamam a atenção são os finais do livro, nos quais o autor dá a razão da insistência em certos aspectos e em certos argumentos relativos à causa patrocinada:

"Como é natural em toda campanha pela vitória de uma idéia, tive de repetir-me muito, repizando os argumentos que, a meu ver, precisavam, mais que outros, de gravar-se na consciência dos teimosos. Esse defeito aparece flagrantemente marcado neste livro. Dê-lo não me penitencia. Nem cuidei de o minorar ou de o tornar menos patente. E' que acredito que, nas obras de persuasão humana, a única figura de retórica que ainda produz resultados é a repetição."

JOIAS DA POESIA HISPANO-AMERICANA, tradução, apresentação e notas de Osvaldo Orico, da Academia Brasileira. — Livraria Bertrand — Lisboa, 1946.

O Sr. Osvaldo Orico deu um suave, deleitoso passeio pela poesia hispano-americana. Em companhia, ora de rimadores do tipo clássico era de versadores de outros gêneros, inclusive o indelével, andou em itinerário seguido pela Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, México, Nicarágua, Peru, Salvador, Uruguai e Venezuela. Houve, no entanto, como se vê, uma ordem no seu percurso: a alfabética.

O acadêmico brasileiro ia passando e recolhendo as joias espirituais que lhe pareciam mais formosas ou mais ricas, e às quais melhor, no seu entender, se adaptassem os

trabalhos e esmaltes da língua portuguesa. Reuniu assim cerca de sessenta peças cuja beleza e cujo engenho particularmente o haviam seduzido. Dos ourives-poetas que figuram no presente volume, não poucos eram já largamente conhecidos no Brasil. Basta citar, nessa conlção especial, Leopoldo Lugones, Luiz Cané, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, José Martí, Amado Nervo, Ruben Dario, Santos Chocano, Juana de Ibarbourou. Outros, porém, gozariam aqui apenas da admiração das rodas literárias ou duma classe de artistas seus semelhantes, revolucionários ou extrinsecamente requintados e, portanto, à parte. Graças, agora, a esta edição lisboeta, quarenta cultores da poesia hispano-americana, mais ou menos célebres fóra dos seus países, mais ou menos da nossa já declarada predileção, entram nas livrarias brasileiras, para a apreciação de toda a gente. E deste modo, não realiza apenas o Sr. Osvaldo Orico um empreendimento de arte; faz obra também e, inquestionavelmente meritória, de divulgação.

Atendendo à divisão metódica do espaço destinado a estas notícias, escolheremos no livro, uma das peças menos extensas, o *Romance de Menina que vai às compras*, em rimas tónicas, e que em verdade, é um encanto de singeleza e espírito:

A menina vai às compras,
às compras vai a menina;
e porque ela vai às compras
se põe mais bonito o dia.

As ruas de Buenos Aires
esperam-na nas esquinas
e a festejam na passagem
com estridulas buzinas,
enquanto, movendo o freio,
os bondes param nos trilhos.

Ela vai de loja em loja,
— (Que busca?... que necessita?...)
pergunta o preço de tudo,
e ao jogo de seu capricho
toda a cidade se agita,
treme a loja, treme a indústria
e o tráfego se complica.

A' hora justa do regresso,
pelo cansaço rendida,
a menina vem das compras
com meio metro de fita.

OSÓRIO, "Símbolo de um povo, síntese de uma época", pelo Coronel J. B. Magalhães. — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro, 1946.

Neste livro de amplo formato e de mais de quinhentas páginas se encontra certamente tudo quanto, como informação histórica ou documentação oficial se deseje saber acerca do glorioso cabo de guerra, político inquebrantável e patriota perfeito que foi Manuel Luiz Osório.

Em verdade, não se limitou o Sr. J. B. Magalhães à apresentação daquele vulto digno entre os mais dignos de fama duradoura e do respeito das gerações. A sua tarefa veio de longe. Partiu da própria formação do território que se havia de achar América do Sul. Acompanhou as teorias geológicas mais acatadas para considerar as fases em que se desenvolveu a disputa de espaço entre as águas recuando e a terra crescendo até ao futuro recorte do continente. Estuda depois o clima.

Assinala os primeiros habitantes. Assim, de etapa em etapa, por sobre a marcha inalterável dos tempos, atinge o advento dos Espanhóis e dos Portugueses, com aquilo a que chama o "choque das duas correntes". E assim, o autor prepara com minucioso cuidado o conhecimento do meio, do ambiente em que Manuel Luiz Osório havia de aparecer. Colocado em cena o herói do livro, todos os seus passos, a bem dizer, vão sendo registados e explicados. Não é uma biografia composta apenas de feitos e, datas escrupulosamente averiguados. Todas as circunstâncias influentes ou apreciáveis em que tal vida se desenvolveu recebeu a sua definição necessária e o seu elucidante comentário. O biógrafo historia analisando, deduzindo, exercendo um sistema de crítica em que a dignidade apreciativa não exclui a mais alta admiração. Para guiar as suas pesquisas ou fortalecer os seus conceitos, recorre a numerosos autores ilustres, quer brasileiros quer estrangeiros. Executa um trabalho ardoroso, apaixonado e que, ao mesmo tempo, exige a melhor espécie de paciência. Conduz-nos atrás do seu personagem, sempre atentos, não raro possuídos

de entusiasmo. Induz-nos, ao geral dos leitores, a recordar ainda com mais veneração aquela figura portentosa. E, por fim, em copioso anedotário, nos mostra como o gigante guerreiro, o estadista austerríssimo, o patriota extremado sabia ser, nos momentos adequados e, às vezes, quando menos se esperava, aquilo que os franceses chamam *un bon enfant* e nós "um bom rapaz".

Divide-se o volume em três partes assim subdivididas: Exame geral do ambiente — A luta pela posse da fronteira — A guerra do Paraguai — A vida honrosa do general Osório — Diversos aspectos — Episódios e anedotas — Pensamentos e opiniões — Iconografia, melografia e poliantéia.

RECEBEMOS:

Boletim de Belas Artes, publicação mensal, editada pela Sociedade Brasileira de Belas Artes, sob a direcção de Henrique Salvio, números correspondentes aos meses de novembro e dezembro de 1946, trazendo fotografias de obras de arte e estudos críticos assinados por Carlos da Silva Araújo, Henrique Cavaleiro, Carlos Ruben, Murillo Araújo e outros escritores e artistas.

Literatura Portuguesa, "desenvolvimento histórico das origens à actualidade" por Fidelício de Figueiredo, 2ª edição. Editora A Noite — Rio de Janeiro, 1946.

NOS

BASTIDORES

FEMININOS

EXISTEM criaturas que pensam que uma boa maneira de atrair as atenções do sexo forte, é inspirando-lhe compaixão.

É bem possível que algumas tenham vencido com essa tática, mas, tenho a certeza de que o seu número é bastante reduzido. Isto porque, sei que o homem admira mais as mulheres fortes, compreendam bem, mulheres fortes, porém femininas.

O que acontece é que essas criaturas não alcançam bem o sentido da palavra feminilidade, e julgam que ser feminina é dar demonstrações de fraqueza e fragilidade. Por isso, assumem atitudes "melosas", inventam histórias onde sempre são as vítimas, estão sempre com enxaqueca, não podem fazer grandes esforços, têm medo, ou melhor, dizem ter, de andar sozinhas na rua, "só se sentam bem apoiadas num braço forte" e, ao dizerem isso lançam olhares "amanteigados" para o pobre coitado que às vezes é forte apenas por culpa do ofício. E ainda mais, enjoam numa simples viagem de ônibus, têm o olfato delicadíssimo e "passam mal" com qualquer odor que não traga a marca de "Pólo" ou "Lanvin" e que fira as suas sensíveis narinas.

Se realmente acontece ficam doentes, aí então a alegria vai ao auge... O aspecto que clerece aos olhos é tremendamente comvente. Fazem-se pequeninas, o olhar se torna ainda mais languido e, com uma vozinha sumida vão exigindo, com incrível despotismo, que o mundo gire ao seu redor. Movimentam todos os que as cercam, obrigando-as a atendê-las em seus menores caprichos e tudo muito depressinha... E para o cúmulo, ainda fazem "carelinhas" ao tomar os remédios.

E tudo isso se passa com uma criatura adulta! Com uma mulher que, "enganada pela cigana", acha que assim poderá manter sempre vivo o amor e o interesse do marido ou dos demais parentes com os quais ela vive.

Muito longe, no entanto, está do seu objetivo! Porque seria muito mais encantadora e seria muito mais admirada, se procurasse manter sempre uma atitude serena e digna, uma atitude discreta e distinta, uma atitude de quem sabe que ser mulher não é fazer trejeitos e "b-bices" mas encarar todas as situações com finura e elevação de espírito.

KITTY



Nina Vale, estrela da RKO numa original pose fotográfica.



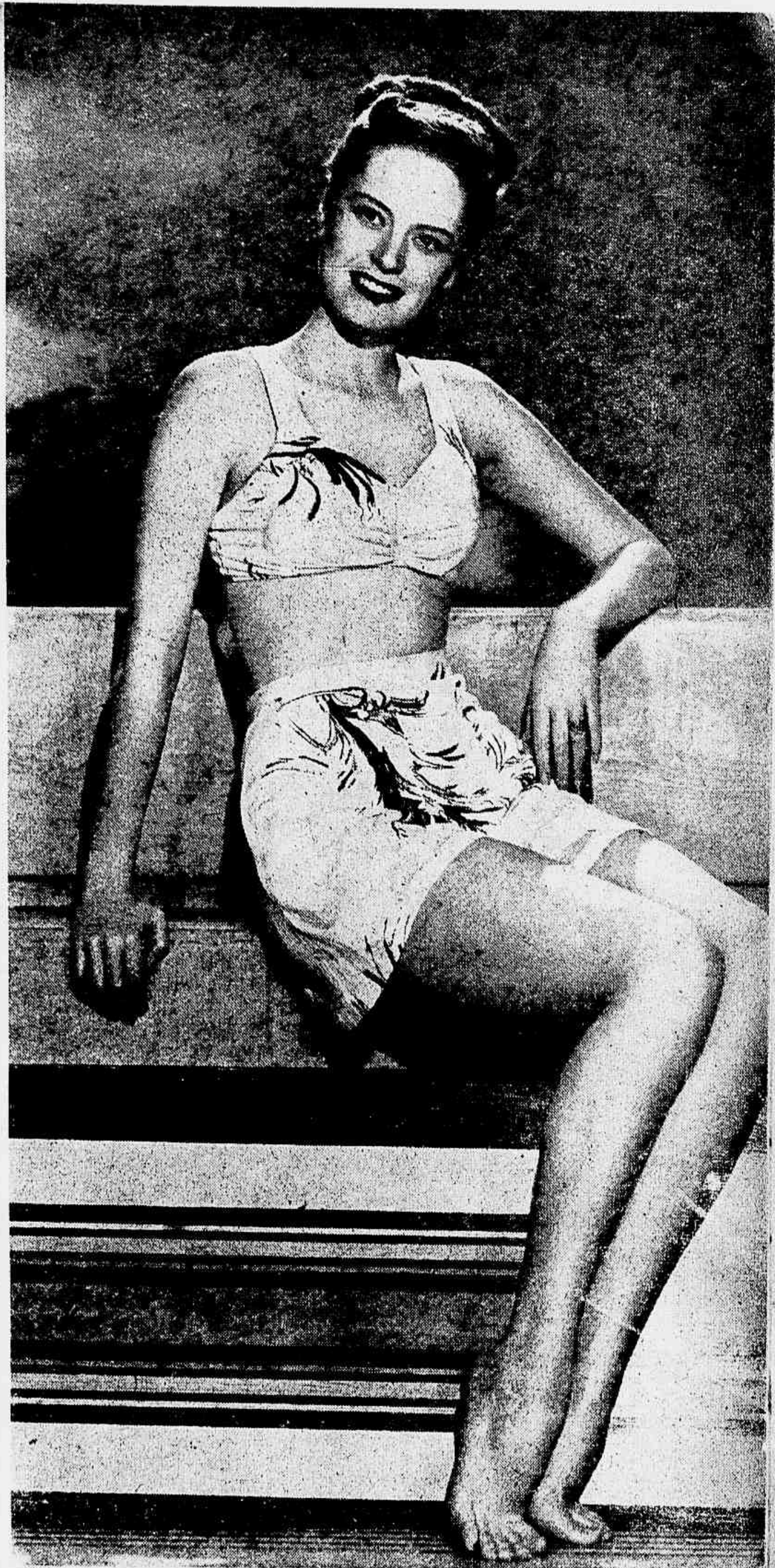


QUATRO MODELOS DE ALEXIS SMITH PARA O VERÃO

Alexis Smith, a interessante "estrela" da Warner Bros., oferece às nossas leitoras alguns dos seus modelos particulares para verão. Da esquerda para a direita temos: Elegante vestido estampado para a tarde. A manga é japonesa, e da parte de trás da manga direita, sai uma banda que termina no decote. Sobre os quadris, "basque" franzida. Chapéu de "crochet" em cor natural. Modelo bastante gracioso em seda verde com quadrados estampados representando figuras do Egito. A blusa é drapeada, com um grande laço arrematando o decote. Sala "godet", com pouca roda. Com uma sala branca com "pois" marinho, de pregas soltas, Alexis Smith, usa uma blusa branca decotada, com botões também marinho e sobre a blusa elegante jaqueta de linho vermelho. Para ir à praia, Alexis usa este simpático "robe" de linho quadriculado branco, vermelho e azul.





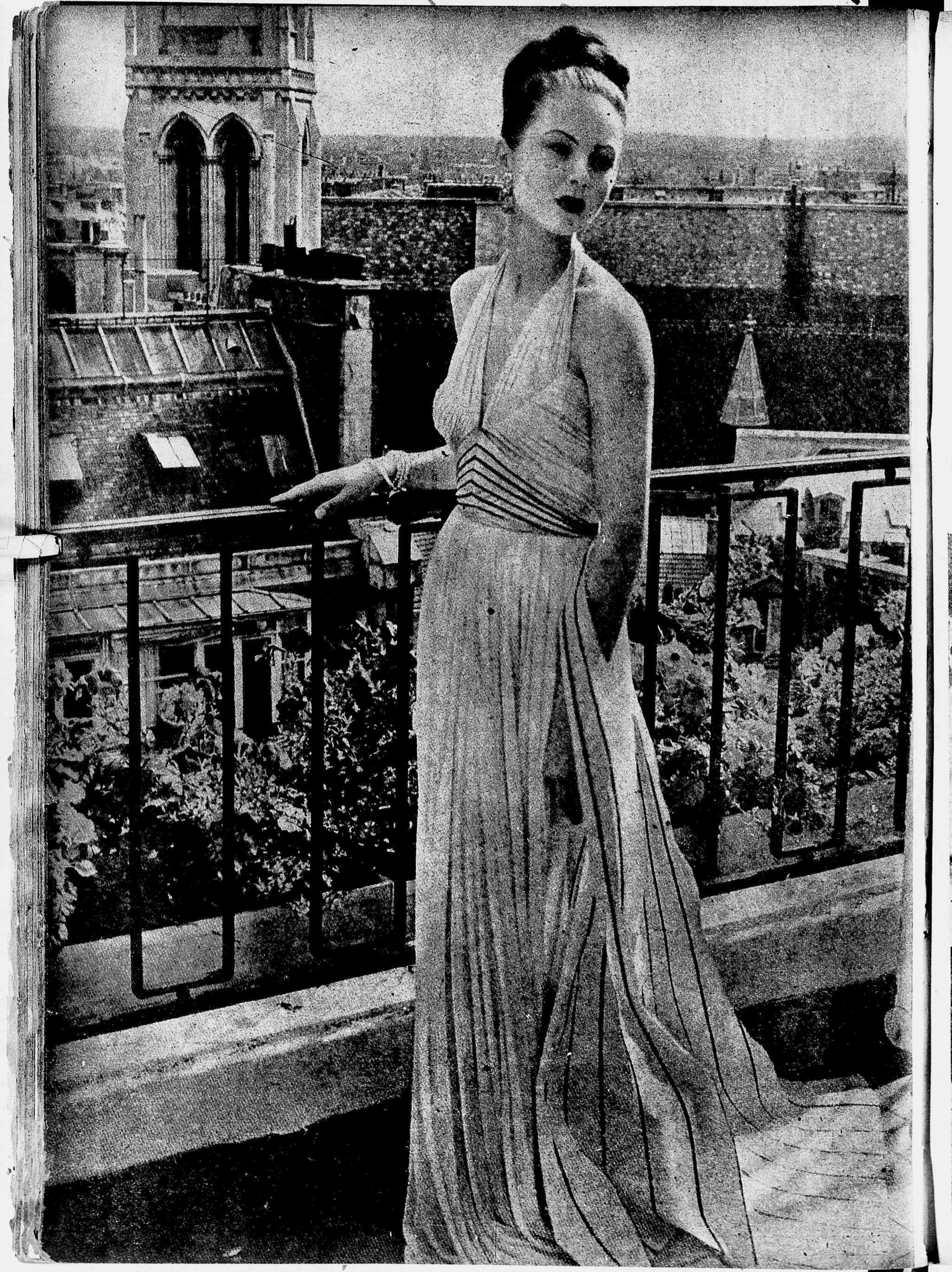


PARA A PRAIA

DIA a dia mais sumário, o "maillot" constitui uma peça que não pode oferecer muitas variações. No entanto, os desenhistas de Hollywood procuram manter sempre alerta o interesse das sereias do mundo inteiro, apresentando, por intermédio das "estrelas" tudo o que lhes ocorre à imaginação. Aqui têm vocês as últimas novidades em "maillots", vindas de Hollywood.



Da esquerda para a direita : Alexis Smith, da Warner Bros. usa um "maillot" de duas peças, em linho de seda branco, estampado com motivos incas. Sobre o "maillot", Miss Smith usa um "short" de linho branco, com uma encantadora blusa de listras verdes e brancas. Gola, punhos e vize no bolso, de linho branco. Agora é Peggy Knudsen, também da Warner Bros., é quem nos apresenta um "maillot" de "lastex" branco na frente e preto atrás. O nosso papagaio lá está, estampado em cores vivas. Finalmente um outro modelo em seda branca com ramagens verdes é apresentado novamente por Alexis Smith.



GRANDES MODELOS

AS novos vestidos de noite, oferecem os mais vivos contrastes. Ora são volumosos, com anquinhas e grandes babados, com franzidos ou "godet", ora caem ao longo do corpo com drapeados e faixas que vão até os pés, ora são colantes, tão colantes que se abrem na altura do joelho, afim de facilitar o andar.

E agora, surge outra novidade; para as mais jovens os ditadores da moda sugerem vestidos mais curtos, à altura do tornozelo. Pegará?

E, vamos aos modelos. Na página ao lado: Modelo de grande elegância de Grés. É executado em crepe romano branco, com drapé na blusa e saia toda pregueada caindo suavemente. Na cintura, pala de tafetá branco com listras pretas, com pintas atrás que se alargam à medida que descem, formando espécie de cauda. Em baixo: Modelo de tafetá negro de Jeanne Lafaurie. Ombros nus, saia "godet" franzida, com muita roda. Uma capinha drapeada na frente e mais longa atrás dá um toque de originalidade a esta "toilette". A direita: Robert Piguet criou este originalíssimo modelo de seda preta, justo ao corpo. Partindo da cintura, há babados super-postos de "tulle" negro, com lantejoulas. O decote é grande, sem ombros, e sobre os mesmos é usada uma graciosa capinha.





Nesta página: Alex apresenta este vestido estampado, fundo escuro para a blusa e fundo claro para a saia. Esta última é amplíssima, com armação como usavam as nossas avós. Ao redor do decote há uma tira de gaze preta drapeada, que cai em pontas sobre os ombros. Na página à direita: De muita elegância é este modelo de Jean Patou em cetim e veludo preto. É inteiramente colante, abrindo na altura do joelho. Um ombro nu e sobre o outro grandes flores de tafetá rosa seco.





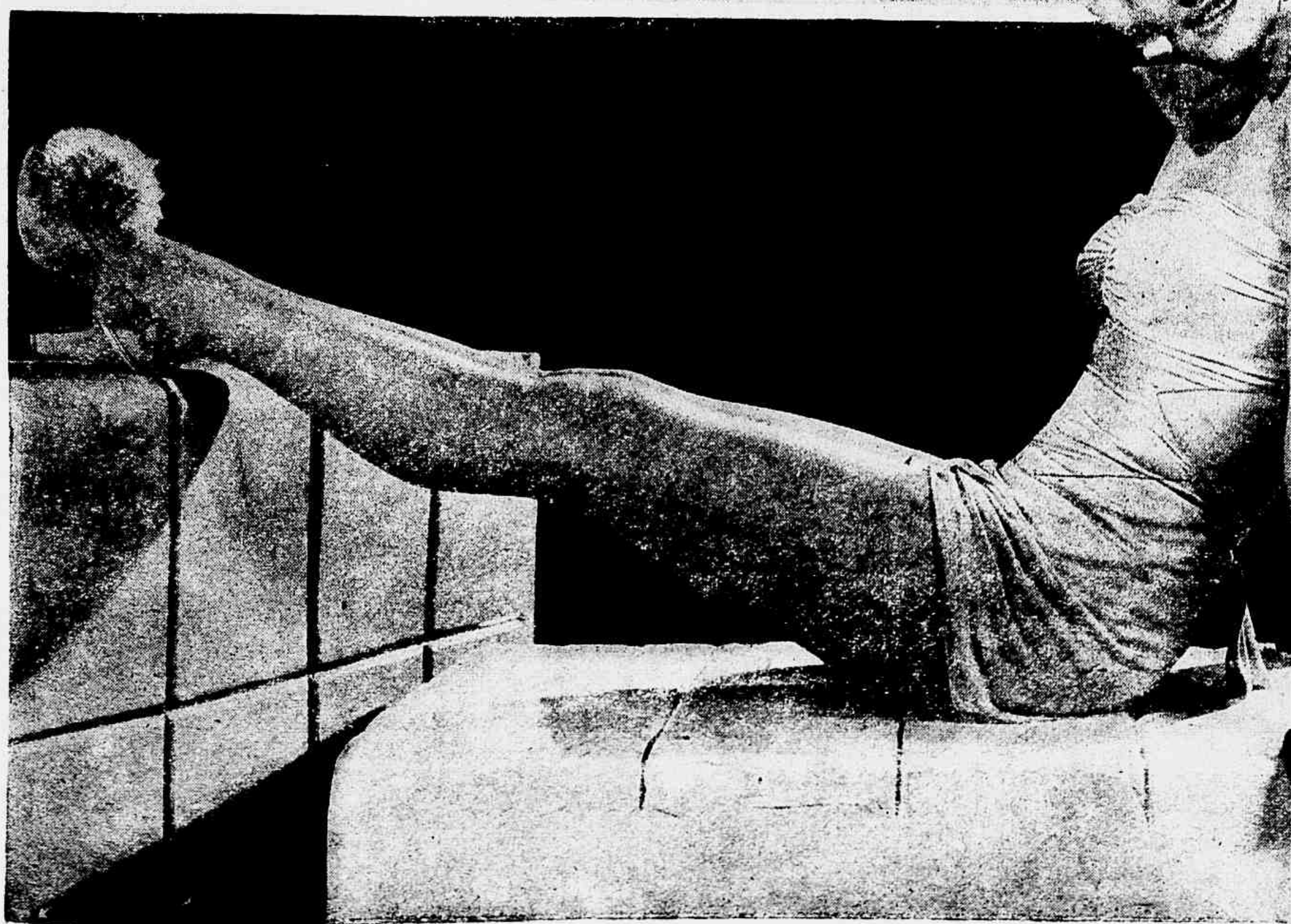
CARNAVAL

O Carnaval virá mais cedo este ano. E promete ser notável... Fala-se até no baile do Municipal e, muita gente granfina que fugia da cidade nessa ocasião, está decidida a ficar.

Por isso, apresentamos aqui algumas sugestões para os quatro dias de alegria:



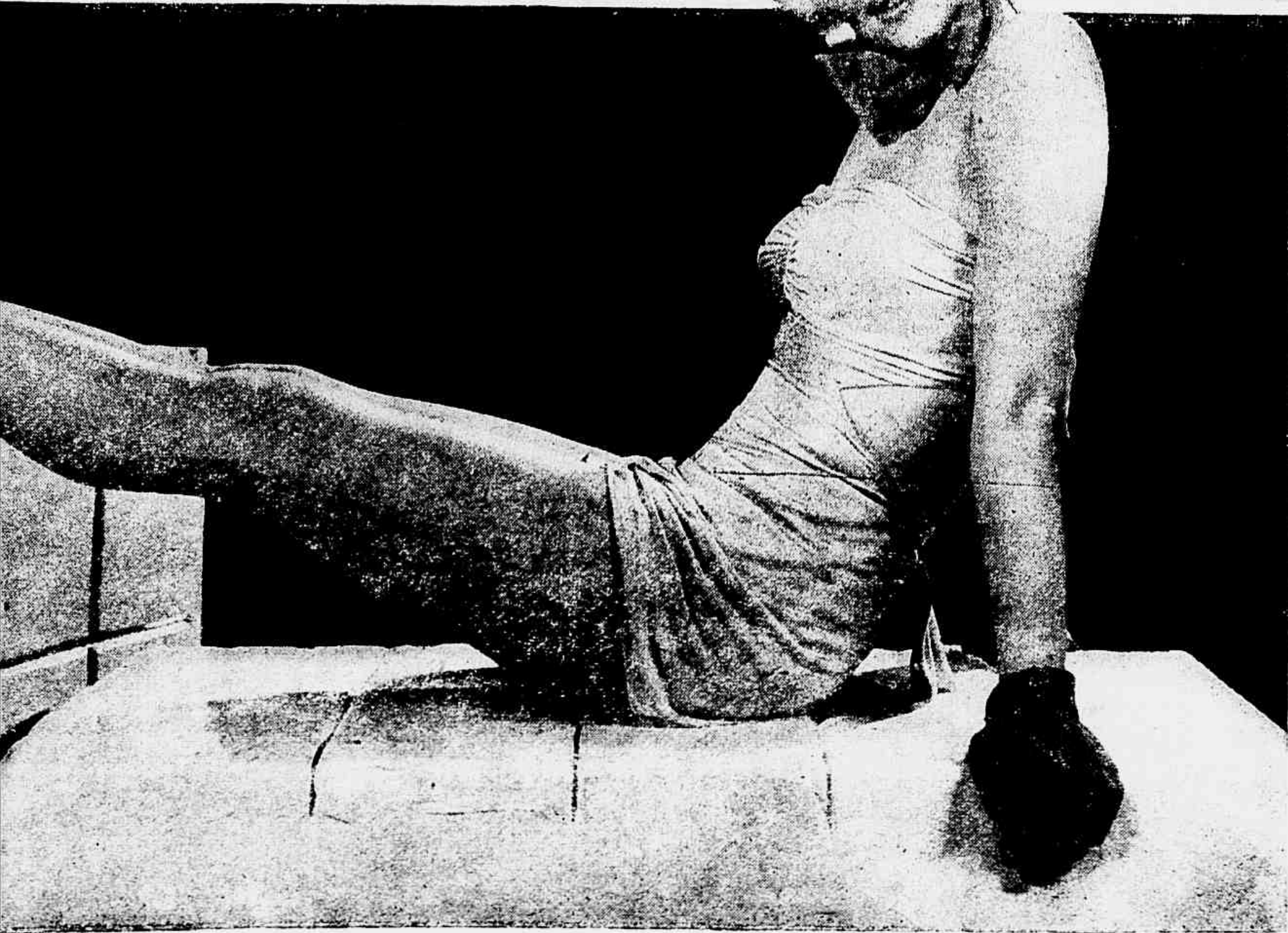
A direita: A pintora... E' verdade que está bem modernizada, mas não deixa de ser interessante... Principalmente com todo este calor... "Pôse" de Barbara Hale, da RKO. Na página à esquerda: A cigana... Martha Hyer, "estrellinha" da RKO, mostra como se pode ser sedutora mesmo com uma sala remendada... A sua cigana é inspirada na "Esmeralda" de Victor Hugo. Finalmente em baixo: Isto parece um gato... ou uma gata... Mary Martin usa uma "cousa" dessas para encantar os fans e fugir do calor... Será que foge?



L

S
O-
a-
i-
i-
S-
a
S
a-
e-

a-
as
...
a-
la
A
i-
se
na
na
le
i-
u
a
os
te

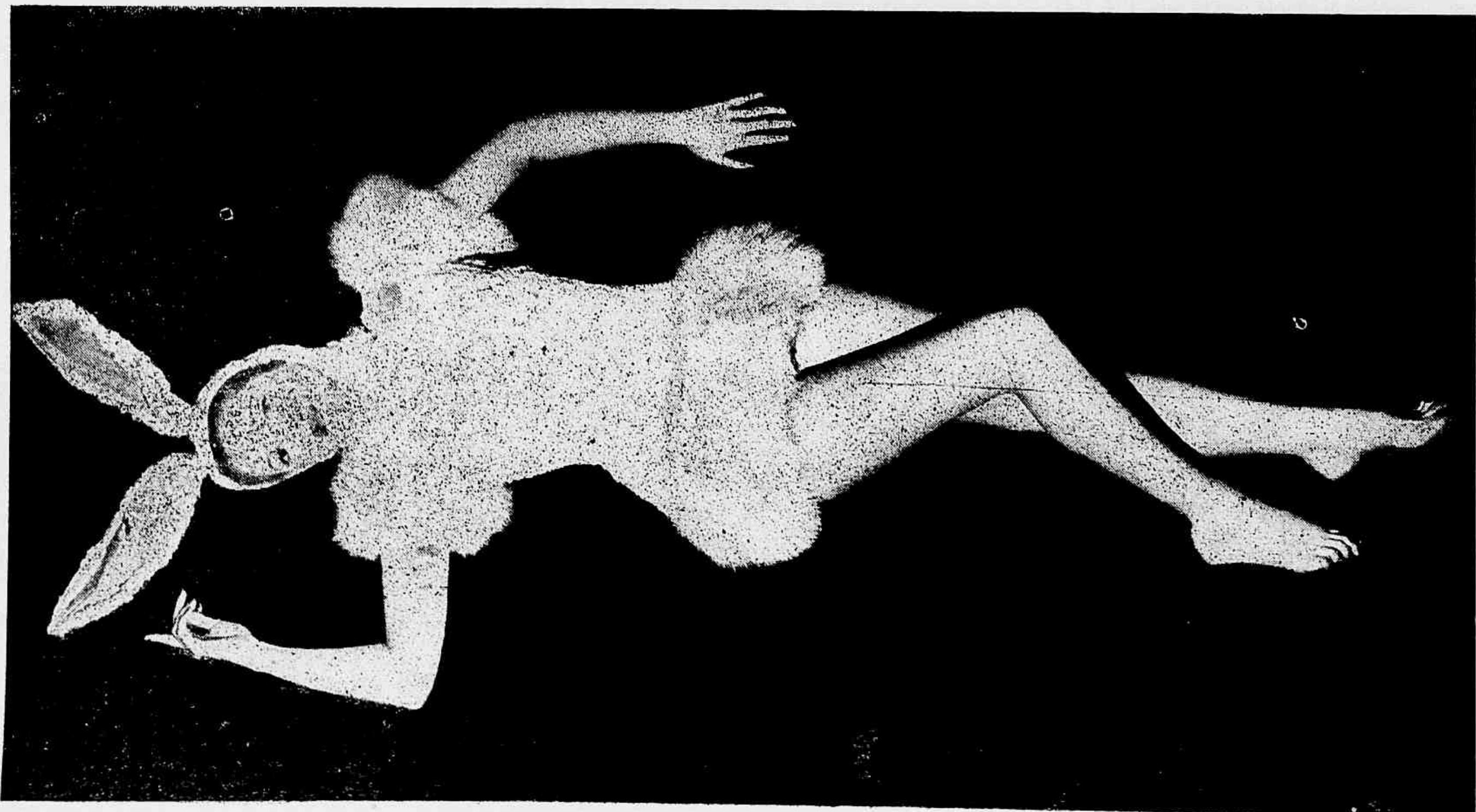


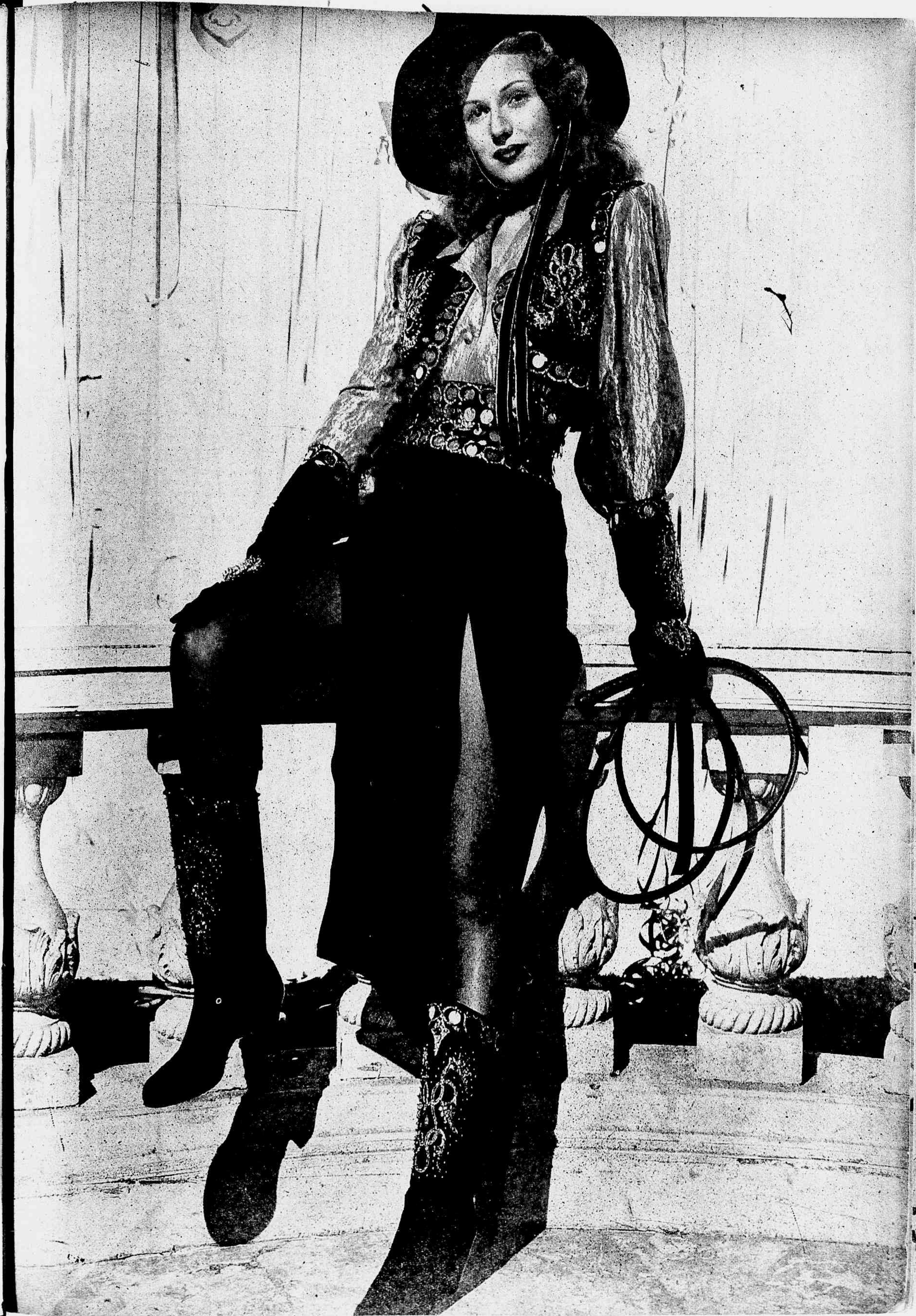
Ao alto à esquerda
de plumas dá um "balles". E' executada
tasia que provavelm





Ao alto à esquerda: "O vestido azul de Irene". Inspirando-se no filme "Irene", Miss Hayr veste esta encantadora "toilette" de cetim azul, bordado com pedrarias. Um grande leque de plumas dá um "chic" incontestável à "toilette". A direita: Novamente Martha Hyer, agora em "Mary Stuart". E' muito suntuosa a sua fantasia, própria mesmo para os grandes bailes. E' executada em veludo e cetim verde garrafa, com aplicações e vizes dourados. Em baixo: Um coelho bastante atraente... E' Martha Vickers, da Warner Bros., numa fantasia que provavelmente provocará conflitos... Na página à direita, Rita Hayworth numa interessantíssima "cow-girl" estilizada, em seda preta, veludo e lamé dourado.





TRIUNFA O CINEMA MEXICANO

Dolores Del Rio empresta sua colaboração, patrioticamente, ao cinema de sua terra.

Por EDUARDO MARTIENZO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

MEXICO, Janeiro — Não existe artista alguma que haja feito tremular a bandeira de sua pátria por todo o universo como Dolores Del Rio. E o seu mérito maior é que, conquistada pelo cinema norte-americano, passando sua arte e sua pessoa por todos os países, jamais deixou de ser mexicana: seu maior orgulho era que todo o mundo soubesse. Pertencendo a uma abastada família e não tendo, portanto, necessidade de trabalhar, foi levada ao cinema por um diretor de Hollywood: Edwin Carewe. Muitos foram os seus triunfos na América do Norte, e ainda hoje são recordadas várias de suas películas: "Sangue por Glória", "Ramona", "Ressurreição", "Ave do Paraíso", "Voando para o Rio"...

Quando a maturidade de sua arte e sua experiência ofertavam-lhe os melhores frutos, incorporou-se Dolores del Rio ao cinema mexicano, ao seu cinema, ao cinema de seu país. E lá no México, reconheceram-na unanimemente como a artista máxima, senhora dos melhores dotes; uma artista da mais alta qualidade artística, e que constitui a figura suprema do elenco feminino mexicano. A aquisição de Dolores del Rio pelo cinema mexicano pode ser registrada como importantíssima efeméride. Nela, encontrou a cinematografia mexicana seu elemento mais valioso. Sua experiência, sua cultura e sua competência foram os melhores auxiliares da indústria mexicana. O resultado de sua intervenção na filmagem das películas mexicanas, tem sido o maior prestígio de que se as pôde adornar. O nome de Dolores del Rio vem sendo como que um veículo que transportará por todo o mundo não somente as produções em que tomar parte, como também, ao mesmo tempo e sempre, o nome do México ao qual está ligado.

Há bem pouco tempo, Dolores del Rio brilhava internacionalmente, como intérprete central de um admirável poema cinematográfico, que se chamou "Maria Candelária". Premiado em Cannes, pela sua fotografia, o êxito dessa película foi tão grande que, logo, Hollywood voltou a reclamar os serviços de Dolores del Rio, em "The fugitive", ao lado de Henry Fonda e sob a direção de John Ford. Ela aceitou, mas decidida a continuar a colaborar no cinema mexicano, a exemplo dessa outra figura de prestígio internacional que é Arturo de Cordoba. Aliás, Dolores e

(Continua na pág. 54)

Em cima: Dolores del Rio, a grande intérprete de "Maria Candelária" e de "La selva de fuego". Em baixo à esquerda: Cena de "La selva de fuego", com Dolores del Rio e Arturo de Córdoba. A direita: Outra cena de "La selva de fuego", com as duas figuras máximas do cinema mexicano.





"SWEEPSTAKE" CARNAVALESCO

O palpite é uma grande instituição nacional, que nasceu com o jogo do bicho. Dá-se palpite a propósito de tudo porque, apesar de haverem colocado fora da lei certas modalidades de jogos, não existe nenhuma proibição legal sobre o direito de dar palpite. Por exemplo: Que bilhete da loteria será o premiado? Qual o "betting" vencedor do Jockey Club? Quem ganhará o Circense alguém que a cegonha está para trazer?... Usando, portanto, desse direito, vamos dar o nosso palpite sobre os possíveis vencedores do próximo e grande "sweepstake" carnavalesco. A nosso ver 10 canções reúnem todas as condições indispensáveis para lograr o primeiro posto. A nossa intenção, entretanto, não é apresentar-las em ordem alfabética. E aqui vão elas: "Anda Luzia", "Eu quero é rosetar", "Gilda", "Josefina", "Martirio", "Odalisa", "Onde estão os tamborins", "Palhaço", "Pirata da perna de pau" e "Rainha do mar". Podem ficar certos de que dessa dezena é que sairá o "hit" absoluto. Este, sim, é que é o nosso palpite. E, como não somos exclusivistas, deixamos a porta aberta para que os leitores também possam dar o seu...

F. C. S.

I GUESS I'LL GET THE PAPERS

Foxe de Hughie Prince, Dick Rogers e Hal Kanner.

I guesse I'll get the papers and go home.
Like I've been doing ever since
We've been apart,
I get some consolation when I read of
Someone else's lonely heart.
I wonder if you get the papers too
And if you feel as melancholy as I do.
Until you're in my arms again,
Never more to roam,
I guess I'll get the papers and go home.

AFTER THE BALL

(Do filme da Columbia: — "The Jolson Story")

Valsa de Charles K. Harris

After the ball is over
After the break of morn.,
After the dancers leaving,
After the stars are gone;
Many a heart is aching,
If you could read them all;
Many the hopes that have vanished,
After the ball.

"BONDE DO CAJU"

Marcha de Milton de Oliveira e Haroldo Lobo.

A azolina já chegou ô ô ô ô
Não ouço mais o faz favor, do condutor
Adeus, ô banco do bonde do Caju
Tú és barato, mas... machuca pra xuxú

A gente sofre
Do principio ao fim da linha
Com o faz favor do condutor
É a campanha
Eu já te dei o tarde (e como é duro o banco)
Do bonde do Caju
Tú és barato
Mas machuca pra xuxú.

"A PRIMEIRA HISTÓRIA"

Samba de Cesar Moreno.

O primeiro amor ninguém esquece
Não adianta teimar,
Quêrida!
Ninguém consegue apagar da memória
A primeira história de amor
Que teve na vida...

II

Mesmo que você diga que não me quer
Não poderei acreditar nessa ilusão
Quanto mais longe dos olhos eu estiver
Mais perto estarei do coração...
Pois sei que ninguém esquece, quêrida
A primeira história de amor que teve na vida...

JUNTO A TU CORASON

Tango de Francini — Stamponi e Contursi.

1.ª PARTE

Que noche horrible para mí...
todo en mi cuarto es frío
te debo todo, amor a tí...
deglación y hastío!
Mi vida entera te la di
y este cariño mío...
pichón herido que buscó nido y calor
junto a tu corazón.

II

Hoy como ayer
mis pobres ojos han quedado sin luz
y en mis desvelos solamente estás tú
como una burla a mi dolor...
Hoy como ayer
vuelvo a quedar tan solo...
fue tanto el dano que me hiciste
cuando olvidando mi querer te fuiste...
Hoy como ayer
envuelto en sombras otra vez quedaré
y entre esas sombras una sombra seré
para acordarme más de tí...
Hoy como ayer
hoy como ayer te quiero!
me arrastraré por mil senderos
y seguirás viviendo en mí

1.ª PARTE (b'f)

Si alguna vez tu corazón
se aturde en el pasado
ro peínses, vida, en mi rencor
por lo que me has dejado...
yo seguiré con este amor
sangrando se a mi lado...
y una mortaja con is lagrimas haré
para ese muerto ayer.



★ Tipos: Rosé e Branco ★



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO



LYTOPHAN

A FRENTE ÚNICA

(Continuação da pág. 29)

que votavam aqui eram amigos, não prestei atenção...

— Bandido! apunhalar-me pelas costas numa eleição como esta! Mas eu hei de descobrir quem foi o Judas que me traiçou!

O delegado fez uma insinuação maliciosa:

— Isso deve ter sido arte do Manduca Sacristão... Eu vi outro dia ele conversando na bodega do Sernamby com o Chico Tuira...

— Foi mesmo. Nem tinha pensado nisso. Cabra safado! E eu mandei dar a ele um par de sapatos e uma roupa nova... Mas não faz mal não: é p'ra eu não me fiar em espoleta de padre... Bandido, atraiçoar-me num pleito como este!

Após um momento angustiado de concentração gravíssima — Eureka! — o coronel Antunes achou afinal uma solução para o "impasse":

— Seu Escrivão, isso não tem importância não; rasgue o diabo desse voto! E, para compensar, ponha na ata mais trinta votos na candidatura nacional do Dr. Julio Prestes. E' assim que eu respondo às misérias dos meus adversários!

— Mas isto não pode ficar assim, obtemperou, muito sério, o delegado, que tinha velhas contas a ajustar com o sacristão, por causa da filha do Zé Sernamby.

— E' mesmo. Você tem razão, seu delegado. E' preciso dar um ensino nesse tipo. Meta o sacristão na cadeia por minha conta, — e dê-lhe uma pisa das boas! Ouviu? Não tenha pena dele não!

A apuração deu ao Doutor Eurico, em Belém, uma surpresa desconcertante: o eleitorado do município de Tijucupaua era apenas de 300 eleitores, mas a chapa nacional obtivera lá 330 votos!

Em consequência disso, o prestígio do Cel. Anastácio ficou muito abalado: a secção do Cel. Antunes tivera uma maioria de 30 votos sobre a dele, e na capital não chegara sequer a notícia da história daquele voto do Dr. Getúlio...

— Canalha chulé! Só sabe triunfar lançando mão da fraude e da violência! Não se pode fazer eleição livre com essa peste de gente! O que falta neste Brasil é vergonha!

Na Loja Maçônica Lauro Sodré, da qual era grão mestre o Cel. Antunes, houve uma sessão magna, para comemorar a vitória.

E o coronel Anastácio — governista em Belém, mas oposicionista em Tijucupaua — viu nesse incidente eleitoral o fim de sua carreira política: nunca mais conseguiria ser prefeito do município nem chefe local do P.R.F. O ladrão do Antunes tinha ganho a eleição por 30 votos! E aquela idéia traumática, envenenando-lhe o espírito, lhe tirava a alegria de viver. Andava acabrunhado. O que lhe estava reservado para o fim da vida!... Ele que fora sempre um homem honrado e digno, derrotado numa eleição! O que falta neste Brasil é vergonha...

Estava ele mergulhado na amargura daquelas reflexões, quando o correio lhe trouxe a notícia inesperada: rebentara a revolução!

Acontecimentos de extrema gravidade agitavam o País e o Estado. Quando saiu de casa afim de comunicar aos amigos os sucessos, da Capital e convocá-los para uma reunião, leu na Porta da Prefeitura uma proclamação patriótica nestes termos: — "Povo Heróico de Tijucupaua! Os inimigos da ordem e da lei estão de armas nas mãos contra os honrados governos da República e do Estado. Não é possível permanecer indiferente, diante desse crime de lesa-Pátria. O povo de Tijucupaua, confirmando suas tradições de lealdade e bravura, tantas vezes postas à prova na defesa sacrossanta da República que Lauro Sodré evangelizou e Eurico Valle representa nos seus mais puros ideais, está no dever de pegar em armas para a defesa da legalidade, que é a causa da unidade nacional do Brasil. A lei, a ordem e o nosso Partido esperam que cada um cumpra o seu dever. Viva o Dr. Lauro Sodré! Viva o Dr. Eurico Valle! Viva o Dr. Julio Prestes! Viva o P.R.F. do Pará!

Viva o Brasil Unido! (a) Antunes Moreira Alves, prefeito".

O Cel. Anastácio leu a proclamação com ódio:

— Fico até com nojo, quando vejo um lenista como esse encher as bochechas com o nome impoluto do Dr. Lauro! E foi para isto que eu, laurista histórico, curti vinte anos de ostracismo! O que falta neste Brasil é vergonha!

Uma terrível corrida de emulação começou entre os dois chefes.

Cada qual quis ser mais legalista. Ambos telegrafaram a sua solidariedade ao Presidente da República e ao Presidente do Estado. O Cel. Antunes foi mais longe: telegrafou também ao Cornoel Comandante da Região Militar. Ciente do fato, o Cel. Anastácio telegrafou ao Comandante da Flotilha do Amazonas, ao Inspetor da Alfandega e ao Delegado Fiscal.

Mas Antunes preparava um golpe em segredo: dois dias depois anunciou a formação de um batalhão patriótico. Anastácio não se deu por vencido: formou outro. Era batalhão contra batalhão. O Prefeito tinha, porém, para o êxito da sua iniciativa, as vantagens do cargo: mandou o delegado recrutar voluntários nas beiras de rio da redondeza, e fardou, imediatamente, os presos da cadeia. Foi assim que o primeiro galola que passou p'ra Belém levou um Batalhão Patriótico de 23 voluntários, sob o comando do Delegado do Município.

Anastácio ficou com um ódio (o que falta neste Brasil é vergonha!). Mas se arranjou como Deus foi servido: prometendo que o pessoal não seguiria p'ra Capital, conseguiu arregimentar 12 voluntários — um pernetá, um maluco, um caô-lho, um curubento da beira do rio e oito moradores da rocinha que possuía da outra banda do Igarapé. Não tinham armamento, porque o prefeito recelando um levante contra as autoridades locais mandara o Delegado, antes de seguir para a Capital, dar uma busca na casa do chefe da oposição, apreendendo 5 rifles e 8 terçados que lá estavam escondidos por via das dúvidas.

O vigário, porém, velho amigo do Cel. Anastácio, sugerira uma solução razoável:

— Vá exercitando o batalhão mesmo com cabos de vassouras, que na hora da onça beber água eu lhe darei 8 rifles e 4 terçados que tenho lá na matriz.

Ficou combinado. O Cel. Anastácio, incansável, ia todas as tardes para o terreiro da igreja, dirigindo em pessoa a instrução dos voluntários. Ele era oficial da Bríosa e tinha sido sargento fundador do Tiro de Guerra 580. Além disto, tomara parte na revolução de 1912 e na deposição do Dr. Enéas Martins: tinha prática dessas estrepellas...

O pessoal formava em frente da igreja. O vigário ficava espiando da janela do Consistório.

E Chico Tuira, firme bangolando ali por perto, guardava as costas do compadre, disposto p'ro que desse e viesse...

— Batalhão... sen-ti-dô!

A tropa se perfilava. Só o pernetá não conseguia fazer a manobra a contento. Mas a voz de comando era entusiástica e solene:

— Meia-volta... vol-ver!... Ordinário... Mar-chê!...

E o pessoal atravessava, imponente, patriótico, as ruas da cidade, com grande inquietação para o Cel. Antunes, que não via aqueles preparativos bélicos com bons olhos.

— Um-dois... Um-dois... um-dois... um-dois... Alto!

Era uma pândega. A tropa estava até gostando do divertimento. Juntava povo só p'ra apreciar. E o prestígio do Cel. Anastácio crescia.

Mas, um dia, contra a expectativa geral, veio um telegrama alarmante: "Situação agravou-se. Chefe pede envie seu batalhão reforçar tropas defendem legalidade Abraços. Mesquita, comandante geral". Era a voz do pega p'ra capar...

Anastácio estremeceu, sem fôlego. Agora, como ia ser? Ele tinha prometido que o pessoal não seguiria...

O vigário, sempre providencial, com uma saída p'ra tudo, fez uma sugestão salvadora:

— Você diz que é para tomar parte na parada comemorativa da vitória!

No dia 12 de outubro, o Batalhão 15 de Agosto (foi esse o nome que o vigário, habituado ao ofício de batisar gente, deu aos voluntários do Cel. Anastácio), para comemorar a gloriosa data nacional da descoberta da América, fez uma im-

nente passelata pelas ruas da cidade. O Cel. Anastacio, tendo exhumado do baú a sua velha farda da Guarda Nacional, comandou a parada com garbo e compenetração. E os cavernas, subindo a rua 15 de Novembro, marcharam para a praça Eurico Valle (Antiga Dyonisio Bentes, que já tinha sido também Souza Castro, Lauro Sodré, Enéas Martins, João Coelho, Augusto Montenegro, etc.), cantando com o quente entusiasmo dos seus pulmões patrióticos:

"Nós somos da Pátria a guarda,
Fléis soldados,
Por ela amados;
Nas cores da nossa farda
Rebrilha a glória
Fulge a vitória"...

O Cel. Anastacio, como homenagem ao digno correligionário e santo apóstolo da Religião e da Bondade, padre Arruda, e também para fazer uma picardia ao Cel. Antunes, mandou que o Batalhão 15 de Agosto contornasse a igreja pelos fundos e depois de percorrer a rua Lauro Sodré (Antiga Antonio Lemos) fizesse alto na Praça 15, para então ser passada a revista.

— Alto!

A tropa estacou, com marcial ruído de calcanhares. Só o pernetá não acertava. Mas o dessoal estava afiado. O Cel. Anastacio tinha recebido notícias animadoras, e resolvera fazer uma proclamação aos bravos filhos de Tijucupaua, que iam com tão heróica espontaneidade defender no campo da honra a unidade da Pátria:

"Heróis! (começou)

As gloriosas tropas que defendem a causa sagrada da unidade nacional acabam de ter uma grandiosa vitória. Os aventureiros miseráveis que tentaram depor o Governo da nossa idolatrada Pátria foram rechassados em Belém, e no Rio o eminente estadista e patriota Dr. Washington conquistou todos os dias vitórias. A legalidade está triunfante. E Tijucupaua anela por tomar parte na parada da vitória final. Eis o motivo cujo no dia 25, no "Vaticano" que passa para Belém, deve embarcar, sob o comando do meu bravo ajudante, compadre Chico Tuira, o glorioso e invicto Batalhão 15 de Agosto! Ide e vencei, intrépidos legionários da Lei e da Ordem, como os romanos imarcessíveis da História: "Vae victis!"

Os voluntários se entre-olharam, apreensivos. A notícia derreteria-os todos numa inundação súbita de suores frios. Mas o padre Arruda, percebendo o efeito da surpresa, mandou que eles desbandassem, ofereceu-lhes um cálice de licor de cupiassú, — coisa especial, feito de encomenda na casa de D. Anunciata, — e tranquilizou-os com a sua autoridade eclesiástica:

— Val ser um passeio divertidíssimo! Viagem de ida e volta por conta do Governo. E hospedagem grátis em Belém. Depois, voltam todos p'ra casa em paz, e com ótimos empregos!

A cidade acordou com ar ao mesmo tempo festivo e comovido. O batalhão do Cel. Antunes, que seguira antes, não causara emoção, porque não era constituído de filhos da cidade: o delegado recrutara os voluntários nas matas e bibócas das redondezas. Era tudo gente do sítio. Mas, agora, não! O caso era diferente. Eram pessoas conhecidas e estimadas: o Zé Perneta, o Totonho Maluco, Caralho da Ignacia, o André Pustema, e o Chico Tuira, além dos oito moradores da outra banda do Igarapé! Tijucupaua via partir os seus filhos com orgulho, mas não sem emoção.

As moças estavam nas janelas. As beatas desde manhãzinha cedo que resavam na igreja para que N. Senhora de Nazaré protegesse os voluntários do 15 de Agosto. E o Cel. Anastacio, no seu fardão da Brisa, dava ordens e tomava providências, numa afobação dos trezentos, para que o embarque tivesse imponente de arramba.

— Só para moer o peste do Antunes!

A tropa já estava formada na praça 15 de Novembro, esperando apenas que o vapor apitasse no porto, afim de marchar cantando para a vitória e para a glória.

De repente, o telegrafista, — amigo de fiança e correligionário do Cel. Anastacio (o funcionalismo federal era dele: telegrafista e agente do correio; ao passo que o funcionalismo estadual era do Antunes: o coletor, o delegado, o juiz,

promotor), — chegou correndo, botando a alma pela boca, e fez um sinal para o chefe.

Anastacio afastando-se das fileiras do batalhão, que estava já em ordem de marcha, aproximou-se apreensivo, com uma interrogação aflita no olhar.

— Que é que há?

— Nem lhe digo! Vamos ali à casa do padre Arruda p'ra ver só a bombada!

Na casa do padre Arruda, com ar misterioso e importante, fez a terrível revelação: recebera um telegrama de Belém para o Cel. Antunes comunicando que o Dr. Eurico renunciara, passando o governo ao tenente Landry. O Washington no Rio fora deposto: a Revolução triunfara! Por um dever elementar de lealdade, antes de levar o telegrama ao seu destinatário, ele quisera comunicar os acontecimentos ao Chefe... Amigo é amigo!

O Cel. Anastacio, sem um minuto de hesitação, correu para a Praça 15 e gritou com o mais estentóreo entusiasmo dos seus pulmões:

— Bravos soldados de Tijucupaua! Vencemos!

Chico Tuira aproximou-se radiante:

— O Dr. Eurico então esmagou a canalha?

— Que Dr. Eurico, que nada!... O Tenente Landry!

E apontando resolutamente para a Prefeitura:

— A vitória é nossa! Vamos para o posto de honra e de sacrifício, que ali é que é o nosso lugar! Viva o Brasil! Viva a Revolução vitoriosa! Viva o Tenente Landry!

Dentro de cinco minutos, uma Junta Governativa, composta do Cel. Anastacio, do Padre Arruda e do Telegrafista, tinha ocupado a Prefeitura, depoiado o Cel. Arruda, que só uma hora depois, já preso na cadeia, sob a guarda de Chico Tuira, recebeu o telegrama que esclarecia tudo.

A Junta Governativa encontrou-se desde logo diante de uma situação delicadíssima: era preciso substituir, no Salão de Honra da Prefeitura, o retrato do Dr. Eurico pelo do Tenente Landry. Mas na cidade ninguém tinha um retrato do Tenente Landry. Nem ninguém nunca tinha ouvido falar dele. Ninguém — uma história! Assim que soube dos sucessos, o boticário de Tijucupaua, professor Malagueta, que era também diretor de uma Escola Noturna e havia sido redator do "Vagalume", sendo assinante da "Folha do Norte" e do "Estado do Pará", deu-se pressa em procurar a Junta, para levar-lhe a colaboração das suas luzes. E lá se foi p'ra Prefeitura, com os seus dentes postiços de ouro e os seus óculos pretos, solene e grave.

Homem lido e corrido, estando sempre ao par dos acontecimentos nacionais, ele não podia, não tinha direito de ignorar o nome e a personalidade do honrado governador revolucionário do Pará.

E' verdade que não possuía nenhum retrato dele; mas se lembrava de ter visto uma fotografia do Tenente Landry na "Folha do Norte": era um senhor de barbas, respeitável e simpático. Coitado, o que ele tinha sofrido, o Tenente Landry, por causa dos seus ideais revolucionários!

— Você, então, Professor Malagueta, conhece o homem?

— Se conheço! Uma digna pessoa. Mas, como era revolucionário, o acusaram até — imaginem! — de ter assassinado umas mulheres, e o botaram na cadeia! Houve mesmo quem o chamasse de Barba Azul! Até onde ia o ódio contra os revolucionários! Se não laborava em engano, ele tinha sido deportado e estava preso em Cayena. Lera qualquer coisa a respeito. Oh! o grande mártir da Revolução! Preso e desterrado como assassino de mulheres! Felizmente a Justiça tarda mas não falta.

O esclarecimento deu grande importância ao boticário; mas não resolveu a questão: era urgente arranjar um retrato do homem. Enquanto isso não era possível, tratou-se de retirar da sala o retrato do Dr. Eurico e atirá-lo no Igarapé.

— E' preciso que aqui não fiquem vestígios daqueles ominosos tempos!

O primeiro decreto da Junta Governativa foi mandando mudar o nome da Rua 15 de Novembro para Rua 24 de

(Continua na pág. 52)

A esposa de
ADOLPHE MENJOU
o famoso ator, diz:

"Entre todos os batons, o Tangee
GAY-RED é a cor mais sensa-
cional de Hollywood."



NOVO...e

Cativante!
GAY-RED... a cor que está
causando sensação!



Em tons
primorosos

Red-Red
Medium-Red
Theatrical
Natural
Gay-Red

O BATON
Tangee

USE TANGEE PARA SE VER
...A MAIS LINDA QUE PODE SER!



O mundo é seu pelo

CLIPPER



★ **MÉXICO...** ★

PAÍS DE ENCANTO E DE LENDA

Catedral do México
construída em 1573



Ao projetar sua viagem aos Estados Unidos pelos rápidos e confortáveis Clippers da Pan American World Airways, inclua o México no seu itinerário. V. S. poderá, assim, ver de perto as maravilhas da civilização azteca e a

influência cultural e religiosa da Espanha na terra de Montezuma. Consulte, hoje mesmo, uma agência de passagens da PAA e não perca esta oportunidade de conhecer o México... país de encanto e de lenda.



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores

PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDENCIA

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Goes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

A FRENTE ÚNICA

(Continuação da pág. 51)

Outubro e da Praça Eurico Valle para Praça Tenente Landry, e o da rua Lauro Sodré para Rua Heróis de Copacabana.

Mal tinha a Junta organizado uma Comissão de Sindicâncias, para apurar as ladroenhas e as violências dos decalados, a cidade foi agitada por uma surpresa absolutamente desconcertante: a chegada inesperada do Prefeito nomeado pelo Governo Revolucionário. Era o sargento Damião, revolucionário histórico, que tomara parte na jornada gloriosa de 22, fizera parte da Coluna Prestes e fora preso no Piauí com Juarez. Logo que chegou, ele foi à Prefeitura e depois a Junta sem mais aquela:

— Eu sou o sargento-Interventor. Venho expulsar do poder os oportunistas e os usurpadores das posições. A Revolução se fez para renovar os costumes políticos e regenerar a República. Não quero relações com reacionários. Aqui agora só há lugar para os revolucionários autênticos! E cá comigo, é na retranca!

A Junta Governativa não pegou o pincel na unha. Fez-se de desentendida. E, entregando a Prefeitura ao Sargento-Interventor, perorou com gravidade cívica, hipotecando à Revolução a solidariedade incondicional do povo honrado de Tijuca e do Batalhão Patriótico 3 de Outubro (o 15 de Agosto, por artes de pagelança, mudou de nome num abrir e fechar de olhos).

O Sargento-Interventor agradeceu sem cordialidade, e a Junta deposta retirou-se silenciosa, com dignidade patriótica, na certeza do dever cumprido.

Para fazer companhia ao Cel. Antunes, o Sargento-Interventor mandou meter na cadeia o Cel. Anastácio, o padre Arruda e o Telegrafista. Até que se apurassem as responsabilidades da Junta Governativa, sobre cuja administração provisória a Comissão de Sindicâncias fez escandalosa devassa.

Curtindo as agruras da prisão, onde se comia a bacaba que o diabo amassou, os quatro presos políticos confraternizaram. A solidariedade do sofrimento apagou no espírito deles todos os agravos antigos e todas as amarguras passadas. Já não eram agora inimigos, nem adversários: eram presos políticos. E todos, irmanados no martírio e no idealismo, só tinham olhos afinal para ver uma coisa: os superiores interesses da Pátria. Conversaram longamente. Conspiraram mesmo. Discutiram e examinaram, com serena isenção, a situação do País, no Estado e no Município. Entre eles, dentro de poucos dias, não havia mais a mínima divergência, identificando-os o mesmo ideal comum de ação política: trabalhar de mãos dadas por Tijuca, pela Pará e pelo Brasil! Tinham combinado formar no município, para esse fim, uma Frente Única.

No dia em que foram postos em liberdade — ufa! — depois de mês e meio de xelindrô, comunicaram aos amigos a sua inabalável resolução: iam fundar a Frente Única de Tijuca.

O Sargento-Interventor extremeceu nas bases. Ficou cobra. E berrou que nem um doido dentro do Salão da Prefeitura:

— Estou acostumado a comer político moqueado! Não tenho medo de caretas. Esse negócio de Frente Única, comigo é na retranca. Acabo com essas conspiratas, mas é a bofetões! Canalias!

Quando o Batalhão 3 de Outubro se perfilou na frente da Matriz, o Sargento-Interventor bufou de cólera. Mas ficou um pouco apreensivo.

— Será que aqueles carcomidos vão ter o topete de me depor? Que venham! Hei de recebê-los a bofetões! Canalias, comigo é na retranca!

E um alvoroço imprevisto encheu de nervosismo e confusão os arraiais revolucionários do Sargento-Interventor. Era visível a inquietação oficial. Terçados, rifles e bussarangas estavam mobilizados atrás das portas da Prefeitura.

— Que venham! Vou recebê-los a bofetões! Comigo é na retranca.

“Nós somos da Pátria a guarda, Fléis soldados”...

E o Batalhão 3 de Outubro, precedido da Filarmônica local, marchou para a Prefeitura. Atrás, com passo solene, iam os membros da Frente Única: o Cel. Anastácio, o Cel. Antunes, o Padre Arruda, o Telegrafista e o Juiz. A filha de Zé Seramby levava um bouquet de flores na mão e uma poesia para recitar, da lavra do professor Malagueta.

Sargento Damião, bufando de cólera, esperava. Estava certo de que ia ser deposto. Mas não queria dar parte de fraco. Desejava vender caro a vida!

— Que venham! Canalias! Mas uma coisa eu garanto: só tomam conta da Interventoria quando passarem por cima do meu cadáver.

Estava disposto a defender até o fim o prestígio da autoridade. Um herói da Revolução não podia ser desfeito. Era na retranca.

A chegada dos manifestantes tranquilizou-o, até certo ponto: escutou, no meio daquela barulha difusa de pancadaria da Filarmônica e da Canção do Soldado, um nítido — “Viva o Sargento-Interventor!”. Ainda pensou numa cilada. Ou numa pilheria. Em todo o caso, como a autoridade não tinha o direito de dar parte de fraca, ele botou a cabeça na janela, com ar heróico e desafiador, como quem diz: — “Estou aqui. O que é que querem?”

— Viva o Sargento-Interventor!

— Vivô-ô!...

As aclamações reboaram longamente, tranquilizadoras, comoventes, ao som do Hino Nacional e da Canção do Soldado, no silêncio cívico da Praça Tenente Landry.

A Frente-Única se formara, em Tijuca, explicaram então os Chefes, para cumprir um dever sagrado de civismo: para apoiar o governo honrado e patriótico do Sargento-Interventor, a cuja administração esclarecida a Revolução e o Pará deviam etc. etc. etc.

*Em passeios ao Sol
ou na praia...*

Proteja sua pele

contra sardas

e queimaduras

com LEITE DE COLONIA

Agora que as manhãs de luz convidam à praia e aos passeios ao ar livre, resguarde sua pele de sardas, queimaduras e manchas provocadas pelo sol intenso. Proteja-a com Leite de Colonia! Antes de sair para a praia... esportes ou pic-nic — e logo que regressar ao lar — aplique Leite de

Colonia sobre sua epiderme. Filtrando os raios solares, Leite de Colonia protege a pele da inelutabilidade do sol... poeira e intempéries... aumentando a sua suavidade... e dourando-a encantadoramente. Leite de Colonia limpa... protege... amacia... e refresca a pele.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Leite de Colonia
O EMBELEZADOR DA MULHER



'Irei ao Rio com Bing Crosby!'

(Continuação da pág. 21)

Bob Hope, além de ter trabalhado intensamente nessa película, confessou-me que ainda encontrou tempo para trabalhar no seu terceiro livro. E' que agora ele virou escritor. Pudera! O seu segundo trabalho publicado sob o título humorístico de "Nunca sai de casa" (I never left home) rendeu ao artista (e escritor) muito dinheiro. Foram vendidos três milhões de exemplares! O seu próximo livro será intitulado "Civilians with privilege" (Civis privilegiados).

Quando interroguei Bob Hope a cerca dos seus planos para o futuro, ele assegurou que estava pensando em desenvolver suas atividades no sentido de divertir os mutilados da guerra e combatentes que ainda se encontram internados em hospitais. E acrescentou-me que fará uma viagem a Tóquio, com o fim de "observar como é que vai aquilo depois da derrota do "Invicto" Império do Sol Nascente"...

STANDARD
CRB 115

FEDERAL
CRB 165

INCA
CRB 285

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peçam catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó nº 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CRB 150

CAPITAL
CRB 265

BRASIL
CRB 300

CANCER

1ª instalação de radioterapia à super-voltagem (400.000 volts) nos Estados de S. Paulo, Rio, Dist. Federal e Estados do Sul.

DRS. FORTES e AZZI

R. B. Itapetininga, 139 — Fone 4-0394 — São Paulo

Triunfo o Cinema Mexicano

(Continuação da pág. 48)

ele acabam de aparecer juntos em uma nova película, produzida pelo estúdio Grovas.

"La selva de fuego" conseguiu juntar esse par de astros que são Dolores del Río e Arturo de Cordoba, para fazer da interpretação dessa película algo de definitivo até hoje não alcançado pelo cinema mexicano.

A alta classe de Dolores del Río e Arturo de Córdoba, já reconhecida por todo o mundo cinematográfico, traduziu-se em uma interpretação verdadeiramente admirável, e correspondeu aos felizes augúrios que se fizeram quando foram dados a conhecer os nomes de ambos os artistas para os papéis principais de "La selva de fuego". Esses nomes foram a garantia do êxito que haveria de alcançar essa película.

"La selva de fuego", a melhor produção mexicana, que será brevemente apresentada no Rio pela "Difilmes", agradará em chelo a todos os espectadores atraídos não só pela arte cinematográfica, como também pelos profundos problemas humanos que estuda na sociedade atual.

Assalto ao pomar de dona Quitéria

(Continuação da pág. 23)

Começamos então a transportar os tijolos para o ponto onde se achava a escada, cuja ponta emergia de fora. Em pouco, havíamos construído um pedestal que atingia quase o meio do muro. Mais alguns momentos, e estaríamos do lado de fora.

— Pronto! — exclamou Zé Vicente, dando por terminada a obra. "Vamo" experimentar a escadinha? E subiu ligeiro. Em um segundo, estava no alto do muro, acenando-nos, para que o seguissemos. Logo depois, ouvimos-lhe o baque e os passos rápidos, do lado de fora, na rua, engulindo, tranquilo, as últimas jaboticabas dos bolsos. Antenor seguiu-o logo.

— Adeus! — gritou o pretinho para mim, despedindo-se, com malícia. E saltou, lépido, para a rua. Ouvi-lhe os passos apressados, afastando-se.

Iniciei, sem demora, a escalada, não inteiramente convencido de que pudessemos invadir o pomar de dona Quitéria e roubar-lhe, impunemente, as frutas. E eu pensando que aquilo fosse talvez mais bem guardado do que o "Velocino de Ouro"! E nem um cachorro. Nem mesmo um miserável vira-lata! Sorri, com desprezo, vencendo mais um degrau da escada improvisada. Mas, parei, aterrado. Ouvira, distintamente, um rosnar surdo, acompanhado de pisadas mansas nas folhas secas. Olhei para trás, o coração aos pinotes. Nada via. Enganara-me, por certo. O nervosismo faz a gente ver fantasmas ao meio-dia. Outra vez o rosnar, mais próximo agora. Fiquei pregado onde estava, sem poder prosseguir. Perscrutando o quintal em todas as direções. Com medo de continuar a escalada. Se virasse as costas, o animal me cairia de dentes em cima. No entanto, não via coisa nenhuma, por mais que procurasse. De repente, as folhas estalaram a cinco passos. E vi, então, sem poder acreditar... dona Quitéria! Surgira de inopino, de entre a folhagem, como camaleão, puxando por uma grossa corrente um enorme buldogue côr de azeitona. Senti-me perdido. A velha ia soltá-lo sobre mim. Em dois tempos, estaria devorado. Sim, um cão como aquele comeria até um boi. Pensei em minha mãe. (Nos momentos de aflição sempre pensava em minha mãe). Coitada! Estava longe de imaginar que o filho, seu único e querido filho, estava tão próximo da morte. E que morte! Devorado por aquele terrível cachorro. Espiei-o de soslaio, com medo de encará-lo. Que olhar feroz! Desviei depressa os olhos. Lembrei-me de Zé Vicente e Antenor. Patifes! Abandonar-me daquela maneira. Tomara que "seu" Onofre desse uma surra no Zé Vicente. daquelas de tirar bicho. Mas, vi "siá" Rita deslizando para o quintal, com o choro manso, coitada! Desejei que o velho não desse a surra no Zé.

— Desça daí — intimou dona Quitéria, apontando o degrau onde me encontrava.

Quis obedecer, mas o cão ameaçava-me com o olhar. Dona Quitéria compreendeu, felizmente, o meu susto. Afastou-se alguns passos e amarrou o molosso no tronco de uma



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

goiabeira. Voltou e repetiu a ordem. Desci, mais aliviado, mas ainda assim apreensivo. Que queria ela?

— Aproxime-se, ordenou, enérgica.

Aproximei-me, sem poder esconder de todo o meu temor. "Vai dar-me uma surra", pensei. Sim, vai bater-me. Apanhará uma vara daquele marmeleiro, e me dará uma sova. Preferi isso, a ser devorado por aquele cão do inferno.

— Quantos anos tem? — perguntou-me dona Quitéria, beliscando-me de leve o queixo, a voz doce.

Olhei-a, espantado, sem compreender. Seu olhar era manso, quase terno mesmo. E de seu lábios parecia querer aflorar um sorriso bom. Estava aturdido. Então, depois de me apanhar no seu quintal, roubando-lhe os melhores pêssegos, aquela mulher ainda podia ser tão compassiva? Devia ser uma cilada. Queria conquistar-me a confiança, iludir-me. Depois, me desceria a vara de marmeleiro no lombo, sem piedade.

— Doze anos — respondi, sorrindo sem graça.

— Doze anos! — repetiu ela, olhando para o céu, como se falasse sózinha. Doze anos! Teria também essa idade... e devia ser assim mesmo, gordinho e corado, os cabelos louros em desalinho...

Vi duas lágrimas escorregarem pela face enrugada da velha. Ela enxugou-as, rápida.

— Quando quiser mais pêssegos — disse-me, conduzindo-me pela mão ao portão largo — entre por aqui. E repetiu a carícia no meu queixo.

Atravessei, sem nada compreender, o portão aberto de par em par. Na rua, voltei-me e espiei.

Dona Quitéria, imóvel no mesmo lugar, continuava enxugando as lágrimas que teimavam em deslizar pela sua face magra e enrugada...

REGULADOR XAVIER

* O remédio de confiança da mulher *

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:



N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

A vida de William James

(Continuação da pág. 11)

tual. Não é um registrador mas um incitador de nossas idéias. E' o nosso mestre e o nosso guia para um mundo mais livre, mais justo e melhor.

E isto conduz James à sua filosofia do "melhoramento" ou "meliorismo". Admitamos, para começar, disse ele, o fato de que o mundo está cheio de males. Mas, precisamente por causa desse fato, achamos que a vida vale a pena ser vivida. Pois, a presença do mal, deu-nos o que de mais precioso possuímos — a esperança. A esperança é aquela atividade moral que nos incita a desafiar e a vencer o mal. Dá-nos a coragem para "aceitar o mundo esforçadamente". Os filósofos que declaram que o mundo está se aperfeiçoando "independentemente" de nossa vontade, andam tão errados quanto aqueles que sustentam que o mundo continuará mau, apesar da nossa vontade. Unicamente nós, podemos melhorar o mundo, e podemos fazê-lo "por causa" da nossa vontade.

Porque este mundo não é uma unidade acabada mas "uma agregação de elementos separados e contraditórios". E aqui, chegamos ao segundo ponto da filosofia de James — o seu "pluralismo". Não é o mundo um uni-verso mas um multi-verso — um conflito de correntes, algumas boas, outras más. Devemos todos tentar subjugar as más e firmar as boas. E' certo o êxito? Não. E' possível? Decididamente sim. Mas se o êxito é apenas possível na melhor das hipóteses, de que vale lutar? A essa pergunta, dá, James, uma resposta que não difere da dos antigos estoicos. A simples possibilidade de triunfar enobrece e empresta-lhe valor. "Suponde", escreve James, "que o autor do mundo vos apresentasse o caso antes da criação, dizendo: Vou fazer um mundo cuja salvação não está assegurada, cuja perfeição será meramente condicional, devendo, para alcançá-lo, fazer, cada um dos diversos agentes, "o melhor que puder". Ofereço-vos a oportunidade de participar de um tal mundo. A sua segurança, como vêdes, não é garantida. E' uma verdadeira aventura, com perigos reais, mas pode ser que se obtenha a vitória... Estais dispostos a tomar parte na procissão? Confiareis em vós e nos demais agentes, o bastante para enfrentar o risco?

"Sentir-vos-eis, com toda a sinceridade... inclinados a rejeitar a oferta por pouco segura?... Se sois normalmente constituído não a recusareis. Existe uma sadia vitalidade na maioria de nós a que um tal universo quadraria com precisão... Seria como o mundo em que, praticamente, vivemos, e a lealdade para com a Natureza, nossa velha ama, impedir-nos-ia de dizer não".

Esta é a velha doutrina estoica, acrescida do moderno espírito americano. E' uma alegria lutar a boa luta mesmo que seja duvidoso o resultado. E, enfim, quanto esse resultado possa ser duvidoso para o indivíduo, é absolutamente certo que para a raça, será vitorioso pois temos um aliado eficiente ao nosso lado — Deus. Na filosofia pluralística de James, Deus não é supremo. E' apenas uma, entre as múltiplas forças divinas, "um colaborador... no meio de todos os modeladores do grande destino do mundo. Mas é "primus inter pares". E' o nosso mestre, o nosso chefe, o nosso amigo, na gloriosa luta por um mundo melhor.

Continuemos, pois, com a ajuda de Deus, a lutar galhardamente. Moldemos

o mundo segundo as nossas necessidades. Em outras palavras, vivamos, uma vida prática. E este é o terceiro e o mais importante ponto da filosofia de James — o seu pragmatismo. O mundo que habitamos não é uma hipótese, mas uma realidade. De fato é um conglomerado de muitos fatos reais. Não existe o que se possa chamar "a" verdade. O que denominamos uma verdade é, simplesmente, uma hipótese em atividade, um instrumento temporário que nos permite transformar um pouco de caos em um pouco de ordem. O que ontem foi verdadeiro — ou seja, o que ontem foi "útil" — pode não ser verdadeiro hoje. As velhas verdades, como as velhas armas, tendem a enferrujar-se e a se tornarem inúteis.

Não é prático, por conseguinte, tentar reduzir o universo a um "fato absolutamente simples". A verdade é relativa. Tudo depende do nosso ponto de vista individual, e nenhum de nós tem o direito de dizer que o "seu" ponto de vista é o único certo. "Nem o conjunto da verdade nem o conjunto do bem é revelado a um só observador, muito embora receba, cada observador, uma superioridade parcial de discernimento consequente da posição particular em que se encontra". E essa superioridade de dis-

cernimento que cada indivíduo recebe para si é o melhor instrumento na luta pelo melhoramento do mundo. A fé, a igreja, o Deus de cada homem representam a verdade quando lhe permitem resolver os seus problemas cotidianos.

Por conseguinte só é verdadeira aquilo que na prática é vantajoso. Só é boa uma idéia quando tem "valor em moeda corrente". Não confundamos, contudo, o "valor em moeda corrente" do pragmatismo de William James, com o crasso materialismo de nossa moderna vida de negócios. A cunhagem do capital filosófico de James não era financeiro, mas moral. Ele observava, com superioridade, a doida corrida de seus contemporâneos para a acumulação de mera riqueza. Verberava seus concidadãos americanos por adorarem "essa deusa prostituta, o sucesso". Era o seu pragmatismo, uma impulsão ética e, portanto, prática, para a cooperação entre os membros livres de uma sociedade democrática. O significado da vida, cria ele, não reside numa luta unida da humanidade contra as forças do mal.

O pragmatismo, disse James, não se socorre de abstrações. Manipula apenas "realidades concretas". Não se trata, na estrita acepção desta palavra, de um sis-

tema de filosofia. E' mais um "método para chegar às consequências práticas" de todos os sistemas filosóficos. Para citar o filósofo italiano Papini, o pragmatismo de James é "uma coleção de atitudes, e a sua principal característica é a sua neutralidade, armada no meio das doutrinas. E' como um corredor num hotel do qual se abrem centenas de portas para centenas de quartos. Num deles pode se ver um homem ajoelhado, orando para que lhe seja dado recuperar a fé; noutro, uma escrivãzinha à qual está assentado alguém que anseia por destruir todas as metafísicas; num terceiro, um laboratório com um investigador à procura de novas bases de operações que o levem à direção de mais dilatados horizontes. Mas o corredor pertence a todos".

★

O corredor pertence a todos. Este é o verdadeiro fundamento da filosofia de James. Não foi propósito seu, apresentar-se como fundador de uma nova escola mas como guia para a interpretação prática das velhas escolas. Não desejava ser um mestre e não procurou discípulos. Reiteradamente, citava aos alunos a passagem de Ezequiel: "Filho do

O sonho que se tornou realidade!...

★ AGUA DE COLÔNIA
★ BRILHANTINA
★ EXTRATO
★ LOÇÃO
★ OLEO
★ PO DE ARROZ
★ TALCO

Perfume
Rêve Rose
de GALLY

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Alimenta a pele — Contra as rugas
A VENDA EM TODA PARTE

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Homem, ergue-te sobre os teus pés e eu falarei contigo". Que cada homem viva sobre o seu próprio capital espiritual. Que cada qual permaneça fiel à sua própria verdade. Tudo que James desejava fazer consistia em estimular o espírito do homem, libertar a vontade do homem e encorajar a ação do homem. Acima de tudo, desejava alargar os interesses do homem. Porque ele mesmo era um homem de largos interesses. A sua própria corrente de consciência abrangia grande parte da corrente geral da vida. Levantou a voz contra a injusta opressão de Dreyfus; pleiteou uma distribuição mais equitativa, da riqueza; atirou-se ativamente aos movimentos de toda a casta em prol do bem-estar humano; e destacou-se em solicitar um equivalente moral para a guerra — isto é, um esforço coordenado para abolir enfermidades, drenas pantanos, irrigar canais, civilizar regiões incultas em vez de uma luta organizada para matar homens. Desejava, em resumo, abrir para os outros, como abria para si mesmo, "o universo inteiro, como uma aventura". E transformou o universo num panorama familiar, iluminando-o para os seus alunos, com a súbita refulgência das compreensões, a frase feliz, o chiste socrático. "O universo", disse ele em uma de suas aulas, "nunca será completamente bom enquanto existir um ser infeliz, enquanto uma pobre barata sofrer as penas de um amor não correspondido".

Procurava tornar suas idéias sempre pitorescas, concretas, vivas. Classificava-as de tal maneira, que os ouvintes podiam guardá-las em seus espíritos como peças de roupa bem dobradas num guarda-roupa, prontas para serem usadas a qualquer momento, sem nenhuma confusão ou atralhação. Descrevendo, por

exemplo, a atitude de vários tipos de pessoas em relação ao mundo, dividia-as em dotadas de espírito forte e dotadas de espírito delicado. As primeiras, dizia, eram homens frios de negócio, os construtores, os chefes políticos, os realistas, os homens de ação. As segundas, por outra parte, eram os visionários sensíveis, os sonhadores, os poetas, os artistas, os idealistas, os homens de pensamento. Ele, James, não era exemplo de nenhum desses tipos extremos. Era, ao contrário, uma síntese admirável, de ambos. Era dotado de um espírito sadio.

Seu corpo não era da mesma tempera. Durante toda a sua vida adulta, padecia de uma fraqueza do coração. Por ocasião de uma de suas férias de verão, perdeu-se nos Adirondacks. Esforçou-se, em demasia, para encontrar de novo o caminho e quando, por fim, chegou à casa, teve um colapso.

Embora se restabelecesse dessa enfermidade, nunca voltou a ser o que fora. Em 1907 demitiu-se da faculdade de Harvard devido à sua saúde precária. Viveu, ainda, apenas o suficiente para fazer uma excursão à Europa. Esperava que fosse uma calma e imperturbável viagem de saúde, mas ela transformou-se numa comovente procissão de triunfo. Em toda a parte seguiam o "Professor Weelyam Yams" com aclamações, em toda a parte insistiam para que aparecesse em público.

Foi demasiada a prova para o seu coração enfraquecido. Ao tomar o navio de volta à América (no verão de 1910) toda a gente sabia que os seus dias estavam contados.

Ao aproximar-se do termo de sua jornada deixou-se cair sobre a sua poltrona de viagem e murmurou, "E' tão bom voltar para casa!"

(Do livro "Vidas de grandes filósofos").



QUE PENTEADO
VOCÊ USA?

SISTEMA *Chrome farpado?*

Há muitos fixadores baratos aparentemente o que deixam o cabelo aberto ou eriçado parecendo arame farpado... Use Brylcreem que, sendo produto de qualidade, não é caro porque rende muito mais! Brylcreem foi submetido a todas experiências em cerca de 60 países onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente. Com Brylcreem no seu cabelo você estará sempre penteado. Fixa ao natural, sem colar ou grudar. Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, mantendo-o suave e sedoso. Não obstrói os poros, evita a queda e a caspa. É produto científico! Não se esqueça de que a qualidade do seu penteado reflete sua distinção pessoal! Use na sua cabeça o que a sua cabeça vale!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador de cabelo



Ruy Correia, que acaba de bacharelar-se em ciências e letras, pelo Externato Barão de Mesquita.

"RIGOLETTO", UMA QUEDA E UMA "EXIBIÇÃO"

O grande, o definitivo sucesso de Rafael de Falchi veio o "Rigoletto". Entretanto, era ali que predominavam os seus defeitos. Porém, na verdade, como estes iam lado a lado com as qualidades que o destacam como um dos melhores elementos do elenco, bem feitas todas as contas ele ainda tinha um saldo considerável a seu favor.

E' preciso observar, entretanto, que esse saldo ele o perderá brevemente se não tomar urgentes providências a respeito de sua voz. Em primeiro lugar, o próprio brilho de seu canto, desaparecerá, se não passar a usá-lo com um maior senso artístico. A experiência lhe trará, esperamos, o amadurecimento das qualidades que, por enquanto, espontaneas e efusivas, nos encantam, mas que passarão a desgostar-nos se não sofrerem uma depuração maior, com o tempo.

Bernard Shaw disse, certa vez, ao ouvir uma obra de Grieg, que ela seria imperdoável se o compositor fosse um homem de mais de trinta anos. O mesmo poderíamos dizer do "Rigoletto" de Falchi. Para um cantor experimentado, senhor de sua arte, seria imperdoável. Nas condições em que se apresentou, com sua sobrecarga de exagero na parte cênica, com os "portamenti" que enfeiam o canto, com todos os recursos tão desastrosamente juvenis do "soluçado", nas tenutas, da pura e simples exibição, ainda assim ele se impôs, porque havia um dom excepcional e ainda incontrolado, que o singulariza, uma extraordinário vigor e uma desesperada sinceridade em todas

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja



A senhorita Irene Condon, que acaba de bacharelar-se pelo Ginásio Mariz e Barros.

Opera até debaixo d'agua

(Continuação da pág. 9).

o Municipal nestas últimas temporadas. Se alguma coisa o notabiliza, serão certamente os pulinhos que dá e as corridinhas em cenas, de um ridículo lastimável.

Armando Dado, cuja voz nada tem de excepcional, foi um Giorgio Germont discreto, assim como mais tarde seria um Scarpia satisfatório.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

as suas falhas que as tornam aceitáveis, até certo ponto, magnetizando o público, o ouvinte, e tornando a operação do espírito crítico, um trabalho que só "a posteriori" vai apontando as faltas acumuladas. O seu "Rigoletto" convence principalmente porque ele traz aquela notável capacidade de entusiasmar-se como o drama que está encarnando.

Ao seu lado, Mario Filipeschi, menos feliz do que na "Boêmia", desafinou mais de uma vez.

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Seu primeiro vestido

(Continuação da pág. 18).

tos, risadas, e por um momento a confusão foi grande. Zulmira procurou equilibrar-se mas foi espremida entre dois senhores que não perderiam muito para um touro. Depois tudo voltou a uma calma aparente. O bonde continuou na sua marcha normal ao longe da avenida. Zulmira pensou no vestido. É verdade. Na sua pressa nem se lembrara de escolher a cor da fazenda. Verde devia ficar-lhe muito bem. Verde não. Encarnação era melhor. Dava logo na vista. Só assim podia ser que as filhas de seu Joca olhassem para ela. Afinal pensaria no caso quando chegasse na loja. Um freio brusco do bonde impelindo os passageiros para frente, fê-la sair de seu pensamento. Empurrada por alguém atrás, achatou-se contra o motorneiro que soltou uma imprecação. Ela corou de novo e olhou em redor desconfiada. Um rapazinho, talvez um estudante, pregava-lhe os olhos em cima como se quisesse despi-la.

— Faz favor, mocinha?

Zulmira tomou um susto e procurou o dinheiro na bolsa. Onde estaria? Tinha a certeza de que trouxera um cruzeiro para a passagem de ida e volta e agora não conseguia encontrá-lo. Revolveu a bolsa, tirou todos os objetos de dentro e sacudiu-a para baixo. Isso tudo com grande pericla, pois ali dentro só um acrobata de circo poderia se mover com facilidade.

— Depressa, senhorita. Tenho que cobrar dos outros passageiros.

Ela atrapalhou-se. Parecia a primeira vez que saía de casa.

— O senhor me desculpe, mas não consigo encontrar o dinheiro miúdo. Só tenho essa de vinte. Serve?

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
A VENDA EM TODA PARTE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

SURGE UMA NOVA ESTRELA

Após os estrondosos aplausos que acolheram o "Rigoletto", era difícil imaginar uma consagração ainda mais recente, um delírio do público ainda mais completo. Tudo isso aconteceu, quando Elizabetta Barbato cantou a "Tosca". Sua voz dúctil e aveludada enfrentou galhardamente a tessitura do papel, vencendo todas as dificuldades, com rara propriedade emprestando ao seu papel uma riqueza prodigiosa de voz e atitudes, numa criação de extraordinário brilho.

A Elizabetta Barbato faltam, somente, uns retoques na parte cênica, que ainda padece de alguns senões facilmente elimináveis, para completar-se, como cantora lírica.

— Não tenho troco, — respondeu aborrecido o condutor. — A senhora está pensando que isso aqui é banco?

Ela colocou tudo na bolsinha novamente e gemeu outra desculpa. O condutor não lhe prestou atenção e saiu afobado rompendo a floresta humana. Uma senhora bem nas suas costas exibiu a sua bronquite cusplindo os passageiros. Ela voltou e teve vontade de aplicar um tafebe naquela boca mole que não tossia dentro de um lenço. Será que não chegaria nunca? Finalmente sentiu a catinga da maré. Devia estar atravessando a

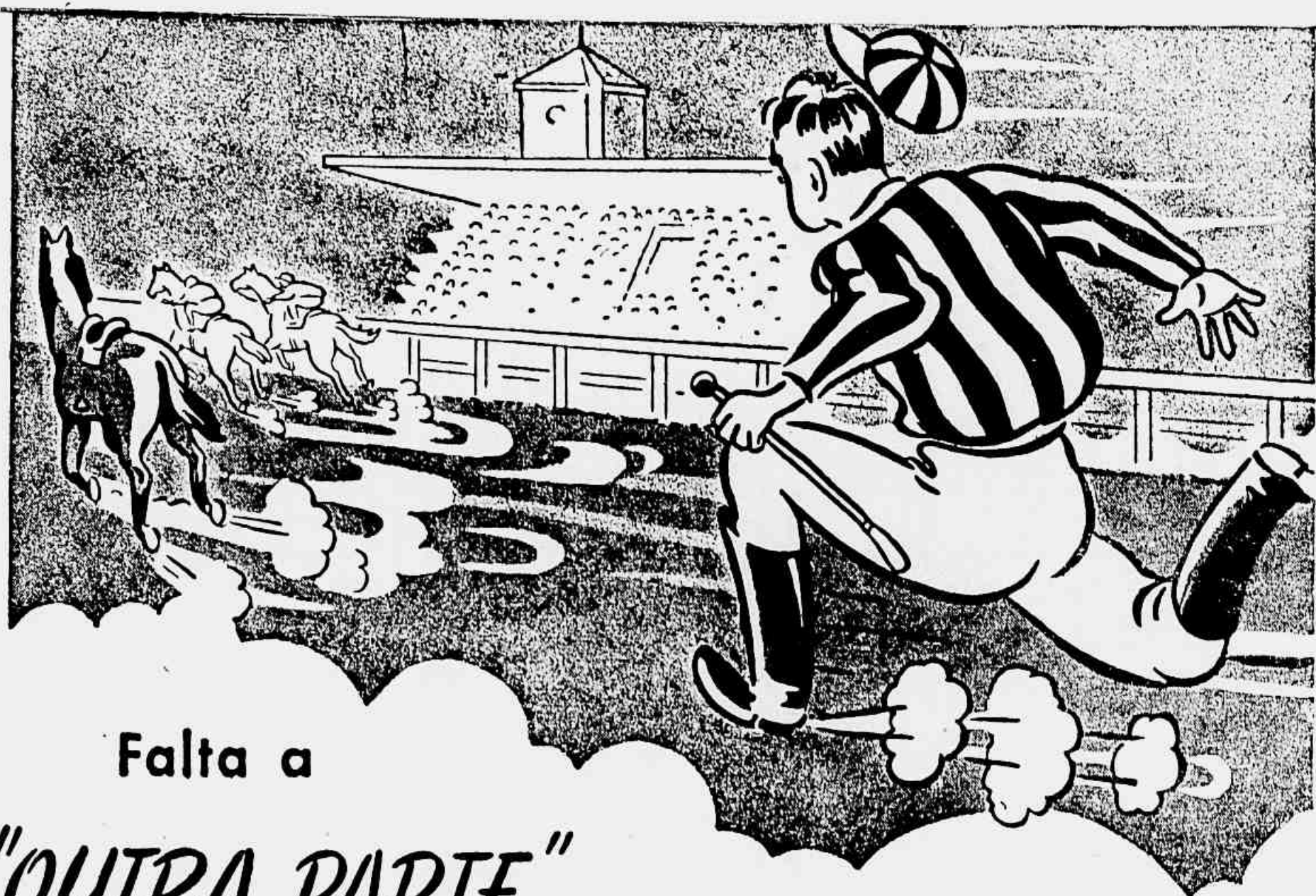
ponte da Boa Vista. Finalmente o bonde freiou. Ouve uma confusão terrível. Havia os que queriam descer e os que queriam entrar, e sem olharem idade ou sexo, esmagavam-se uns nos outros, soltando desaforos e jogando empurrões.

Zulmira quis esperar que tudo voltasse a normalidade mas foi envolvida no rugo-rugo. Quando se viu na calçada, suspirou. Finalmente estava livre daquela tortura. O estudante ainda lhe olhava da janela do carro com uma certa ousadia. Ela acanhou-se e procurou a bolsinha. Seu coração gelou. Não estava mais

nas suas mãos. Com certeza caíra dentro do bonde e ela não percebera. Mas como podia procurá-la? As lágrimas já vinham aflorando-lhe nos olhos quando uma senhora bateu no seu ombro:

— Deixou cair sua bolsinha na calçada. Tenha mais cuidado com o que leva.

Derreteu-se em agradecimentos. Segurou a bolsinha com força temendo que ela fosse fugir novamente. Seu corpo franzino parecia ter-se tornado ainda mais leve e ela pisava com força no chão recelando lançar-se no ar. Contou o dinheiro. 60 cruzeiros. Ainda estavam



Falta a
"OUTRA PARTE"

...quando **MALZBIER da BRAHMA**
falta às suas refeições!



Não há dúvida! Malzbier da Brahma é sempre a indispensável e saborosa "outra parte" das refeições. E que grande falta ela faz quando a mesa carece de algum alimento básico!... Porque Malzbier da Brahma completa e equilibra qualquer refeição. Rica em malte e levemente doce, Malzbier da Brahma é a cerveja que aumenta o poder nutritivo do seu lanche, almoço ou jantar. Não deixe, pois, faltar em sua mesa a deliciosa e energética "outra parte" da sua refeição... a Malzbier da Brahma.



**COMPLETA E
EQUILIBRA
suas refeições**

BM-1

Record

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE A LIONIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA - PORTO ALEGRE

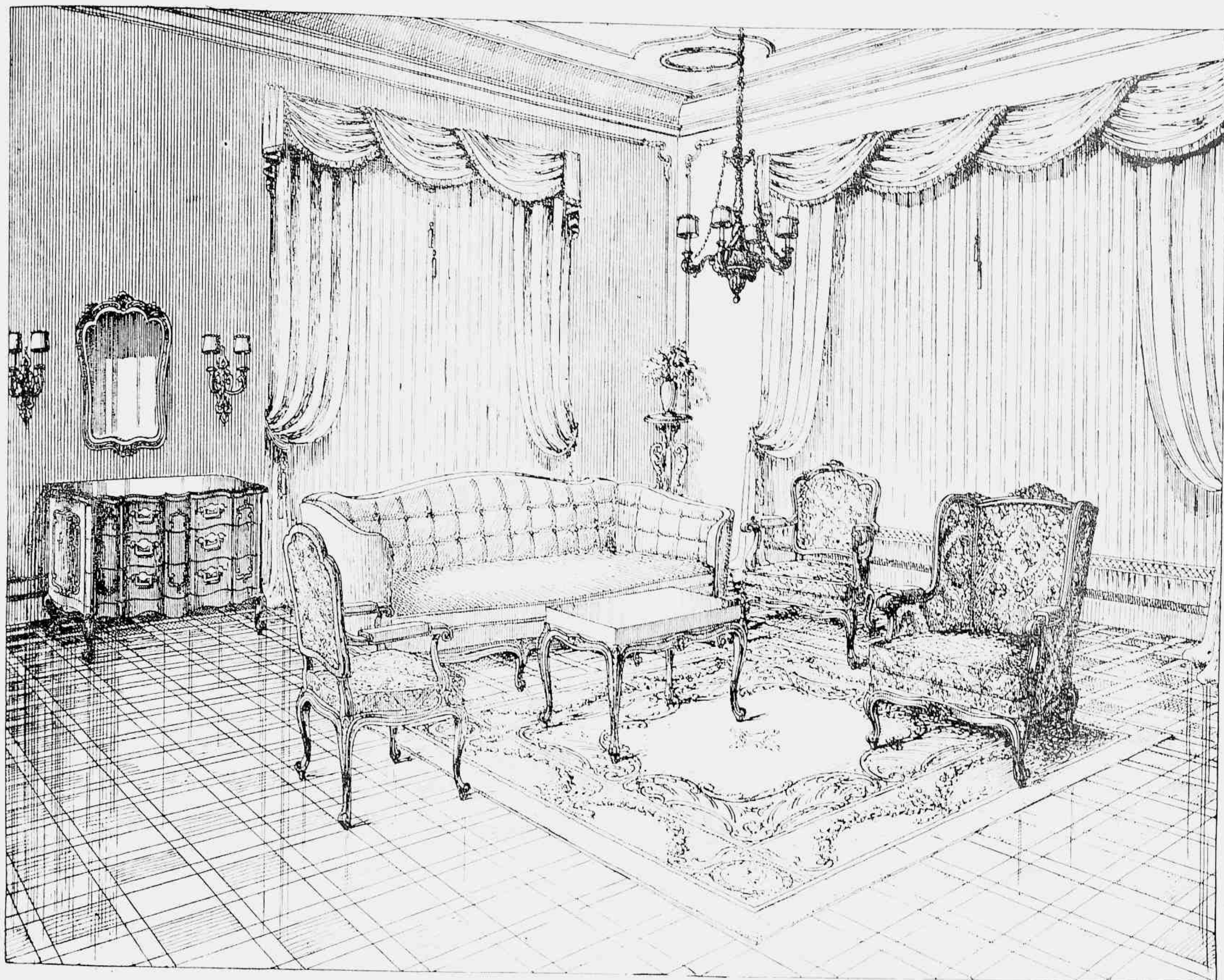
Na "Aida", a timidez ou hesitação em certos momentos, não no canto, sempre seguro, demonstrando a sua boa escola, mas na parte dramática, corria por conta do papel. A "Tosca", porém, exige, para ser perfeita, um domínio absoluto, uma segurança e uma serena imponência no comportamento em cena que a extrema mocidade da cantora, assim como a inexperiência, ainda não lhe conferiram.

Esses reparos, entretanto, não chegam a comprometer a sua interpretação, coroada com a aclamação do público que, de pé, exigiu que ela voltasse dezenas de vezes para agradecer os aplausos.

Mario Filipeschi, recobrando o domínio sobre sua bela voz, teve, depois do relativo insucesso do "Rigoletto", momentos de excepcional emotividade, traduzidos com ex-

pressivo calor, discretamente, no que diz respeito à sua atuação dramática — qualidade rara num cantor italiano — e muito feliz nas principais árias. A célebre "Vittoria" grangeou-lhe uma ovação e o "E Lucevan le Stelle" foi bisado.

Armando Dado, ainda que não tivesse o mesmo sucesso de seus companheiros, não desmereceu, esforçando-se por colocar a sua interpretação num nível elevado, o que, de uma maneira geral, conseguiu, suprimindo os senões observáveis com uma aguda percepção das possibilidades do papel, sem, contudo, exagerar a truculência do seu Scarpia, nem tirar os seus "efeitos" a custa de recursos menos recomendáveis.



SALÃO LOUIS XV

Ornamentada com sobriedade, esta sala de estar apresenta entretanto um aspecto luxuoso e elegante. Na parede, apenas um espelho, ladeado por "abat-jours". A um canto, uma mesa alta serve de aparador para um grande jarro ou outro qualquer objeto ornamental. A mesa do centro é quadrada e de pés arqueados, como as poltronas que a cercam. O sofá é forrado com um tecido claro e as poltronas com um estampado alegre, formando assim um contraste delicioso. Cortinas de seda e um tapete no estilo, completam a decoração do ambiente.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz